



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

DOUGLAS VITTO

**ENTRE PAISAGEM DO MEDO E CASULO PROTETOR:  
IMAGINÁRIO E EXPERIÊNCIA GEOGRÁFICA NOS BAIRROS  
UNIÃO DA VITÓRIA E VISTA BELA, LONDRINA-PR**

---

Londrina  
2021

DOUGLAS VITTO

**ENTRE PAISAGEM DO MEDO E CASULO PROTETOR:  
IMAGINÁRIO E EXPERIÊNCIA GEOGRÁFICA NOS BAIRROS  
UNIÃO DA VITÓRIA E VISTA BELA, LONDRINA-PR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual de Londrina - UEL, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof. Jeani Delgado Paschoal Moura

Londrina  
2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Vitto, Douglas Vitto.

Entre paisagem do medo e casulo protetor: imaginário e experiência geográfica nos bairros União da Vitória e Vista Bela, Londrina-PR / Douglas Vitto Vitto. - Londrina, 2021.  
150 f.

Orientador: Jeani Delgado Paschoal Moura Moura.  
Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Exatas, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2021.  
Inclui bibliografia.

1. Paisagem do medo, casulo protetor, imaginário e experiência - Tese. I. Moura, Jeani Delgado Paschoal Moura. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Ciências Exatas. Programa de Pós-Graduação em Geografia. III. Título.

CDU 91

DOUGLAS VITTO

**ENTRE PAISAGEM DO MEDO E CASULO PROTETOR:  
IMAGINÁRIO E EXPERIÊNCIA GEOGRÁFICA NOS BAIRROS  
UNIÃO DA VITÓRIA E VISTA BELA, LONDRINA-PR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual de Londrina - UEL, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Jeani Delgado Paschoal  
Moura  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof. Dr. Eduardo José Marandola Junior  
Universidade Estadual de Campinas - Unicamp

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Letícia Carolina Teixeira de Pádua  
Universidade Federal dos Vales do  
Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Léia Aparecida Veiga  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 18 de maio de 2021.

Àqueles que são União da Vitória e Vista Bela,  
Londrina, Paraná, Brasil.

## **AGRADECIMENTOS**

Esta dissertação é reflexo das experiências geográficas na paisagem que me constitui enquanto habito e dos contatos com pessoas que não habitavam nela. Experiências geográficas que, sem eu notar, influenciaram minha escolha pela Geografia e pelo tema desta pesquisa. Disciplina e temática que estudo, vivo e me encantam. Sou profundamente grato a essa paisagem que está enraizada em minhas memórias e em meu coração, constituindo meu ser e que possibilitou eu pensar em outras paisagens. Sou extremamente grato aos lugares e pessoas que marcaram minha trajetória acadêmica e pessoal ao longo desses anos.

A Universidade Estadual de Londrina, ao Departamento de Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia e professores, que permitiram eu chegar até aqui apontando caminhos possíveis de serem trilhados dentro da Geografia.

Sou profundamente grato à professora Jeani Delgado Paschoal Moura, que aceitou mergulhar comigo nessa pesquisa, orientando, acolhendo, aconselhando-me e estando aberta ao diálogo. Ela sempre esteve presente em minha trajetória acadêmica. Orientadora que se tornou amiga. MUITÍSSIMO obrigado por tudo que construímos juntos e por acreditar em mim.

Ao Grupo de Estudos e Pesquisa Café com Leitura - Fenomenologia, Geografia & Educação e seus respectivos membros (especialmente as professoras Lúcia Helena Batista Gratão e a Jeani Delgado Paschoal Moura por me acolherem inicialmente) com os quais construí amizade e tenho muito carinho. Participar desse grupo possibilitou eu conhecer um pouco mais a Geografia Humanista de base Fenomenológica e conseqüentemente me encantar por ela. Obrigado por propiciar o compartilhamento de leituras, encontros, trocas de ideias, felicidades e angústias.

Obrigado, Falcão, Helena, Julia, Gabriela, Tina Turner e Cândida! Por meio de suas narrativas me lancei em meio a diversos Vista Bela desconhecidos para mim. Obrigado, Matheus, Carmem, Theo, João, Gabriela e Maria! Sou muito grato por compartilharem suas experiências e me permitirem mergulhar nos Uniões da Vitória que estavam velados para mim. Suas narrativas permitiram compreender o União da Vitória e Vista Bela para além do bairro, lembrando a paisagem de Besse (2014) que se deixa ver e pela qual se descobre as dimensões de seu ser que se abre para além do olhar.

Aos professores da banca, Eduardo José Marandola Junior, Letícia Carolina

Teixeira de Pádua e Léia Aparecida Veiga, que aceitaram participar deste trabalho contribuindo para o desenvolvimento da pesquisa. Profissionais os quais tenho grande admiração.

Aos participantes do formulário *on-line*, registrando suas experiências indiretas acerca da violência nos bairros em foco. E aqueles que constituem e são constituídos pelo União da Vitória e Vista Bela ao aceitarem conversar relatando algumas experiências cotidianas.

Ao 2º Comando Regional de Polícia Militar do Paraná por disponibilizar os índices de roubo em Londrina por bairro dentro do período de 2011 a 2019.

Ao professor de Geografia Alan Alves Alievi que contribuiu por meio da elaboração dos mapas.

Ao artista João Paulo Pelizer Pucca que, por meio de sua sensibilidade, elaborou os quadrinhos de abertura dos capítulos.

Aos meus pais e minha vó, que sempre apoiaram os caminhos que trilhei e estou trilhando. Meus centros de significado, aconchego e afeto, meus casulos protetores. Pessoas que, mesmo diante das adversidades, sempre tentaram me propiciar segurança.

Ao amigo Felipe Cordeiro Dias pelo abstract dessa dissertação. A amiga Vitória Akemi Rodrigues Yoshida pelos abstracts dos artigos publicados durante minha trajetória na pós-graduação.

Ao amigo Jonas Passos da Silva pela correção ortográfica e gramatical.

Aos amigos Larissa Alves de Oliveira, Danieli Araújo Barbosa, Débora Jurado Ramos, Regina Magno Franco, Jéssica Bianca dos Santos, Matheus Balieiro, Thiago Tolentino Sanches, Rei Kuboyama, Ariel Pereira, João Pucca, Guilherme Pereira Cocato, Thiago Tolentino Sanches, Matheus Romagnolli, Bruna Diniz, Nathalia Mansour, Ricardo Lopes Fonseca, Paola Belozo e Camila Storto, pelas conversas, risadas, indagações, indignações, viagens, encontros na sala de aula, na mesa do bar ou via remota. Os diálogos, sugestões e observações contribuíram direta ou indiretamente para pensar a temática e construção da pesquisa. E aos adoráveis amigos da Comissão da Balbúrdia por deixarem os dias pdesados mais leves.

Por fim, finalizo agradecendo as energias do universo por nessa vida eu ter conhecido os bairros, paisagens e pessoas que me possibilitaram pensar na pesquisa. Pessoas, bairros e paisagens que estão marcadas em mim.

Obrigado!

[...] manter nossos ouvidos abertos para o canto das sereias e fazer das nossas viagens para o geograficamente desconhecido uma aventura constantemente satisfatória, pois, talvez, as mais fascinantes de todas as *terrae incognitae* são aquelas que ficam dentro das mentes e corações dos homens. (WRIGHT, J. K, 2014, p. 18)



VITTO, Douglas. **Entre Paisagem do Medo e Casulo Protetor: Imaginário e Experiência Geográfica nos Bairros União da Vitória e Vista Bela, Londrina-PR.** 2020. 164 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2021.

## RESUMO

A pesquisa tem como problemática desvelar como o imaginário e a experiência geográfica revelam paisagens do medo e casulos protetores nas paisagens União da Vitória e Vista Bela, orientado pela Geografia Humanista de Base Fenomenológica. Essa problemática está baseada em quatro considerações: a ideia de paisagem do medo é potencializada pela mídia local devido a forma como aborda os bairros periféricos pobres; existe divergência entre a experiência geográfica nesses dois bairros, que podem se tornar paisagens, e o imaginário geográfico daquelas pessoas que não os experienciam diretamente, não habitam; a existência de casulos protetores nessas paisagens do medo; e que, mesmo nos casulos protetores, a insegurança e o medo podem se manifestar. A metodologia baseou-se na coleta de dados junto ao 2º Comando Regional de Polícia Militar do Paraná para verificar os bairros da cidade de Londrina que mais apresentaram índices de roubo entre 2011 e 2019 e a respectiva espacialização desses dados para identificar os bairros com maiores taxas de roubo no período mencionado; observar a relação entre distribuição da população negra em Londrina e homicídios; aplicação de um formulário (via Google Forms) aos habitantes de Londrina que não habitam no União da Vitória e Vista Bela para registrarem o que imaginam sobre violência e preconceito geográfico nesses dois bairros; investigação de como o Jardim União da Vitória e Vista Bela foram abordados pelos portais eletrônicos Bonde, 24 horas, Tarobá News, CGN e CBN Londrina, no período de 2018 a 2020; baseado na metodologia não probabilista por bola de neve, e, devido a pandemia de Covid 19, conversamos via chamada de vídeo pelo WhatsApp com as pessoas que habitam, constituem e são constituídas pelo União da Vitória e Vista Bela. Os resultados revelaram que há o preconceito contra a origem geográfica e de lugar, baseado na violência, pobreza, localização periférica e por ser habitado pela maioria negra. A sensação de segurança e insegurança, a ideia de paisagem do medo e casulo protetor no cotidiano dos habitantes não se excluem, mas coexistem e variam de intensidade entre a experiência particular de cada um. Em conclusão, a pesquisa revelou que o União da Vitória e Vista Bela possuem um modo de ser e estar próprio, constituído em boa parte por negros, invisibilizados na história oficial de Londrina.

**Palavras-chave:** paisagem do medo; casulo protetor; imaginário; experiência; preconceito geográfico.

VITTO, Douglas. **Between Landscape of Fear and Protective Cocoon: Imaginary and Geographical Experience in União da Vitória and Vista Bela Neighborhoods, Londrina-PR.** 2020. 164 p. Dissertation (Master's Degree in Geography) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2021

## **ABSTRACT**

The research has as its problematic to unveil how the imaginary and the geographical experience reveal landscapes of fear and protective cocoons in the União da Vitória and Vista Bela landscapes, guided by the Humanistic Geography of Phenomenological Basis. This problematic is based on four considerations: the idea of a landscape of fear is enhanced by the local media due to the way it approaches poor and peripheral neighborhoods; there is a divergency between the geographical experience in these two neighborhoods, which may become landscapes, and the geographical imaginary of those people who don't experience them directly, don't inhabit; the existence of protective cocoons in these landscapes of fear; and that even in the protector cocoons the insecurity and the fear can manifest. The methodology was based on data collection from the 2nd Regional Command of the Military Police of Paraná to verify the neighborhoods in the city of Londrina that had the highest rates of robbery between 2011 and 2019 and the respective spatialization of these data to identify the neighborhoods with the highest rates of robberies, in the period mentioned; to observe the relationship between the distribution of the black population in Londrina and homicides; application of a form (via Google Forms) to residents of Londrina who do not live in União da Vitória and Vista Bela to record what they imagine about violence and geographic prejudice in these two neighborhoods; investigation of how Jardim União da Vitória and Vista Bela were approached by the electronic websites Bonde, 24 horas, Tarobá News, CGN and CBN Londrina, from 2018 to 2020; based on the non-probabilistic *snowball* methodology, and due to the Covid 19 pandemic, we have talked via WhatsApp video call with the people who inhabit, constitute and are constituted by União da Vitória and Vista Bela. The results have revealed that there is prejudice against geographic origin and place, based on violence, poverty, peripheral location and being inhabited by the black people majority. The sense of security and insecurity, the idea of a landscape of fear and a protective cocoon in the daily lives of the inhabitants are not mutually exclusionary, but coexist and vary in intensity depending on the particular experience of each one. In conclusion, the research has revealed that União da Vitória and Vista Bela have their own way of being, constituted in large part by black people, invisibilized in the official history of Londrina.

**Key words:** Landscape of Fear; Protective Cocoon; Imaginary; Experience; Geographical prejudice.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1 –</b>	Localização dos bairros Vista Bela e União da Vitória, Londrina-PR .....	23
<b>Figura 2 –</b>	Mapa conceitual do capítulo “Paisagem do Medo e Casulo Protetor” .....	30
<b>Figura 3 –</b>	Homicídio de negros e brancos em Londrina, por região – 2005 até 2014 .....	37
<b>Figura 4 –</b>	Distribuição da população negra em Londrina .....	38
<b>Figura 5 –</b>	Distribuição de homicídios por bairros: negros em Londrina (2005 até 2014).....	39
<b>Figura 6 –</b>	Mapa conceitual do capítulo “Imaginário Geográfico e Paisagem do Medo” .....	52
<b>Figura 7 –</b>	Bairros com maiores médias de roubos em Londrina (2011 até 2019).....	60
<b>Figura 8 –</b>	Mapa ilustrado do bairro União da Vitória, Londrina-PR .....	63
<b>Figura 9 –</b>	Mapa ilustrado do bairro Vista Bela, Londrina-PR .....	71
<b>Figura 10 –</b>	Palavras mais usadas pelos não habitantes para descrever a violência no União da Vitória e Vista Bela.....	92
<b>Figura 11 –</b>	Mapa conceitual do capítulo “União da Vitória e o Vista Bela: paisagens do medo ou casulos protetores?” .....	99

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANPEGE	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia
CAIC	Centro de Atendimento Integral à Criança
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBN	Central Brasileira de Notícias
CEEBJA	Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos
CEF	Caixa Econômica Federal
COHAB	Companhia de Habitação de Londrina
COPEL	Companhia Paranaense de Energia
CRAS	Centro de Referência de Assistência Social
CRPMPR	Comando Regional de Polícia Militar do Paraná
DEPEN	Departamento Penitenciário Nacional
ELBPGG	Encontro Luso-Brasileiro de Patrimônio Geomorfológico e Geoconservação
ENANPEGE	Encontro Nacional da ANPEGE
EPESMEL	Escola Profissional e Social do Menor de Londrina
EUA	Estados Unidos da América
FBSP	Fórum Brasileiro de Segurança Pública
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IEEL	Instituto de Educação Estadual de Londrina
IPEA	Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas
IPPUL	Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Londrina
IPTU	Imposto Predial e Territorial Urbano
IML	Instituto Médico Legal
LGBT+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros, entre outros
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
ONG	Organização Não Governamental
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
PM	Polícia Militar
PMCMV	Programa Minha Casa Minha Vida
PNUD	Programa Nacional das Nações Unidas
PPGEO-UEL	Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade

	Estadual de Londrina
PR	Paraná
PSS	Processo Seletivo Simplificado
PUC	Pontifícia Universidade Católica
ROTAM	Rondas Ostensivas Tático Móvel
SANEPAR	Companhia de Saneamento do Paraná
SIGLON	Sistema de Informação Geográfica de Londrina
SUS	Sistema Único de Saúde
UBS	Unidade Básica de Saúde
UPA	Unidade de Pronto Atendimento
USP	Universidade de São Paulo
UTI	Unidade de Terapia Intensiva

## SUMÁRIO

<b>PRÓLOGO .....</b>	<b>14</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>21</b>
<b>1 PAISAGEM DO MEDO E CASULO PROTETOR .....</b>	<b>28</b>
1.1 PAISAGEM NA GEOGRAFIA HUMANISTA DE BASE FENOMENOLÓGICA.....	31
1.2 PAISAGEM DO MEDO .....	35
1.3 CASULO PROTETOR .....	44
<b>2 IMAGINÁRIO GEOGRÁFICO E PAISAGEM DO MEDO .....</b>	<b>51</b>
2.1 VIOLÊNCIA: ESPACIALIZANDO OS ROUBOS EM LONDRINA/PR .....	53
2.2 UNIÃO DA VITÓRIA E VISTA BELA .....	62
2.3 OLHAR DAQUELES QUE NÃO HABITAM .....	75
2.4 OLHAR DA MÍDIA .....	94
<b>3 UNIÃO DA VITÓRIA E O VISTA BELA: PAISAGENS DO MEDO OU CASULOS PROTETORES? .....</b>	<b>98</b>
3.1 ESTIGMA E PRECONCEITO CONTRA A ORIGEM GEOGRÁFICA E DE LUGAR ....	100
3.2 LANÇANDO-SE NO UNIÃO DA VITÓRIA.....	123
3.3 LANÇANDO-SE NO VISTA BELA .....	134
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>148</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>11</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>155</b>
APÊNDICE A – Formulário de Pesquisa aos Não Moradores Via Google Forms e Roteiro de Pesquisa Junto aos Moradores .....	155
APÊNDICE B – Transcrições da conversa com aqueles que habitam e são o União da Vitória e Vista Bela .....	160
<b>ANEXOS .....</b>	<b>161</b>

ANEXO A – Parecer Consubstanciado pelo CEP.....	161
---	-----

# PRÓLOGO

Ingressar no mestrado do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual de Londrina (PPGEO-UEL), no início de 2019, foi consequência da minha busca pessoal e desejo de dialogar mais sobre o conceito de paisagem do medo com o contexto da violência urbana, considerando o imaginário social e experiências, de não habitantes e de habitantes acerca do União da Vitória e Vista Bela, conjuntos habitacionais localizados em Londrina, Paraná. Além da importância de desvelar o potencial vivido.

Desde meu ingresso no PPGEO-UEL, diferentes caminhos contribuíram para o delineamento da pesquisa, como as disciplinas cursadas no programa de Pós-Graduação em Geografia, em Filosofia e em Ciências Sociais, a participação em eventos nacionais, internacionais e publicações de artigos, além de algumas palestras e oficinas ministradas. A participação e diálogos com os membros do Grupo de Estudos e Pesquisa, Café com Leitura - Fenomenologia, Geografia e Educação, afetaram os caminhos que trilhei na busca da construção e amadurecimento da pesquisa. As reuniões de orientação foram essenciais para eu apresentar ideias, relatar dificuldades, ouvir sugestões (teóricas e metodológicas) e repensar caminhos. As revisões de texto contribuíram para o amadurecimento da escrita. Além dos diversos materiais indicados (artigos, livros, reportagens) pela orientadora ampliaram meus horizontes. Pesquisa construída coletivamente, baseada no diálogo e troca de conhecimentos, desde a reelaboração do projeto ao processo de escrita.

A oportunidade de participar ativamente da pós-graduação ocorreu devido à bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela qual fui contemplado no primeiro ano. Ela me permitiu melhor aproveitamento nas disciplinas, eventos, palestras ministradas e artigos publicados.

As vivências nas disciplinas cursadas contribuíram para pensar sobre as possibilidades da Geografia Humanista de base Fenomenológica, as causas e efeitos da violência no contexto urbano, a subjetividade e, a produção e reprodução do espaço urbano acerca do União da Vitória e Vista Bela. Por exemplo, a disciplina Subjetividade, Fenomenologia e Hermenêutica, tendo como base os pensadores Descartes, Hegel, Foucault, Mbembe e Butler - buscou refletir sobre a subjetividade a



partir de uma perspectiva não egóica,

No inverno brasileiro de 2019, estive presente no XIII Enanpege (Encontro Nacional da ANPEGE) – GT Geografia do Crime e da Violência - realizado na Universidade de São Paulo (USP) e no III Congresso Internacional de Política Social e Serviço Social: Desafios Contemporâneos, por meio da publicação e apresentação dos respectivos artigos “Entre Paisagem do Medo e Casulo Protetor: o caso dos bairros União da Vitória e Vista Bela, Londrina-PR” e “Entre geografias, territórios e territorialidades: ensaio sobre a violência no contexto escolar”.

No outono português do mesmo ano, participei do III Encontro Luso-Brasileiro de Patrimônio Geomorfológico e Geoconservação (IIIELBPGG) da Universidade do Minho, Portugal, e do 3º Encontro Internacional do CEGOT: Coesão Territorial e a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Coimbra, em Portugal. No primeiro evento, publiquei e apresentei o artigo “Entre paisagens e territórios paranaenses: o trabalho de campo no Canyon do Guartelá” e, no segundo, publiquei e apresentei o resumo “Paisagem do medo no contexto da sustentabilidade na sociedade brasileira: um ensaio teórico”. Participar desses dois eventos possibilitou pensar sobre as diferenças do fazer geográfico em Portugal e no Brasil. Os trabalhos apresentados por portugueses debruçavam-se sobre preocupações portuguesas como, por exemplo, a acessibilidade da população idosa diante do relevo irregular, as geotecnologias e o turismo dialogando com a geografia física. Trabalhos de Geografia intermediados pelas geotecnologias.

Além de caminhar por paisagens de Guimarães e Coimbra, caminhei por paisagens de Lisboa, Porto, Madri e Paris. Esse percurso permitiu pensar a respeito das paisagens do medo, como por exemplo, os castelos enquanto fortificações contra o mal externo; a elevada declividade do relevo português dificultando a mobilidade dos idosos; a marginalização dos migrantes do continente africano ao se ocuparem vendendo bugigangas nas ruas de Portugal, praças de Madri e arredores da Torre Eiffel; a nítida preocupação com o desenvolvimento sustentável; a experiência de estar perdido em Madri no trajeto do hostel ao aeroporto para chegarmos até Paris; o medo de perdermos o passaporte; e a barreira linguística. Durante os 21 dias de viagem, todos os dias, em algum momento, a experiência de estar exposto, ser visitante e não nativo, experienciar o desconhecido, não estar totalmente seguro, florescia em mim, quando eu precisava me comunicar. Por outro lado, as vivências possibilitadas pelo simples ato de saborear as comidas, caminhar entre as

arquiteturas e ouvir músicas locais, deixaram marcas profundas em minha experiência. Finalizando a primavera brasileira do referido ano, publiquei o artigo, “O trabalho de campo enquanto experiência de ensino dos conteúdos de Geografia Urbana em um contexto escolar de precarização”, na Revista Brasileira de Educação em Geografia.

O ano de 2019 e 2020 também me propiciaram experiências diferentes relacionadas a ministrar palestras. No outono de 2019, ministrei a palestra “A Geografia na Arte” durante o evento “Que Geografia se ensina? Conversas com quem ‘aprende ensinando’”, promovido pelo Grupo de Pesquisa em Ensino de Geografia da UEL. No inverno do mesmo ano, proferi a palestra “(Des)envolvimento (In)sustentável” no evento “Transformando Nosso Mundo”, em comemoração ao Dia Internacional do Meio Ambiente (05 de junho), para estudantes do Colégio Estadual Manuel Bandeira, Cambé/PR. Nos últimos dias da primavera, atuei como debatedor no painel “Tendências de pesquisa em Fenomenologia”, composto pelos professores Eduardo Marandola Jr e Lúcia Helena Batista Gratão, promovido pelo PPGEQ.

Terminando o inverno de 2020, conduzi a aula, “Um mergulho nas águas do pensamento tuaniano”, para estudantes matriculados na disciplina de Introdução à Pesquisa no campo da Geografia Humanista de base fenomenológica, do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEQ-UEL), com a participação da docente Letícia Carolina Teixeira de Pádua. A aula foi precedida por uma carta-convite enviada aos participantes da disciplina, no dia 14 de setembro de 2020, a qual reproduzo adiante por estar intimamente ligada à minha trajetória na universidade, às bases teóricas de minha pesquisa e fazer parte das atividades didáticas realizadas no estágio de docência no ensino superior. A referida aula ministrada por mim foi dividida em dois momentos. No primeiro momento, apresentei o entendimento de experiência, corpo, espaço, lugar e paisagem para Tuan. No segundo momento, a dinâmica se baseou na entrevista/conversa com a Letícia, centrando-se em alguns pontos: o relato das surpresas da experiência de viagem aos EUA para encontrar Tuan e o fazer geográfico estadunidense, as matrizes do pensamento tuaniano e os elementos epistemológicos que persistem em sua trajetória, a substituição do termo Geografia Humanística por Geografia Humanista, e a importância da Geografia Humanista.

Essas experiências influenciaram em diferentes intensidades a construção da dissertação, para a qual convido você a caminhar junto comigo e apontar caminhos pelos quais posso permanecer ou mudar.

Carta-convite de um recém mergulhador nas águas do pensamento tuaniano:

As experiências íntimas jazem enterradas no mais profundo do nosso ser, de modo que não apenas carecemos de palavras para dar-lhes forma, mas frequentemente não estamos sequer conscientes delas.  
(Yi-Fu Tuan)

Você é o nosso convidado para juntos mergulharmos novamente nessas águas. Por que “novamente”? Diferentemente do Husserl, Heidegger, Sartre, Ponty, Bachelard e Dardel, o pensamento de Tuan é mais conhecido na Geografia brasileira por meio das traduções de “Topofilia”, “Espaço e Lugar” e “Paisagens do medo”. As obras de Tuan são exploradas por aqueles que trilham pela Geografia Humanista de base fenomenológica, ou pelo menos, ouvidas por aqueles que percorrem outros caminhos e, algumas vezes, interpretada equivocadamente. Assim como eu, talvez você já tenha observado leituras reducionistas em relação à complexidade das contribuições de Tuan para pensar, especificamente, a relação de pertencimento ao lugar, de modo romantizado.

Em outras palavras, na Geografia, não é difícil encontrarmos a Fenomenologia e a Geografia Humanista sendo associadas apenas a Tuan e ao conceito de Topofilia. Nas aulas da graduação e da especialização, nos raros momentos em que a Fenomenologia e o Tuan foram abordados, eu ficava incomodado em perceber abordagens superficiais feitas por alguns professores e reproduzida por estudantes. As águas do pensamento tuaniano eram apresentadas de forma gelada e rasa, inibindo potenciais mergulhadores. Diferentemente do horizonte que me foi apresentado logo de início no Grupo de Estudos Café com Leitura. Participar deste grupo foi fundamental para eu começar a conhecer alguns pensadores da Fenomenologia e da Geografia Humanista, especificamente Tuan. Entretanto, inicialmente, o pensamento tuaniano ocorreu inesperadamente para mim, como quando caminhamos por uma floresta apinhada e de repente somos fisgados pelo barulho da cachoeira, o som do atrito da água com rochas, que é possível ouvir, mas ainda não conseguir ver.

Na tarde do dia 01 de março de 2013, eu estava na sala de multimeios do Centro de Ciências Exatas, na UEL, para participar do evento de abertura do ano acadêmico do curso de Geografia. Foi o primeiro evento acadêmico que participei. O título era “Geografia, lugar e meio ambiente: contribuições de Yi-Fu Tuan”. Eu, recém-formado no Ensino Médio, quando li o título do evento em um cartaz de divulgação imaginei que fossem abordar os problemas ambientais como eu tinha aprendido na

escola. A sala estava cheia de estudantes e professores, a sensação era de apinhamento. Os convidados, Eduardo Marandola Jr e Livia de Oliveira, começaram a discursar e apresentaram o livro Topofilia, aliás, esse termo foi pronunciado diversas vezes naquele momento. A discussão foi completamente diferente do que eu imaginava e, sinceramente, eu não tinha maturidade para compreender de forma mais clara o que eles estavam dizendo.

Resultado: o evento terminou e eu sai da sala com duas sensações específicas. A primeira foi a inquietação relacionada à Topofilia, pois senti estranhamento quando ouvi esse termo pela primeira vez, ausente no meu universo de palavras, mas a curiosidade floresceu em minha mente. “O que é Topofilia?” A segunda aconteceu no final do evento por meio da pergunta de um estudante ao Eduardo e a Livia: “O que é um clássico?” E me lembro vagamente da resposta dada, se não me engano, pelo Eduardo: “O clássico é aquela obra que nos fala sobre algo e sempre continua tendo mais para nos dizer.” Essa resposta e curiosidade para compreender melhor o que era Topofilia me marcaram.

Alguns meses depois, recebi um convite da Jeani e da Lúcia Helena para conhecer o Grupo de Estudos Café com Leitura (fundado e coordenado pela Lúcia Helena). Sempre havia um cardápio sobre a mesa, nós escolhíamos um prato para degustar e no próximo encontro compartilhávamos os sabores. O meu primeiro prato foi um artigo intitulado A Geografia Humanista: uma revisão, de Werther Holzer. O artigo ajudou a clarear os meus pensamentos que estavam nebulosos como, por exemplo, o contexto de surgimento da Geografia Humanista e da publicação original da obra Topofilia. No entanto, o artigo que mencionava a obra não era a obra em si. No decorrer dos encontros, cada vez mais motivado, tentei sanar a minha inquietação acerca do termo topofilia e, sob as águas da chuva de uma tarde nublada de inverno, entrei na Eduel para adquirir o livro.

Em minha primeira experiência de leitura da Topofilia, logo percebi que as águas tuanianas formavam um lago, que alguns diziam e dizem ser raso e não ter muito para oferecer. Eu resolvi mergulhar nesse lago e descobri que ele é muito mais profundo do que se poderia imaginar. Mas levei um tempo para perceber toda a sua riqueza. No meu primeiro mergulho, nadei livremente por algumas partes, e notei que o lago era imenso. No segundo mergulho, percebi que há coisas além do que a minha visão poderia alcançar naquele momento. Para conhecer um pouco mais o que estava além da minha visão, pois submersos na água não enxergamos nitidamente, nadei

em direção a essas áreas tentando observar mais de perto. Eu mergulhei e estou mergulhando por algumas partes, mas há inúmeras outras mais profundas que preciso explorar ao longo do tempo. As áreas desse lago, que, até o momento consegui experienciar, possibilitaram outras interpretações acerca da Geografia e de seus conceitos. O clássico sempre continua tendo mais para nos dizer, essa fala faz muito sentido em cada mergulho nas águas tuanianas. A cada mergulho, algo é desvelado.

Na tentativa de deixá-lo(a) um pouco mais familiarizado(a) com este lago, vou lhe contar as impressões que eu tive neste pouco tempo de mergulho. Visões que deixaram de ser turvas por meio da ajuda de outros(as) mergulhadores(as) que me apontaram algumas direções. Perto de completar 90 anos, o geógrafo humanista, vencedor do prêmio Vautrin Lud, possui um livre pensar e valoriza a educação libertária voltada para o mundo, enquanto reflexo de seus primeiros anos escolares sendo educado em casa, numa sala improvisada por seus pais, no momento em que a China estava em guerra contra o Japão. Tuan teve a oportunidade de estudar na University College, Universidade de Oxford, Universidade da Califórnia, e de lecionar na Universidade de Indiana, Universidade do Novo México, Universidade de Toronto, Universidade de Minnessota (onde aprofundou seus estudos sobre a Geografia Humanista) e Universidade de Wisconsin. Na Universidade de Oxford, estudou autores cristãos (Eliot, Chesterton e Lewis) e existencialistas (como Heidegger, Sartre e Camus).

No Brasil, apesar do pensamento tuaniano ser mais conhecido por meio da publicação de “Topofilia”, “Espaço e Lugar” e “Paisagens do medo” – tradução de Livia de Oliveira - há, no total, 21 livros, muitos ainda não traduzidos para o português, além de inúmeros artigos. Para Tuan, a sensibilidade e a imaginação do pesquisador são reprimidas pela academia. As matrizes de seu pensamento não estão explícitas, mas submersas. No entanto, não deixam de estar lá. Muitas de suas ideias são conduzidas pela fenomenologia-existencialista.

Uma mergulhadora mais experiente nas águas de Tuan, Letícia Carolina Teixeira de Pádua, escreveu: “sua geografia busca encontrar os sentidos universais nas experiências particulares, pelas coisas que temos em comum, a natureza humana”. Quem dera ter a expertise de Letícia para, em algum dia, estar na presença de Tuan! Entretanto, ao menos, teremos o prazer de embarcar nas narrativas de sua viagem com destino à casa de Tuan. Os dias estão quentes e bem convidativos para um refrescante mergulho, então, quero te convidar, no dia 17/09/20, às 20h, a

mergulhar a fim de conhecer um pouco mais as ideias de Tuan, que impactaram o pensamento na Geografia.

*Douglas Vitto*

# INTRODUÇÃO

A representação de um bairro não é o bairro em si. O imaginário de um bairro diverge da tonalidade afetiva das experiências que ele pode propiciar. Uma contraposição entre o interior e o exterior. O modo como a mídia representa determinados bairros pobres periféricos associados, principalmente, à violência diverge das diversas experiências que ocorrem ali.

Neste contexto, considerando o imaginário da violência busco desvelar o potencial do vivido. O fio condutor desta dissertação está nos conceitos de paisagem do medo e casulo protetor no cotidiano dos bairros União da Vitória e Vista Bela, ambos localizadas na cidade de Londrina-PR, conforme a figura 1. Essa pesquisa perscruta como o imaginário sobre determinados bairros considerados “do medo” pode divergir das experiências vividas nele, ao mesmo tempo, que esses bairros podem tornar-se paisagens ao serem experienciados por seus habitantes, introjetando em seu corpo por meio da visão, olfato, paladar, tato e audição, tornando parte de nós, constituindo-nos, concomitantemente, ao passo que nós também o constituímos. Por isso, o União da Vitória e Vista Bela, em alguns momentos, serão considerados bairros e em outros paisagens, quando envolver a dimensão da experiência direta. Paisagens que podem propiciar insegurança ou segurança, tecendo “casulos protetores”. A pesquisa tem como norte a Geografia Humanista de base fenomenológica.

Nessa pesquisa o uso do termo habitante e habitar considera a dimensão da experiência enquanto modo de habitar um mundo encarnado no espaço, no tempo, com os outros (LAROSSA, 2014), numa abertura, ser-e-estar-no-mundo (MARANDOLA JR, 2020), indo ao encontro, sendo atropelado, habitando o corpo pelo mundo e o mundo pelo corpo. Conforme Marandola Jr (2020, p. 37): “seres-em-situação encanados em seus lugares” possibilitando o conhecimento acerca da existência por meio da experiência.



**Figura 1** – Localização dos bairros Vista Bela e União da Vitória, Londrina-PR.



Fonte: SIGLON (2020)



Esta pesquisa é resultado de minha inquietação pessoal pensada através da lente da Geografia Humanista de base Fenomenológica, abordagem que despertou o meu interesse desde os tempos de graduação, principalmente por assuntos ligados aos sentidos, imaginário, experiência e como as pessoas se relacionam com o ambiente. A motivação para desenvolver esta pesquisa está ligada à minha experiência pessoal, pois habito e sou o São Marcos, na periferia pobre, localizado em um fundo de vale, zona sul da cidade de Londrina, próximo ao União da Vitória. Entre a minha infância e adolescência estava “tudo bem” constituir e ser constituído pelo São Marcos. Nesta paisagem havia o encontro com amigos, primos e familiares. Os jogos de futebol, pipa, bets, malha, bolinha de gude, esconde-esconde, passeios de bicicleta, risadas, nado no rio, trilhas, subidas em árvores para pegar goiabas, cheiro da terra - das ruas não asfaltadas até 2008 - nos dias secos, cuidado ao pisar no barro em dias chuvosos, esforço físico na musculatura da perna, suor e respiração ofegante ao subir a vertente para ir à escola ou ao mercado, entre outras peripécias. Paralelamente à vida acontecendo, deparávamo-nos constantemente com o jornal local do meio dia apresentando os casos de criminalidade em bairros próximos, tais estigmas computados aos nossos vizinhos foram sedimentando em nós, habitantes, variados sentimentos, ora de revolta, ora de solidariedade com os nossos iguais.

Essa concepção de “tudo bem” começou a mudar por meio do contato com algumas pessoas dos colégios Vani Ruiz Viessi e Albino Feijó Sanches que não habitavam a paisagem que me constitui, habitavam bairros de situação socioeconômica e topográfica melhores. Havia e há algumas falas depreciativas em direção à paisagem que permeia minha existência relacionadas à situação topográfica e estética (fundo de vale e casas de autoconstrução), mas em proporções menores (mais no intimismo entre as pessoas) aos discursos sobre o União da Vitória, intensificados pelos casos de roubos, homicídios e tráfico neste bairro. E recentemente, do Vista Bela, inaugurado em 2011, sem infraestrutura básica de apoio para seus habitantes e também com registros de casos de roubos, homicídios e tráfico. Eu e aqueles que habitam e são União da Vitória e Vista Bela experienciamos o que Albuquerque Jr (2012) chama de preconceito geográfico, ou seja, a associação de pessoa e lugar vistos de modo depreciativo e simplistas atribuindo estereótipos. Entretanto, apesar de alguns fatos, eu percebia que havia uma lacuna entre a realidade geográfica experienciada – no São Marcos, União da Vitória e Vista Bela - e o imaginário daqueles que não os habitam ou frequentam. Não no sentido

hierárquico, mas pontos de aproximação e distanciamento entre o imaginado e o experienciado diretamente.

Por que abordar nesta pesquisa o União da Vitória e Vista Bela e não o São Marcos?<sup>1</sup> Os dois primeiros estão frequentemente expostos nos meios de comunicação local ligados a casos de roubos, homicídios e tráfico, contribuindo para os não habitantes criarem uma visão negativa destes bairros, tornando-os bairros do medo. Ambos são conhecidos diretamente, indiretamente ou imaginariamente, e possuem grande número de habitantes. O bairro São Marcos, apesar da localização topográfica irregular, dificilmente ganha visibilidade na mídia, pois os casos de homicídio e roubos são pontuais, e os comentários depreciativos pelos não habitantes são menores do que em relação ao União da Vitória e Vista Bela.

A construção da problemática desta pesquisa é permeada por algumas perguntas:

- Como a paisagem do medo e casulo protetor permeiam União da Vitória e Vista Bela, Londrina-PR? - A ideia de paisagem do medo (TUAN, 2005) é potencializada pela mídia local pela forma como abordam os bairros periféricos pobres, principalmente, quando ocorrem, por exemplo, casos de roubo, homicídio e tráfico? - Existe divergência entre a experiência geográfica nesses dois bairros, que podem se tornam paisagens, e o imaginário geográfico daquelas pessoas que não os experienciam diretamente? Nestes bairros do medo, podem existir casulos protetores (GIDDENS, 2002) que simbolizam um filtro dos perigos que ameaçam a integridade do corpo? A insegurança e o medo podem se manifestar de alguma forma nos casulos protetores?

Diante do propósito, o objetivo geral é desvelar como paisagens do medo e casulos protetores são manifestados no União da Vitória e Vista Bela, Londrina-PR. Respectivamente tracei quatro objetivos específicos: 1) identificar os bairros de Londrina que apresentaram os maiores índices de roubo entre 2011 e 2019; 2) interpretar como o Jardim União da Vitória e Vista Bela foram abordados nos portais eletrônicos e sites de programas televisivos locais; 3) desvelar o imaginário dos não habitantes em relação ao União da Vitória e Vista Bela. 4) trazer à luz a dimensão da experiência direta nessas duas paisagens.

---

<sup>1</sup> Ao longo do texto, haverá algumas interrogações que se referem a questões que eu ainda não sei a resposta, pois serão desveladas no campo, por esse motivo evitei deixar como afirmativas.

Acerca da metodologia, optou-se pela pesquisa qualitativa por meio da revisão bibliográfica e análise documental orientadas pela Geografia Humanista de base Fenomenológica. Para responder os objetivos específicos foram realizados os seguintes passos metodológicos: 1) coleta de dados junto ao 2º Comando Regional da Polícia Militar do Paraná e espacialização para identificar os bairros com maiores taxas de roubo entre 2011 e 2019, em Londrina. Registra-se o difícil acesso aos dados de roubo e homicídio (por bairros da cidade) junto ao 2º CRPMR e a disponibilização de informações não sistematizadas pela instituição; 2) investigação de como o Jardim União da Vitória e Vista Bela foram abordados, no período de 2018 a 2020, pelos portais eletrônicos: Bonde; 24 horas; Tarobá News; CGN e CBN Londrina; 3) aplicação de um formulário (via Google Forms) aos habitantes de Londrina que não habitam o União da Vitória e Vista Bela para registrarem o que imaginam sobre a violência nesses dois bairros. Esse formulário/Google Forms foi disponibilizado via WhatsApp e Facebook Messenger e contou 62 participações. 4) uso da metodologia da bola de neve por amostragem não probabilística, virtualmente, para entrar em contato e conversar com os habitantes do União da Vitória e Vista Bela. Os registros dos não habitantes no formulário e os relatos dos habitantes foram interpretados por meio da análise hermenêutica.

Quanto ao plano de escrita dos resultados de pesquisa foram organizados, interpretados e estruturados em três capítulos.

O primeiro capítulo, “Paisagem do medo e casulo protetor”, buscou refletir a relação entre paisagem do medo e casulo protetor permeados pela dimensão do imaginário e experiência geográfica. Para pensar a paisagem na perspectiva da Geografia Humanista de base fenomenológica, apresento interpretações da paisagem com base em Dardel (2015), Besse (2014), Marandola Jr (2014; 2012), Tuan (1979) e Pádua (2013).

O segundo capítulo, “Imaginário geográfico e paisagem do medo”, é o início da busca de (des)conexão entre a experiência e imaginário geográfico e os seus desdobramentos. Localizo os casos de roubos ocorridos na cidade de Londrina e espacializo os dados obtidos para verificar se os bairros União da Vitória e Vista Bela obtiveram maiores índices, partindo do pressuposto que ambos permeiam o imaginário dos londrinenses enquanto lugares com alto índice de violência e ameaça à integridade do corpo. Posteriormente, apresento o contexto geográfico e histórico dos bairros União da Vitória e Vista Bela, e como os casos de violência nesses bairros

ao serem representados pela mídia local influenciam, de modo depreciativo, o imaginário dos não habitantes. Como desdobramento da influência da mídia somada ao olhar depreciativo dos não habitantes sobre os dois bairros, investigo as manifestações do estigma que baseia e reforça o preconceito contra a origem geográfica e de lugar na dimensão do imaginário e da experiência.

O terceiro capítulo, “União da Vitória e o Vista Bela: paisagens do medo ou casulos protetores?”, considerou o relato dos habitantes (conversa via chamada de vídeo pelo WhatsApp) e não habitantes (registros em formulários on-line) do União da Vitória e Vista Bela sobre como o preconceito geográfico se manifesta em suas experiências cotidianas. Desvelamos como a sensação de segurança, insegurança, violência e o viver e ser União da Vitória e Vista Bela ocorrem no cotidiano. Para esse desvelamento, recorreremos a análise hermenêutica para interpretar corretamente o sentido do texto relatado pelos habitantes sobre suas experiências junto ao União da Vitória e Vista Bela.





# I PAISAGEM DO MEDO E CASULO PROTETOR

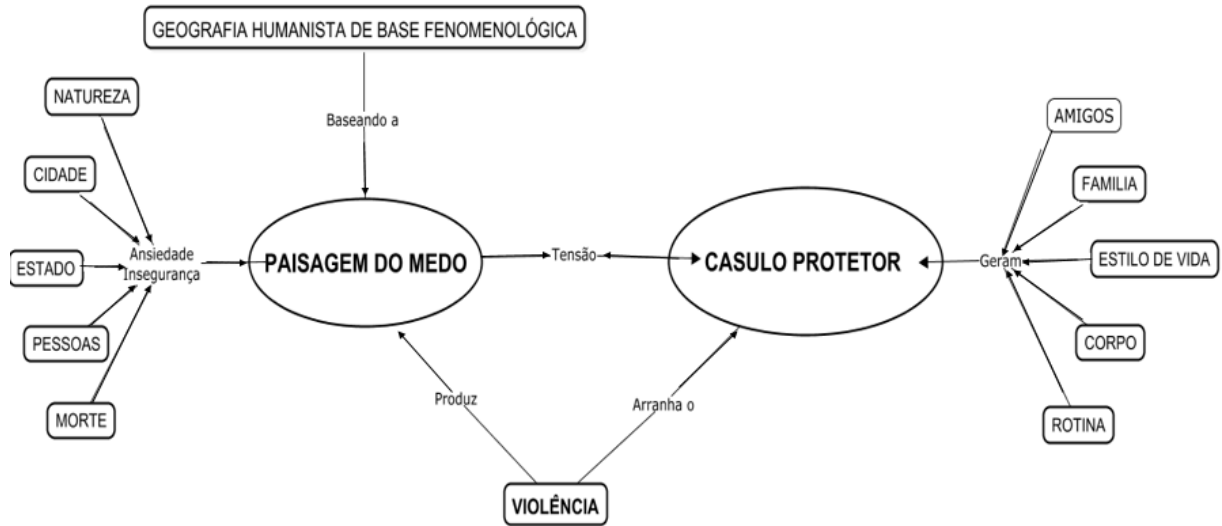
Este capítulo apresenta a relação entre o conceito de paisagem do medo e casulo protetor. As ameaças à segurança das pessoas e a busca por segurança como resposta. Inicialmente, exponho a perspectiva de paisagem interpretada à luz da Geografia Humanista de base fenomenológica. Nessa perspectiva, a paisagem é entendida não apenas como o que está exposto diante de nós, concreto e que abarcamos com o olhar, mas, enquanto experiência polissensorial vivenciada cotidianamente pelos habitantes que estão mergulhados, constituem e tornam-se paisagem numa relação profunda entre interioridade-exterioridade. Paisagens do medo que permeiam as experiências cotidianas das pessoas, estimulando a busca por casulos protetores. Contextualizo a paisagem do medo com o homicídio da população negra, que se concentra principalmente na periferia pobre de Londrina, onde está o União da Vitória e Vista Bela.

Na sequência teço algumas reflexões sobre o conceito de casulo protetor enquanto resposta as paisagens do medo, pois historicamente o homem busca segurança contra as ameaças, naturais e/ou humanas, à integridade do seu corpo, vida e mundo. Essa tensão entre segurança e insegurança pode ser encontrada quando pensamos sobre a violência no Brasil – roubos, homicídios e tráfico - que ameaça à integridade de nossos corpos e nos aproxima da morte. A morte, todos nós tememos, tentamos retardar, mas, no final, sabemos que chegará para todos. Violências que tensionam e reforçam a busca por casulos protetores. Casulos protetores tecidos ao longo do tempo por meio da família, amigos, estilo de vida (GIDDENS, 2002). O pensamento de Tuan (2012) sobre o lugar traz contribuições para pensar o casulo protetor de Giddens. Para Tuan, as pessoas também são lugares, centros de significados, aconchego e afeto, construídos por meio da experiência, propiciando segurança (TUAN, 2012).

A violência contribui para estigmatizar bairros diante do olhar daqueles que não o habitam. Bairros considerados “do medo”. Medo que está nas pessoas diante da ausência de controle ou incapacidade de exercer poder sobre algo, transferindo o medo para outra pessoa ou lugar. Violência que estimula as pessoas buscarem segurança, casulos protetores, integridade de seus corpos.

A figura 2 expressa o percurso que será feito no capítulo 1.

**Figura 2** – Mapa conceitual do capítulo “Paisagem do Medo e Casulo Protetor”.



**Org. Vitto (2020).**

A Geografia Humanista de base Fenomenológica embasando o conceito de paisagem do medo estimulada por meio da ansiedade e insegurança produzida pela natureza, cidade, estado, pessoas, morte e violência. Paisagem do medo que se relaciona com o casulo protetor sustentado pelos amigos, rotina, estilo de vida, corpo e família. A violência produzindo paisagem do medo e arranhando o casulo protetor.

## 1.1 PAISAGEM NA GEOGRAFIA HUMANISTA DE BASE FENOMENOLÓGICA

Para compreender a paisagem por meio da ótica da Geografia Humanista de base fenomenológica, será considerado o pensamento dos autores Dardel (2015), Besse (2014), Marandola (2014; 2012) e, posteriormente, os delineamentos de Tuan (2005) sobre a paisagem e as paisagens do medo.

Dardel (2015) considera que a paisagem é mais do que uma justaposição de detalhes pitorescos, pois é o momento vivido, que une todos os elementos enquanto ligação interna, uma tonalidade afetiva dominante que coloca em questão a totalidade do ser humano. A paisagem é região do ser, tonalidade afetiva, dimensão existencial, expressão do ser humano, do habitar e do ser-estar-no-mundo (sentir, querer, conhecer, pensar), não uma representação para ser olhada. As ligações existenciais do homem com a Terra são permeadas por presença atraente ou estranheza, que afetam a carne e o sangue. A paisagem não é um círculo fechado, mas janela de possibilidades, horizonte, movimento, impulso, em que o homem imprime sua maneira de se encontrar e ordenar, seja individualmente ou coletivamente. A paisagem compõe e reflete um mundo onde o homem realiza a sua existência.

Para Marandola Jr (2014), a grande contribuição de Dardel para o estudo da paisagem é a adoção de uma perspectiva existencial, deslocando o eixo epistemológico (sujeito-objeto) para o ôntico e ontológico (a essência do ser), um mundo antepredicativo, ligação própria do ser-no-mundo, retorno ao mundo da vida sem as preconcepções ou abstrações da ciência objetiva. Essa leitura de Dardel permite pensar a existência do homem em dois sentidos, o de expansão e o de retração. Cabendo questionar os motivos que provocam esses movimentos.

De acordo com Besse (2014), para pensar a paisagem é necessário considerar a presença humana, pois a paisagem representa a dimensão do ser, compondo parte de nosso estar-no-mundo, de identidades pessoais e coletivas, e correlativa da formação e formulação de necessidades existenciais. Logo, é necessário encarar a paisagem enquanto engajamento, envolvimento, estar na paisagem, ser a paisagem na qual estamos mergulhados. A paisagem é imersão que envolve um conjunto de contatos e experiências que abrangem os cinco sentidos, emoções, refletindo no processo de retenção de lugares no imaginário, isto é, a paisagem enquanto



sensibilidade, experiência vivida e polissensorial – visual, olfativa, tátil, sonora – que coexistem e transitam por diversas espacialidades.

A polissensorialidade envolve diferentes dimensões espaciais – táteis, olfativas, visuais, sonoras, entre outras – que se coordenam e permanecem distintas, na qual o corpo está mergulhado, nos envolvendo nas experiências no interior da paisagem, nos tornando paisagem (BESSE, 2014). Polissensorialidade que questiona e relativiza concepções unicamente representativas e visuais da paisagem. A polissensorialidade permite que, em alguns momentos dessa pesquisa, os bairros União da Vitória e Vista Bela sejam entendidos como paisagens. Tuan (2012), ao escrever sobre os cinco sentidos, contribui para pensarmos na complexidade de cada dimensão espacial: o tato permite experienciar diretamente a resistência da realidade independente do nosso imaginário; os olhos são eficazes na captação de informações detalhadas e precisas, porém o olhar é seletivo e pode mudar ao longo do tempo; o olfato possibilita classificar o mundo categorias odoríferas e evocar lembranças vividas; geralmente a audição nos excita com mais intensidade ao oferecer informações além do campo visual, podendo ser uma experiência emocionalmente mais forte por ter conotação de passividade e nos deixar mais vulneráveis aos sons agradáveis, confortantes ou perturbadores. As pessoas experienciam o mundo por meio de todos os sentidos simultaneamente, entretanto os sentidos mais utilizados na experiência variam entre as pessoas, o ambiente e cultura que estão mergulhadas (TUAN, 2012).

Besse (2014) aponta que a paisagem é um espaço aberto a ser percorrido e descoberto, evidenciando a experiência sensível da Terra. Está além da dimensão estética, pois pode ser compreendida por diferentes ângulos (estéticos, científicos, políticos, técnicos, religiosos, entre outros). A paisagem possui densidade ontológica, epistemológica, impressões da atividade humana, da cultura, da vida, um conjunto de signos que podem ser desvendados por meio da relação entre conhecimento e emoção.

A paisagem interpretada por Besse (2014), enquanto maneira de ser invadido pelo mundo, implica, para Marandola Jr (2014), na dissolução da relação sujeito-objeto, não sendo apenas um ser no mundo, mas um ser-lançado-no-mundo, retornando ao mundo da vida, à essência do ser.

Para poder ouvir o saber da paisagem, senti-la e ser habitado por ela, precisamos primeiro habitá-la, ser lançado-no-mundo, “um horizonte de sentir, que se

constitui a partir de um corpo-vivo-existencial que experiencia, sentindo” (MARANDOLA JR, 2014, p. 9). Entre as possibilidades para conceber ou compreender a paisagem no campo do sentir, da intuição da experiência existencial, Marandola Jr (2013; 2014) aponta o sentido do sabor da paisagem enquanto experiência hedonista e as viagens por paisagens no mundo contemporâneo.

O sabor, enquanto experiência, leva ao gosto prazer hedonista que compõe a existência humana constituindo e sendo constituída por paisagens e lugares, mexendo com as sensações. Por meio do gosto, tornamo-nos um só com o alimento, ingerindo o lugar, tornando-se parte de nós, ou seja, ser o lugar por meio do sabor (MARANDOLA JR, 2012). A introjeção – química, biológica, cultural, volitiva e estética – permite o conhecimento e tornarmo-nos os lugares que vivemos, relação carnal, hedonista e orgânica, entre interioridade-exterioridade. Conforme Marandola Jr (2012, p. 51) “[...] a consubstanciação ser-lugar que ocorre via paladar expressa, de forma concreta, a indissolúvel relação que estabelecemos enquanto seres geográficos: não temos lugares, somos os nossos lugares”.

Essas duas ações tornam-se necessárias, uma vez que as tentativas humanas de descrever a paisagem ao imaginá-las são difíceis, pois é impossível resumir a paisagem de uma região ou lugar, já que esta não se baseia apenas no sentido visual, mas na constituição da experiência sensível do invisível, sendo sentida na vida cotidiana, na experiência do mundo da vida.

Importante considerar o entendimento de Tuan (1979) acerca da paisagem. Tuan compreende a paisagem em múltiplos sentidos, conectados, não isolados. A paisagem não é apenas estética (bela ou feia), mas também inclui os horizontes da cidade, estações de metrô, lojas desprezíveis, musgos de cemitérios, montanhas cobertas de neve, mansões de milionários, lixões, campos de golfe e silos de fazendeiros. A paisagem humana possui significado cultural, autobiografia involuntária que reflete os nossos medos, aspirações, valores, gostos, defeitos e glórias comuns do dia a dia. Entretanto ler a paisagem e senti-la não é fácil, pois ela pode parecer desorganizada, confusa e diferente dos livros, afinal não foram feitas para serem lidas.

As paisagens refletem o que as pessoas são, foram e estão se tornando. Elas carregam investimento de tempo e emoção. A introjecção por meio dos sentidos permite as pessoas tornarem-se a paisagem que habitam, deixando-se habitar por ela, tornando-se um só. As paisagens podem se diferenciar e ter elementos em comum, que surgem e desaparecem. A paisagem possui mensagens que não são

óbvias, ou seja, é preciso sentir e pensar sobre o seu sentido (TUAN, 1979).

Para Pádua (2013, p. 77), “[...] a noção de paisagem de Tuan é que permite a concepção de uma paisagem do medo [...] frutos estéticos dos valores e da imaginação”. A paisagem no pensamento tuaniano é considerada expressão material, apreciação econômica e científica, aspectos psicológicos, religiosos, estéticos e morais. É uma construção do pensamento e do sentimento que envolve ter consciência das partes, sem perder o todo, pois a paisagem é uma fusão e não é nada isoladamente. A paisagem não tem escala, ela é lugar e espaço simultaneamente; envolve a conexão da imaginação e percepção com as características e sentidos do visível e não visível (PÁDUA, 2013).

A contribuição dos autores citados neste capítulo permite que a paisagem, na perspectiva fenomenológica, salte da esfera de representação para o âmbito da experiência polissensorial vivenciada cotidianamente em que os indivíduos estão mergulhados, lançados-no-mundo. Considerar que “a paisagem chega a nós originalmente pelo sentir” (MARANDOLA JR, 2014) é fundamental para refletir sobre o conceito de paisagem do medo em sua dimensão experienciada e imaginada.

Considerando que as ligações existenciais do homem com a Terra são presença atraente ou estranheza que afetam a carne e o sangue no movimento de expansão ou retração do homem mergulhado na paisagem, esta pesquisa abordará, nos próximos subcapítulos, o conceito de paisagem do medo e casulo protetor que permeiam a experiência na paisagem em diferentes intensidades, impactando a segurança e insegurança.

## 1.2 PAISAGEM DO MEDO

Nesse item, relaciono a violência na cidade de Londrina com o pensamento de Tuan e Bauman sobre o medo. Medos experienciados em diferentes intensidades. Bauman, sociólogo e filósofo polonês, viveu e lecionou na Polônia, Israel e Reino Unido, e, na sua obra *Medo Líquido*, é marcante os aspectos econômicos (a globalização econômica que alimenta e se alimenta do comércio baseado no medo) e políticos (guerras entre potências, combate a grupos terroristas e planejamentos para amenizar possíveis catástrofes). O pensamento de Tuan é centralizado no medo que permeia a experiência do homem na paisagem, e o raciocínio de Bauman é norteado pelo contexto econômico e político da sociedade que estimula insegurança/medo nas pessoas (na escala coletiva, de sociedade), entretanto ambos não focam seus pensamentos nos contextos brasileiros que podem provocar medos na população.

Considerando que a experiência de estar lançado na paisagem constituindo-a e sendo constituído por ela envolve presença atraente ou estranheza (DARDEL 2015), Tuan (2005) permite pensarmos essa estranheza ao propor a ideia de Paisagem do Medo enquanto experiência do homem com o meio permeada pela ansiedade e insegurança. Medo presente no homem diante da ausência de controle.

As paisagens do medo referem-se à ausência de controle, naturais, humanas, estados patológicos e meio ambiente real. Toda construção humana, mental ou material, pode compor a paisagem do medo. Medos que estão em nós e projetamos nas pessoas, lugares e paisagens. As casas, cidades, campos de cultivo, fronteiras servem para controlar o caos. Cada casa, muralha, cerca, fronteira, radar é uma espécie de fortaleza, geradora de segurança para defender os seus habitantes de forças hostis, que podem estar em todos os lugares (chuva, vento, lobo, doenças, exércitos estrangeiros, loucos, estranhos, entre outros) (TUAN, 2005). Construções humanas que refletem o medo e a busca por segurança.

Exemplos que podem desencadear a insegurança e ansiedade, medo nas pessoas, pois, entre os gatilhos para gerar medo e compor paisagens do medo, encontram-se a violência constituída por roubos, homicídios e tráfico de drogas.

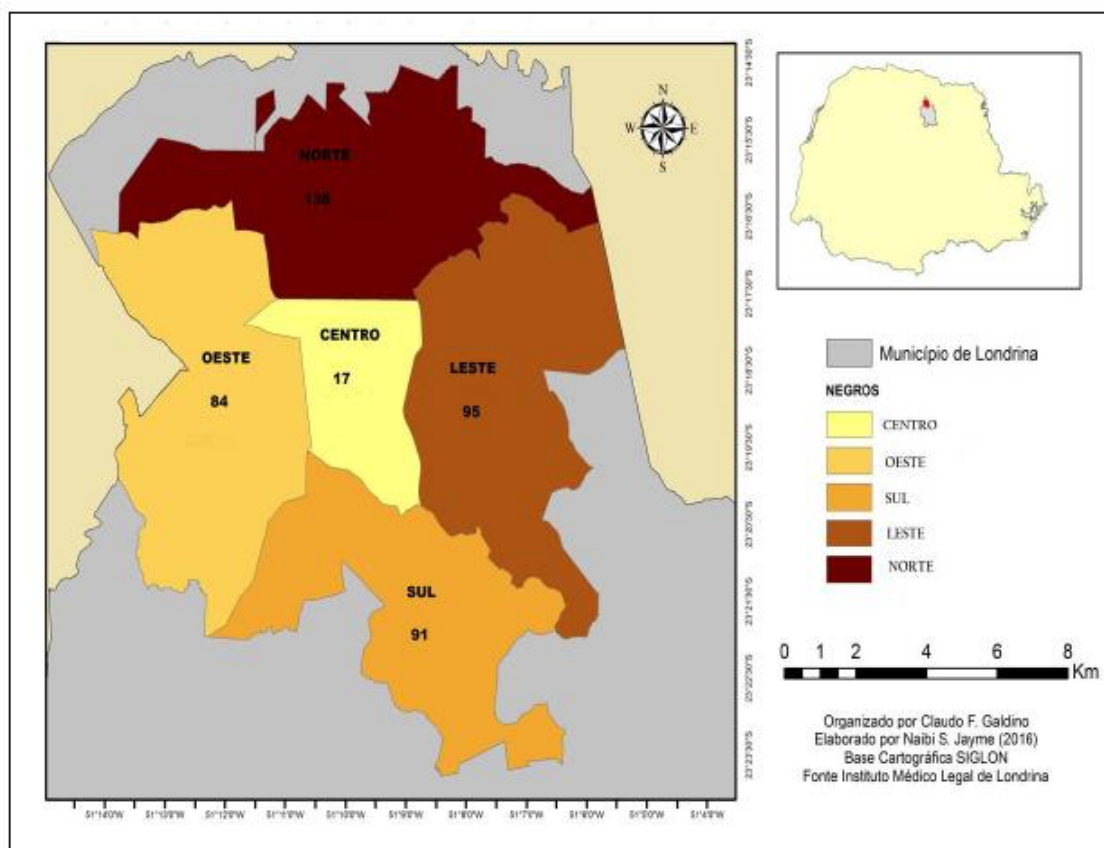
A cidade enquanto *locus* de aglomeração de pessoas pode gerar grande realização, mas também produzir violência (TUAN, 2005). Quando pensamos na

violência – homicídios e tráfico de drogas – manifestada na cidade de Londrina, percebemos que viver em Londrina também é estar exposto à possibilidade de encerramento abrupto da vida por meio do homicídio entre outras possibilidades. A eliminação do corpo e da possibilidade de viver.

Entre 2010 e 2014, o Centro de Referência de Assistência Social (CREAS II - responsável pela proteção e acompanhamento de adolescentes e jovens em medidas socioeducativas, por determinação judicial, em Liberdade Assistida) de Londrina declarou que dos 56 jovens vítimas de homicídio em Londrina, 40 eram negros (GALDINO, 2017). 71% dos mortos eram negros e 29% brancos. Dos 40 negros mortos vítimas de homicídios, 27 não frequentavam salas de aula na época de suas mortes. Do total de mortos, a polícia foi responsável por ceifar a vida de 19 negros nas ações de repressão policial que externa o racismo. 12 morreram na zona norte, nove na zona sul, 11 na zona leste, 14 na zona oeste e oito no centro. Dos 24 mortos em confronto policial, 19 eram negros e cinco brancos. Quanto às mortes por espancamento, enquanto o número de negros foram dois, o número de brancos foi zero. Já as mortes por grupos rivais atingiram 21 negros e nove brancos.

Se olharmos para a figura 3, de homicídios da população em Londrina, para além dos dados do CREAS II, de acordo com Galdino (2017), ao coletar dados junto ao Instituto Médico Legal de Londrina (IML), para o período de 2005 e 2014, o número de homicídios predominou nas áreas periféricas.

**Figura 3** – Homicídios de negros e brancos em Londrina, por regiões – 2005 até 2014.



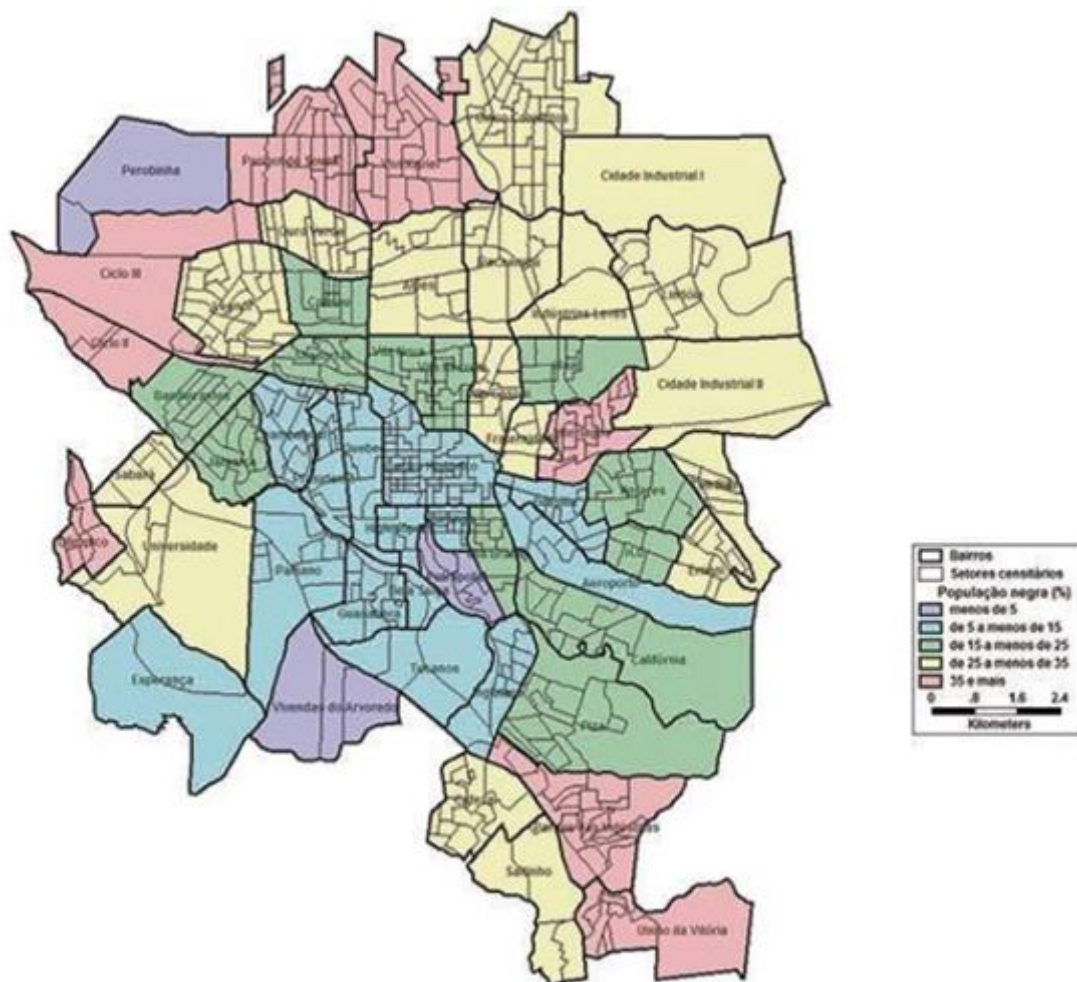
**Org. Galdino (2017).**

Nas áreas periféricas, concentraram-se os maiores índices de homicídios da população negra conforme a figura 3. A figura 4 mostra que os negros em Londrina habitam principalmente os bairros periféricos pobres.

Londrina contou com grande participação de emigrantes de São Paulo, Minas Gerais (SOUZA, 2014). Quanto aos estrangeiros, como os ingleses e japoneses, mesmo não sendo a maioria, sobrepujaram os demais grupos populacionais como os negros (GALDINO, 2017). Existem homenagens aos ingleses e japoneses, mas os negros são invisibilizados, deixados longe do centro histórico, negados, não tendo sua memória preservada, ou seja, não são lembrados por, utilizando-se do trabalho braçal, contribuírem para a expansão agrícola em Londrina (SOUZA, 2014). A localização dos negros em Londrina, conforme a figura 4, expressa, conforme Santos (2012, p. 12), que “[...] continuam ser uns eternos estrangeiros em seu próprio território”, isto é, não são vistos como constituintes da história oficial de Londrina, são apagados, deixados à margem do acesso dos serviços de saúde, educação, lazer, entre outros

concentrados no centro e que permitem a manutenção do corpo e da vida.

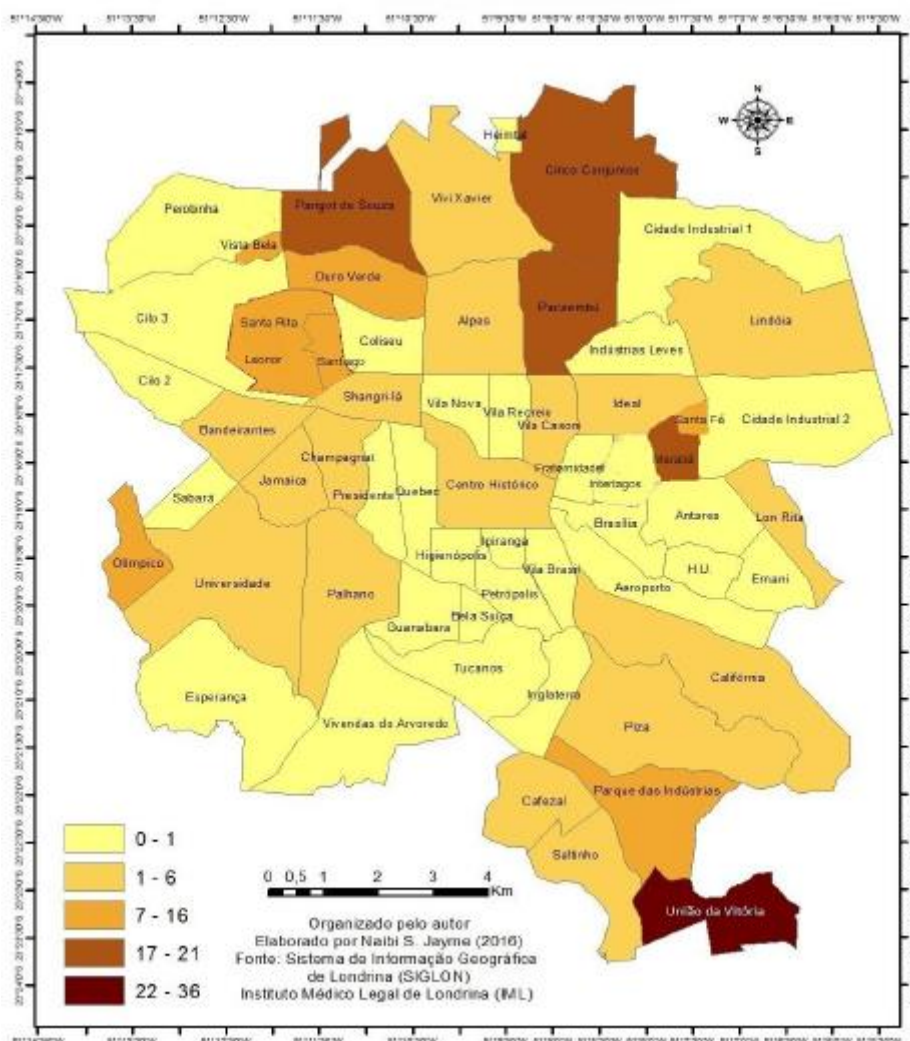
**Figura 4** – Distribuição da população negra em Londrina.



**Fonte:** Silva (2014).

Quando Galdino (2017) analisou a morte de negros em Londrina por bairros, entre 2005 e 2014 conforme a figura 5, desvelou que os bairros União da Vitória (36 homicídios) e o Parigot de Souza, onde se encontra o Vista Bela (15 homicídios), são permeados intensamente pelas práticas de eliminação dos corpos e vidas negras. Bairros habitados, principalmente, pelas pessoas negras.

**Figura 5 – Distribuição de homicídios por bairros: Negros em Londrina (2005 até 2014).**



**Org. Galdino (2017).**

As 36 mortes no União da Vitória estavam relacionadas a ação policial, que ao invés de levar segurança, propaga o medo, exterminando os corpos negros.

Os bairros do medo têm cor e gênero. Os homicídios na cidade de Londrina podem ser entendidos enquanto causa da estranheza que permeia a relação do homem com a terra (DARDEL, 2015), no caso, principalmente aqueles que não habitam o União da Vitória e Vista Bela, com maiores chances de impossibilitar que seus habitantes, principalmente negros, realizem sua existência, proposta por Dardel. Os homicídios impedindo o estar-no-mundo (BESSE, 2014). Se a introjecção do lugar permite que nos tomemos os lugares que vivemos (MARANDOLA JR, 2012), a morte do homem elimina, aos poucos, a paisagem que se constitui no e com esse homem,



que é habitado por ela antes de vê-la e o compõe ao longo do tempo em sua experiência cotidiana, mergulhado nela envolvendo seus cinco sentidos.

Homicídio é a expressão extrema do conflito interpessoal. A violência entre a juventude é experienciada cotidianamente, normalizada, propagando apatia, rompendo valores de solidariedade e tolerância, e sendo vista como solução de problemas imediatos. Ameaça de morte presente no cotidiano, à espreita, vida sem importância, banalizada no jogo de matar ou morrer (LOLIS, 2011).

A violência, os assassinatos, geram insegurança, medo, pois é imprevisível, fútil e irreversível. O transgressor perturba o mundo de outra pessoa. O assassinato, uma vez feito, pode gerar prazer ao ter poder sobre o outro, sobre a vida e a morte (LOLIS, 2011).

Em Londrina, boa parte dos homicídios estão ligados a drogas, resoluções de conflito via arma de fogo. Mortes por arma de fogo quando o jovem quer sair do tráfico de drogas, para manter e afirmar o poder sobre determinada área, garantir o tráfico e enfrentamento de gangues rivais e policiais. Londrina compõem a rota do tráfico de drogas, sendo ponto de trânsito e processamento de maconha, cocaína e crack, aumentando as mortes entre jovens usados como “mulas” (LOLIS, 2011).

No Brasil, há forte preocupação com a “guerra às drogas” que consiste no plano governamental de erradicar o tráfico nas favelas conferindo às forças policiais poder de execução extrajudicial, ou seja, assassinato, caso necessário. No entanto, o problema é que as forças policiais agem de forma mais truculenta nas favelas, locais habitados principalmente por pobres e negros, onde policiais entram apontando armas para todos, incluindo famílias que não estão envolvidas na criminalidade. O argumento para a “guerra às drogas” é tornar seguro os lugares inseguros permeados pelo tráfico, colocando traficantes na cadeia e provocando quedas no consumo de drogas, mas as ações truculentas empreendidas pela polícia barateiam as drogas e fortalecem o crime organizado (VARELLA, 2019). A guerra às drogas mascara o racismo ao ter como foco, principalmente, a população negra que ocupa as periferias pobres. O combate ao tráfico deve ocorrer, mas a questão é como fazer considerando a forma como as forças policiais agem atirando de helicópteros, caveirões circulando de maneira predatória amassando automóveis e invadindo residências sem mandato apenas para promoverem apreensão de drogas, morte de suspeitos (incluindo pessoas não envolvidas na criminalidade), além de não desarticular o narcotráfico, acarreta uma política de “enxugar-gelo”. Bauman (2008) nos lembra que o poder conferido aos

policiais, por meio da máquina burocrática, torna os seus executores isentos da responsabilidade de seus resultados e repercussões. A responsabilidade “por” é substituída pela responsabilidade “perante”, ou seja, a responsabilidade não pela ação, mas perante o superior. Polícia que provoca sensação de insegurança ao invés de segurança.

O União, no começo de sua estruturação, ganhava visibilidade por meio dos noticiários de mortes oriundas de brigas ou ações policiais, sendo estigmatizado (GALDINO, 2017). O mesmo se aplica ao Vista Bela. Paisagem do medo para os outros, pois o medo está neles. E, se a paisagem contém dimensões de nós, essas dimensões, ao olhar dos outros, podem causar estranheza. A paisagem possuindo marcas da atividade humana, vida, cultura e dimensão ontológica (BESSE, 2014).

No entanto, não é apenas a violência que permeia a experiência nessas paisagens, apesar das adversidades, elas compõem a vida emocional, familiaridade e invólucro que proporcionam a segurança. Sendo paisagem, experienciaram seus filhos crescerem, as relações de vizinhança, o ar gélido do inverno, as altas temperaturas do verão, medos, risadas, esperanças e a passagem do tempo. Horizonte do sentir que, por meio de um corpo-vivo-existencial, se constitui ao experienciar (MARANDOLA JR, 2014).

O medo é subjetivo, pois está em nós. Alguns são produzidos por um ambiente ameaçador e outros não (TUAN, 2005). Os medos mudam ao longo do tempo. Alguns surgem na infância, e outros na adolescência e/ou vida adulta. Determinados medos persistem e/ou desaparecem ao longo da vida. Alguns medos específicos são apreendidos e podem variar em tipo e intensidade entre as pessoas. A imaginação sobre espaços representados por tentações e ameaças (TUAN, 2005) podem ampliar o medo.

O medo é composto pelo sinal de alarme e ansiedade. O sinal de alarme é associado a um evento inesperado e impeditivo do meio ambiente. A ansiedade é a resposta difusa de medo, habilidade de antecipação, pressentimento de perigo, principalmente quando o sujeito se depara ou está imerso em determinada paisagem estranha e desorientadora, longe de seu território e aspectos conhecidos que lhe fornecem segurança. O medo humano também pode ser potencializado pela vergonha e culpa (TUAN, 2005).

O medo que está em cada um de nós é projetado nas outras pessoas e bairros, diante das sensações da perda de controle, incapacidade de exercer poder, e barrar

as potenciais fissuras ao nosso casulo protetor. Como resposta, alguns bairros são evitados. Esses comportamentos são associados a estranhos, assaltantes, ladrões, assassinos, imigrantes pobres, pobres como fonte potencial de corrupção moral e drogas, bruxas e fantasmas, que, ao estarem lançados no mundo, assombram e transformam as ruas, as cidades, o campo, o pátio de recreio da escola, isto é, espaços, que deveriam possibilitar o desenvolvimento das pessoas, tornam-se amedrontadoras paisagens do medo. Como resposta, os muros e cercas de uma casa, prédio, condomínio ou cidade são formas e tentativas de proteção contra inimigos humanos, caos e violência, criando casulos protetores contra ameaças decorrentes das ações humanas que podem se manifestar em variadas escalas (TUAN, 2005).

Em Londrina, a Gleba Palhano e os condomínios fechados concentrados na região sudoeste são habitados principalmente por brancos e podem ser considerados exemplos de fortificações contra a violência associada aos bairros habitados por pessoas pobres e negras (GALDINO, 2017). Para alguns, a segurança pode ser mais importante no bairro do que na casa ou o contrário, em outras palavras, a insatisfação com a casa pode não implicar descontentamento com o bairro. (TUAN, 2005).

Tentativa de gerar segurança baseada também no rastro de uma experiência passada de enfrentamento de uma ameaça que orienta/influencia o comportamento e escolhas, havendo ou não ameaças imediatamente presentes. Este medo parece ser intensificado quando difuso, disperso, indistinto, desvinculado, desancorado, sem endereço e nem motivos claros; quando nos assombra sem que haja uma explicação visível e satisfatória; ameaça que parece estar em todo lugar e ainda assim não ser palpável para erradicá-lo (BAUMAN, 2008). Neste sentido, o medo está ligado à nossa ausência de controle diante da ameaça e do que pode ou não ser feito para enfrentá-lo, medidas além do nosso alcance em nossa vida cotidiana. O medo secundário, enquanto estrutura mental, refere-se a estar suscetível ao perigo, insegurança (podemos ser atacados por qualquer coisa em qualquer momento, sem aviso prévio) e vulnerabilidade (se o perigo se concretizar, não teremos chances de escapar e se defender). Quando a insegurança e a vulnerabilidade são incluídas na visão de mundo de alguém, a pessoa age como se, a qualquer momento, fosse estar diante do perigo, mesmo que este seja irreal, adquirindo capacidade de autopropulsão (BAUMAN, 2008). Os seres humanos não suportam viver em constante ansiedade, necessitam de controle mesmo que seja ilusória (TUAN, 2005). Bauman não considera a dimensão espacial do medo, e as fontes do medo consideradas por ele se opõe as de

Tuan.

Apesar dos estratagemas para tirar o foco do perigo, não podemos ficar com medo 24h por dia, mas há perigos que não podem ser descartados como imaginações fantasiosas. Podemos lutar a vida inteira contra o medo do envelhecimento e da morte, fazendo todos os procedimentos estéticos, alimentando-se de forma saudável e até evitar circular por determinados lugares considerados violentos, mas, no final, sabemos que o envelhecimento e a morte são inevitáveis.

Como seguir em frente e continuar as atividades cotidianas diante de inúmeras ameaças à integridade do corpo? É necessário âncora cognitiva e emocional da segurança ontológica baseada nas rotinas diárias e confiabilidade das pessoas para filtrar, por entre parênteses, o caos que parece estar em todo lugar e surgir a qualquer momento associado à desorganização, perda de sentido das coisas e das pessoas, gerando ansiedades que atingem o experienciar a paisagem. O ser humano busca e necessita de segurança física e psicológica.

### 1.3 CASULO PROTETOR

Giddens, sociólogo britânico, atuou nas universidades de Leicester e Cambridge. Conhecido por sua visão holística das sociedades modernas, considera o impacto da modernidade na dimensão social e vida pessoal das pessoas. De acordo com Giddens (2002), o ser humano busca e necessita de segurança física e psicológica. A segurança pode ser encontrada na confiança básica que é uma orientação emotivo-cognitiva em relação aos outros, objetos, identidade das outras pessoas e organização interpessoal do tempo e do espaço. A confiança básica é o casulo protetor que todos os indivíduos possuem para seguir em frente nas atividades cotidianas. O casulo protetor é um parêntese que filtra possíveis ameaças à integridade corporal e psicológica das pessoas, possibilitando a experiência de um mundo coerente e contínuo no qual podemos confiar.

A confiança básica também pode ocorrer no contexto de distância entre as pessoas, no cuidado e emoções que nutrem uma pela outra, pontos de referência ontológicos. Quando a confiança básica é abalada ou não foi plenamente desenvolvida, a ansiedade, angústia e medo da perda atingem o indivíduo (MARANDOLA JR, 2008).

Casulo protetores são reflexos dos medos que nos perseguem ao longo da vida, aparecendo e desaparecendo, valendo resgatar o argumento de Tuan (2005) acerca das crianças ao considerar que elas podem sentir medo de ruídos inesperados, falta de apoio, objetos que se movem bruscamente e mudanças rápidas de luminescências, presença de um rosto estranho, ausência da mãe, a escuridão (isolamento, desorientação e presença de monstros), a escola (ambiente barulhento com pessoas estranhas e rudes), entre outros. Quando a criança se recusa a brincar em determinado lugar, esse medo pode estar relacionado mais as pessoas do que ao lugar em si. A criança sabe sobre o mal por meio do comportamento rude daqueles que convivem com ela, amigos e familiares. A possibilidade de abandono, de se perder, altura, estranhos e carros, motos e bicicletas em movimento. Temor de lugares além da casa-base, imagens de horror, ficar com a babá, reformatório, bicho papão, pai e mãe irem embora, entre outras situações inusitadas. Conforme as crianças crescem, velhos medos tendem a desaparecer e outros surgem (TUAN, 2005). Para

um adolescente do Ensino Médio, a escola pode se tornar uma paisagem do medo se ele for vítima de *bullying* por exemplo. O adolescente pode ou não superar esse medo e, provavelmente, quando se tornar jovem, outros medos surgirão como, por exemplo, o medo do desemprego. Em contrapartida, a mãe também é aconchego; a escola, lugar de encontro e risada com os amigos e a casa, proteção.

A confiança básica contribui para a autoidentidade que é criada e sustentada nas atividades cotidianas, porém esta é frágil, porque é só uma história entre várias outras histórias que poderiam ser contadas sobre seu eu. Por outro lado, é sólida pois pode ser mantida com segurança para passar por tensões e transições de ambientes sociais (GIDDENS, 2002). A certeza de seu próprio eu e de sua história permitem o indivíduo alcançar a segurança ontológica (MARANDOLA JR, 2008).

Há também a ideia de mundo circundante enquanto cercanias físicas que se estendem por porções indeterminadas de tempo e espaço, mundo da normalidade em movimento transportada de situação para situação (GIDDENS, 2002). Esse mundo circundante atribui materialidade ao casulo protetor carregado pelo indivíduo, analisando as ameaças e riscos em diferentes contextos (MARANDOLA JR, 2008).

Para Giddens (2002), o corpo é um meio pelo qual enfrentamos situações e eventos exteriores envolvendo comunicação diária, expressões faciais e gestos. É esperado que o indivíduo controle o seu corpo em situação de interação social. Este controle do corpo (experiência e habilidades corporais) é importante para manutenção do casulo protetor das pessoas no dia a dia. Controlar o corpo faz parte para ser aceito pelos outros, pois o corpo está sempre em exibição para os outros. Controlar o corpo ajuda manter a biografia da autoidentidade. Os maneirismos corporais reproduzem o casulo protetor nas atividades cotidianas. A consciência corporal é fundamental para captar e experienciar polissensorialmente a plenitude do momento. O comportamento cotidiano e a narrativa biográfica são fundamentais para a segurança ontológica. Somos a favor da vida e da integridade do nosso corpo, pois ele é o nosso cosmo mais íntimo e harmonia sentida (TUAN, 2005).

Para Giddens (2002), o corpo é fonte de prazer, bem-estar, doenças e tensões, além de ser entidade física e sistema de ações que emerge nas interações práticas do cotidiano, compondo parte da autoidentidade. Aparências corporais referem-se às características da superfície do corpo, modos de se vestir, acessórios que ficam visíveis para a pessoa e para os outros. Essas aparências corporais visíveis são usadas como pistas para interpretar ações e a identidade social (mais do que a

identidade pessoal, segundo o autor). Essa aparência (vestimenta, acessórios e postura) é utilizada de diferentes formas pelo indivíduo em decorrência dos múltiplos ambientes presentes na vida diária, apresentando comportamento apropriado (GIDDENS, 2002). Ao mesmo tempo, a aparência do corpo pode influenciar na experiência das pessoas – negras, mulheres, transexuais, indígenas - ao estarem lançadas no mundo, tendo seus corpos na mira de serem agredidos e eliminados. O mesmo corpo que é casulo sofre ataques racistas, machistas, transfóbicos e genocidas. Um corpo que, apenas por existir, é permeado pelo medo de ser eliminado a qualquer momento. As ameaças ao corpo, que afetam nossa relação com os outros, tornando uma incansável guerra humana contra as ameaças mortais (MATHIESEN, 2004).

No Brasil, o feminicídio que, em 2018, atestou a morte de 1222 mulheres e, em 2019, saltou para 1310. Cerca de três mulheres são assassinadas por dia, sendo, na maioria dos casos, por companheiros e ex-companheiros (MATTOSO, 2019), pessoas próximas que, ao invés de serem casulos protetores, provocam medo. Violências cometidas usando facas, armas de fogo, barras de ferro, tesoura, canivete, espancamento, estrangulamento, entre outros meios. Situação em que a casa deixa de ser aconchego para tornar-se tormento.

Há também o estilo de vida enquanto conjunto relativamente integrado de práticas (hábitos e orientações) que as pessoas adotam, suprimindo necessidades e alimentando a narrativa particular da autoidentidade, contribuindo para a segurança ontológica. Grupos influenciam na seleção, criação e visibilidade de estilos de vida ligadas ao contexto socioeconômico. As oportunidades de escolhas do estilo de vida não são iguais para todos, pois podem haver privações econômicas. Há pluralidade de estilo de vida, e estão ligadas à diversidade de ambientes da vida social moderna. Aprofundar-se em algum desses ambientes pode ser um estilo de vida. A pluralidade também está ligada a pessoas, amigos, aos de dentro em contraste aos de fora. Pessoas com determinado estilo de vida, ao circularem por determinado ambiente, podem sentir-se desconfortáveis por questionarem seu estilo. As ações adotadas pela pessoa num ambiente podem ser diferentes das de outro, isto é, o estilo de vida é segmentado, pois este se refere a um fragmento de tempo e espaço do conjunto de atividades. Pode envolver atividades em um dia da semana e turno específico. A escolha do estilo de vida também constitui o planejamento da vida (GIDDENS, 2002).

Entretanto, hoje em dia, há grande diversidade de estilos de vida e modos de

ser, obrigando as pessoas escolherem, muitas vezes, sem parâmetros ou conhecimentos confiáveis, permitindo o surgimento da insegurança e impotência diante dos riscos e perigos incalculáveis, a tensão entre proteção/risco (MARANDOLA JR, 2008). As decisões no planejamento da vida, estilos de vida e ausência de certezas podem despertar angústia e ansiedade. Os estilos de vida são ambivalentes, pois podem fortalecer os casulos protetores ou trazer risco para dentro de casa. Tuan (2012) entende os estilos de vida como a soma de atividades sociais, econômicas e ultraterrenas, que dificilmente é desempenhada conscientemente ou verbalizada. Se pensarmos na violência, boa parte dos jovens que se envolvem na criminalidade experienciam a violência em casa (LOLIS, 2011) ou podem levá-la para o interior de seu casulo protetor.

As interações interpessoais entre pessoas, nos contextos da vida diária, geram tensões, recompensas e necessitam de confiança entre as pessoas, a qual deve ser trabalhada, ganha. A construção de confiança exige que os indivíduos sejam autônomos, confiantes e confiáveis. Para cada pessoa conhecer a personalidade da outra e receber respostas, envolve tempo e atenção para ouvir o outro, pois a comunicação (falar e ouvir) é fundamental para a intimidade, dialogando desde assuntos corriqueiros aos mais complexos e profundos, visando resolvê-los ao conhecer o outro. Isto é, por meio das relações diretas, o indivíduo reconhece o outro e (re)afirma sua autoidentidade por meio das respostas do outro (GIDDENS, 2002). Histórias são compartilhadas e integram os planos de vida das pessoas, ambientes específicos de intimidade. Entretanto, as pessoas sorridentes e simpáticas também podem ser vistas com potencial para promover o mal, e este lado incógnito provoca mal-estar, pois qualquer pessoa pode ferir (TUAN, 2005). Ou seja, não há divisão clara entre as experiências permeadas por segurança e por insegurança, pois ambas se mesclam, expandem e contraem ao longo do tempo e dos contextos espaciais.

As pessoas estão no centro do seu mundo e podem possibilitar a espaciosidade, porque estar livre é ter espaço suficiente para locomover-se. O espaço também é mensurável pelo alcance do nosso corpo. As pessoas podem provocar em nós espaciosidade, pois nossas mentes e corações se expandem na presença de quem amamos, mas as pessoas também podem restringir nosso mundo e ameaçar nossa liberdade ao projetarem seus mundos na mesma área (TUAN, 2013).

Só conhecemos os pensamentos e emoções da outra pessoa por meio de ações empáticas. Aprender as qualidades do outro é importante e pode auxiliar na



segurança ontológica, envolvendo experiência e autoidentidade. A confiança começa na credibilidade que damos as pessoas que cuidam de nós, nas relações interpessoais nos ambientes sociais da vida (GIDDENS, 2002). As respostas do outro são importantes. Isso pode ocorrer na vida diária das pessoas e envolve o olhar de uma pessoa, tom da voz, mudança, expressão facial e gestos corporais. Experienciar o União da Vitória e Vista Bela é uma possibilidade para o estabelecimento de empatia e o desenvolvimento da segurança.

De acordo com Giddens (2002), o casulo protetor filtra, demarcando a confiança bem fundada e a confiança menos segura. Essa linha de demarcação é fundamental para assumir o risco. É preciso que a confiança básica seja forte para não se abalar por qualquer risco. O estilo de vida pode ser refúgio para alguém amenizar suas ansiedades. Os riscos são deixados de lado, entre parênteses, e as pessoas seguem com suas vidas. Não há filtro que supere integralmente as ansiedades que permeiam o mundo e as pessoas.

Quando as pessoas não conseguem estabelecer confiança e solidez na relação com pessoas e objetos que as circundam, elas apresentam seu casulo protetor mais frágil em filtrar ameaças externas. O casulo protetor pode ser rompido temporariamente ou permanentemente. As pessoas lidam com perigos, que despertam medo, alterando comportamentos e pensamentos cotidianos (GIDDENS, 2002).

Quando o casulo protetor é rompido, as ansiedades se disseminam, atacando a segurança ontológica. A ansiedade é o estado geral de emoções da pessoa, podendo ser sentida em determinada situação ligada à sensação de poder da pessoa com o mundo exterior. É o estado de medo inconscientemente organizado. A ansiedade pode, em algum grau, ser experimentada conscientemente. A ansiedade é experiência relacionada à reação dos outros e ataca o núcleo do eu, sistema básico da segurança. O desenvolvimento psicossocial do indivíduo influencia no grau de impacto que a ansiedade pode ou não gerar, estimulando comportamento compulsivo ou fóbico. A ansiedade pode estar ligada ao medo de separação das pessoas, da perda, abandono, ou seja, antíteses de amor, confiança e esperança e o lado negativo da confiança. Ansiedade está ligada à tentativa de antecipação de possibilidades futuras (GIDDENS, 2002) como, por exemplo, o medo das mulheres em circular sozinhas à noite pelas ruas da cidade ou de usar o transporte público diante da possibilidade de terem seus corpos violados, sofrerem agressão sexual, além dos

diferentes níveis de assédios em seus locais de trabalho.

O medo produziu diferentes paisagens sobre espaços e tempos. Paisagens do medo se associam a lugares, despertando incerteza, sofrimento e angústia nas pessoas (MARANDOLA JR, 2008). Marandola Jr (2008) lista elementos que interferem na tensão risco/proteção e segurança/insegurança existencial, considerando elementos propostos por Giddens e trazendo aspectos da natureza geográfica como lugar, comunidade, território e mobilidade. Quanto aos riscos, foram listados: angústia/ansiedade, medo, dúvida, sistemas abstratos, desencaixe, espaço, segregação da experiência, relações puras, solidão/isolamento e outro/estranho. E as proteções foram: casulo protetor, infância/família, confiança básica, lugar, território, comunidade, mundo circundante, estrutura de oportunidades e memória poética.

Nesse sentido, Marandola Jr (2008) traz importante contribuição para pensar o casulo protetor considerando também a dimensão espacial, reflexão da espacialidade humana para pensarmos a vulnerabilidade existencial. Ele considera o lugar o mais significativo. Para Tuan (2012), os lugares são centros de significados aos quais atribuímos afeto e valor. O lugar é segurança e estabilidade, e o lar é a casa velha, o velho bairro, a velha cidade. Os lugares se constituem ao longo do tempo, em lugares de afeto e aconchego, na perspectiva anunciada por Tuan (2012), envolvendo amigos e famílias, pessoas que filtram os perigos transmitindo segurança. O espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição, significado, atribuição de afeto e conexões emocionais, pausa no movimento para experienciar o lugar. Os lugares carregam emoções e são estabelecidos por meio da percepção, da mente, dos sentidos, da experiência. As experiências no lugar para construção de afetos demandam tempo. Em lugares onde moramos, a casa, tecemos memórias agradáveis e encontramos pessoas que permeiam nossa autoidetidade, continuam em nós permitindo a constituição básica de nossa existência (MARANDOLA, 2008). Isto é, faz-se necessário considerar o habitar como ponto fulcral da tensão risco/proteção e segurança/insegurança.

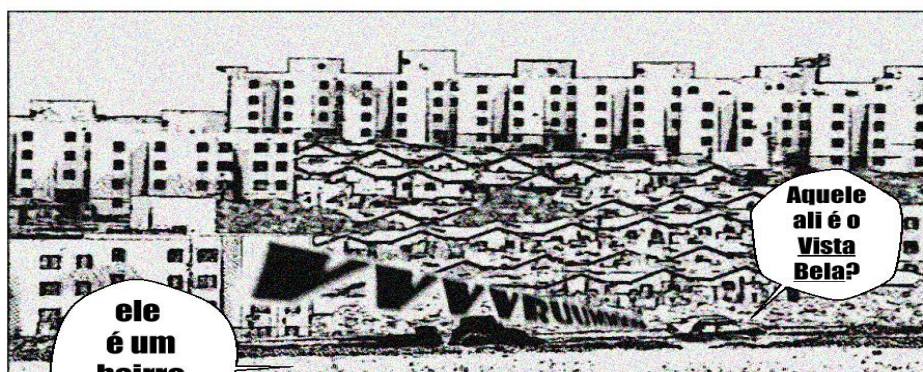
Essa proteção que desfrutamos nesses lugares se ampliam ao longo da vida conforme experienciamos outros espaços que são incorporados ao nosso território, envolvendo principalmente a casa, escola e local de trabalho (MARANDOLA JR, 2008). No entanto, de acordo com Tuan, os medos podem surgir em qualquer canto, incluindo nossos lares, ruas escuras, telas luminosas dos televisores, locais de trabalho, metrô, de pessoas que encontramos e pessoas que não conseguimos

perceber (que podem ameaçar nossos lares, empregos e corpos, promovendo atrocidades, terrorismos, crimes violentos e agressões sexuais).

A paisagem é introjetada em nosso corpo por meio dos sentidos. Com e pelo corpo, experienciamos e nos tornamos paisagem. Entretanto, ao estarmos lançados, também estamos expostos à possibilidade de romper a integridade do corpo por meio de homicídios e agressões.

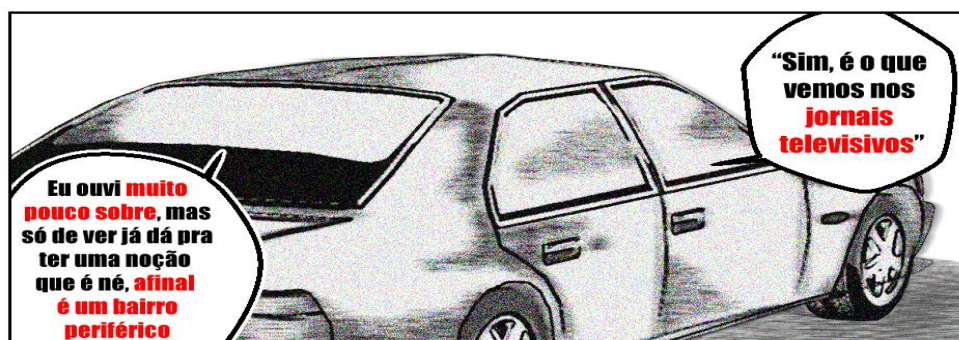
São inúmeros os perigos que ameaçam e podem romper o casulo protetor. Entre essas ameaças, é comum encontrar, em diversas cidades do Brasil, pessoas preocupadas com a possibilidade de serem roubadas ou mortas. Das 773.151 pessoas que se encontravam encarceradas até 2019, 37% praticaram roubos, 11% cometeram homicídio (JUSTIÇA, 2020). Em Londrina, a população carcerária da Penitenciária Estadual de Londrina (PEL) I e II e da Casa de Custódia somavam 1890 pessoas, quantidade superior à capacidade de 1684 vagas (DEPEN, 2011). A integridade do corpo teme alguns comportamentos de outros corpos no dia a dia quando esses corpos não são controlados em relação a esses dois tipos de violência. Esses corpos, que cometem os roubos e/ou homicídios, podem adotar esse estilo de vida em determinados dias da semana e períodos devido às privações socioeconômicas. As pessoas, que possuem, no seu estilo de vida, o hábito de cometer roubos ou homicídios, provocam tensões no casulo protetor de outras pessoas com quem interagem no nível da experiência (suas vítimas e testemunhas) e imaginário (aqueles que sabem de fragmentos do ocorrido por meio de notícias transmitidas pela mídia ou do intimismo com amigos, familiares e vizinhos).

Como permitir que as experiências nos lugares e paisagens sejam permeadas por empatia, confiança e segurança diante das inúmeras ameaças à integridade do casulo protetor que podem culminar na eliminação do corpo e da vida?



ele  
é um  
bairro  
violento?

Aquele  
ali é o  
Vista  
Bela?



Eu ouvi muito  
pouco sobre, mas  
só de ver já dá pra  
ter uma noção  
que é né, afinal  
é um bairro  
periférico

“Sim, é o que  
vemos nos  
jornais  
televisivos”



Entendi

Sim, o Vista  
Bela sempre  
me foi recomendado  
manter distância  
devidos a falta de  
policiamento

e quantidade  
de assaltos,  
além de ser um  
ponto muito  
alto de trá-  
fico de drogas”

..E também já  
ouvi dizer  
coisas sobre o  
União da Vitória

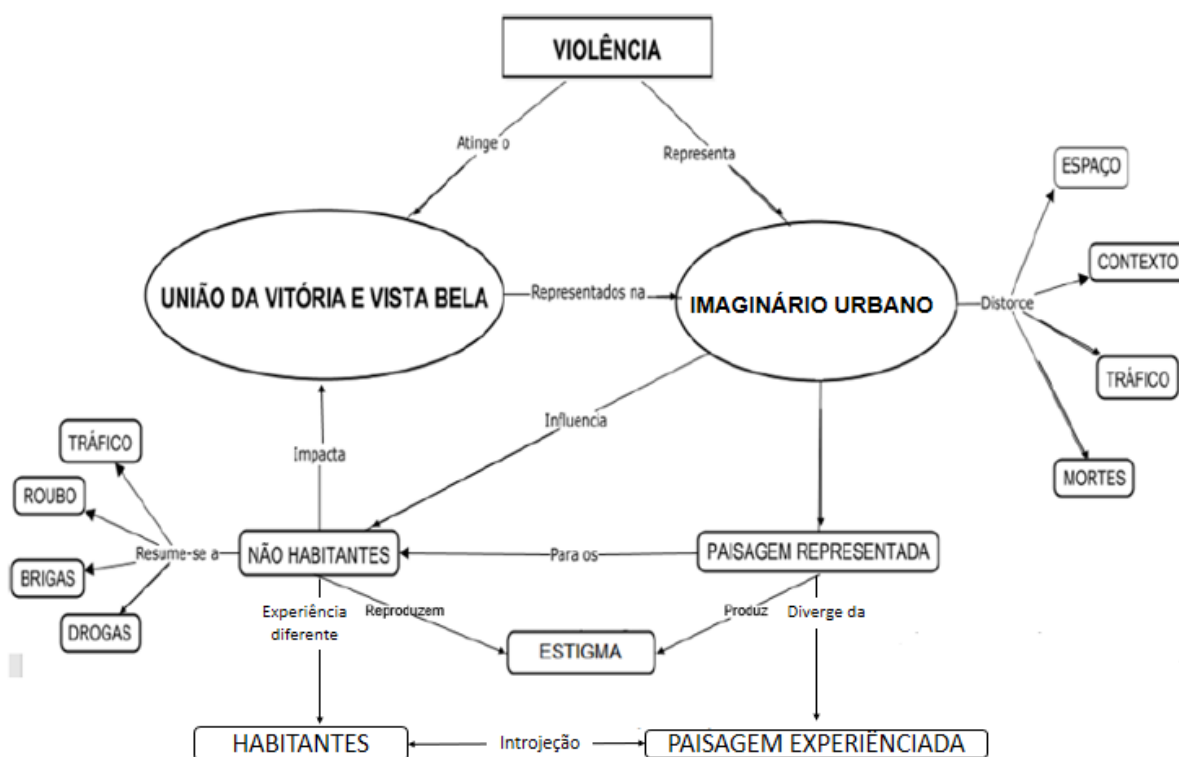
## II

# IMAGINÁRIO GEOGRÁFICO E PAISAGEM DO MEDO



Este capítulo buscou refletir sobre os (des)encontros entre experiência e imaginário geográfico acerca da violência no bairro do União da Vitória e Vista Bela. Nessa busca, na figura 6, apresento o percurso deste capítulo.

**Figura 6** – Mapa conceitual do capítulo “Imaginário Geográfico e Paisagem do Medo”



Org. Vitto (2020)

Primeiramente, consideramos os bairros União da Vitória e Vista Bela, ambos localizados na cidade de Londrina-PR, para verificar se há divergência entre a experiência de roubo e o imaginário geográfico dos não habitantes. Se há contradição entre os bairros, que os não habitantes imaginam concentrar boa parte das ocorrências de roubo (dimensão do imaginário), e os bairros que, de fato, contêm os maiores índices. Respectivamente, foram espacializados os roubos em Londrina, no período de 2011 a 2019, para observar em quais bairros incidiram os principais casos de roubos. Em seguida, apresento lampejos históricos e geográficos que levaram a formação do bairro União da Vitória e Vista Bela até os dias atuais. Tento desvelar o imaginário dos não habitantes sobre a violência nesses dois bairros, registrando os dados em um formulário on-line.

Posteriormente, baseado nos registros do formulário online, selecionei algumas

reportagens (manchetes e seus respectivos trechos) de portais eletrônicos abordando casos de violência (brigas, tráfico, mortes e roubos) nos dois bairros, demonstrando como podem ser representados de maneira distorcida no sentido espacial e contextual, impactando o imaginário dos não habitantes que resumem esses bairros ao tráfico, aos roubos, às brigas, às drogas e bandidagem. Bairros representados e imaginados que se tensionam com o potencial vivido por meio do corpo-vivo-existencial que experiência lançado-no-mundo (MARANDOLA JR, 2014).

Mas, antes, afirmo que o intuito desta pesquisa não é de promover uma rivalidade entre os habitantes e não habitantes. Conforme Nabozny (2011, p. 38),

[...] o outro não é um adversário, mas uma extensão dialógica (às vezes dialética, podendo formar um novo na síntese) e necessária para o eu existir. Nesse aspecto, destacamos que o outro não se refere somente aos agentes sociais. Dissertamos dessa forma para a própria paisagem enquanto agente de configuração dos sentidos que as pessoas atribuem às suas existências (NABOZY, 2011, p. 38).

O intuito é considerar o imaginário dos que não habitam e as experiências que permeiam os dois bairros em foco. Discursos baseados em bairros representados, conjunto de fragmentos, imaginados e a necessidade de desvelar as experiências, potencial vivido, fazendo o bairro não ser apenas um bairro, mas tornar-se paisagem.

## 2.1 VIOLÊNCIA: ESPACIALIZANDO OS ROUBOS EM LONDRINA-PR

Experienciar cidade é estar exposto constantemente a diversas violências que podem ameaçar e/ou romper a integridade do casulo protetor na perspectiva pessoal experiencial no campo existencial.

A violência desarticula e priva a vítima da possibilidade de ação, pois reduz o espaço e aniquila a liberdade do outro. É divisora, destrói o espaço, esvazia e desinterioriza-o. Tem dimensão espacial e afeta a experiência. Para Zaluar (1999), a violência é quando determinado ato ultrapassa o limite ou perturba acordos e relações, adquirindo negatividade e não permitindo o aparecimento do sujeito da argumentação ou negociação. A violência pode possuir linguagem e simbologia, mesmo que escassa.

A violência pode permear as paisagens e casulos protetores, afetando a experiência, mas nem sempre teremos elementos para conhecer e refletir sobre esses

fenômenos. Quando não existe mais saída, deparamo-nos com o perigo, e, se não há meios para enfrentá-lo, as pessoas tendem a fugir para um novo lugar, como escreveu Marandola Jr (2008, p. 47): as pessoas fogem “[...] nunca sabendo se a proteção existente é suficiente. A insegurança parece total e a angústia a acompanha de perto, junto com a ansiedade”. No entanto, nem todas as pessoas possuem condições de fugir.

A violência pode ser reflexo da falta de poder de um indivíduo que apela para a violência tentando converter impotência em poder que, nesse caso, será frágil. Impotência refletida no medo diante da falta de controle sobre algo. Violência e medo projetados sobre o outro diante da ausência de controle.

Conforme Adorno (2002) e Zaluar (1999), a violência no Brasil é crescente em diversas modalidades: crime comum, violência fatal, violação de direitos humanos, delinquência urbana, crimes contra o patrimônio (roubo e extorsão mediante sequestro), homicídio doloso, crime organizado com bases transnacionais, tráfico internacional de drogas, uso excessivo de armas de fogo e contrabando, conflitos entre vizinhança com desfecho fatal.

Há também explosão de conflitos nas relações pessoais e intersubjetivas, as quais podem ocorrer entre companheiros, parentes, vizinhos, amigos, colegas de trabalho, pessoas que frequentam o mesmo espaço de lazer, patrões e empregados, comerciantes e clientes, desentendimentos na propriedade ou posse de algum bem, paixões não correspondidas e expectativa não correspondida quanto ao papel desempenhado na função de pai, mãe, mulher, filho, trabalhador e estudante. Violência nas escolas, baile funk, violência doméstica e assassinato sistemático de negros, mulheres e LGBT+ (ADORNO, 2002).

As pessoas podem despertar, entre si, sensações de segurança e/ou insegurança, medo, pois podem ser indiferentes às nossas necessidades, trair nossa confiança e procurar nos fazer mal. Esses comportamentos são associados a estranhos, assaltantes, ladrões, assassinos, transformando as ruas, as cidades, o campo, o pátio de recreio da escola, isto é, espaços que deveriam possibilitar o desenvolvimento das pessoas tornam-se amedrontadores, contribuindo para construção de paisagens do medo (TUAN 2005).

Fatos violentos que, somados à fragilidade do poder público em promover a justiça, estimulam o medo e a insegurança, levando algumas pessoas a cometerem linchamentos ou formarem esquadrões da morte como alternativa para buscar

segurança por meio da eliminação do perigo representado no outro, quando ocorrem casos insuportáveis para a moralidade popular, como estupro, roubo e homicídio.

A violência mostrada na televisão aumenta a falta de confiança no mundo, mas, por meio de suas próprias experiências cotidianas, as pessoas também sabem que podem sofrer violência (TUAN, 2005).

A sociedade brasileira atual é permeada pelo debate promovido por alguns grupos políticos intencionados em flexibilizar o acesso as armas e reforçar a guerra às drogas, o que se torna, na prática, uma guerra contra a população pobre e negra. A polícia e demais instituições, que deveriam transmitir segurança, propagam medo e desconfiança para a população. Essa ordem implantada por estes detentores de poder deve ser questionada. Ao que tudo indica, os detentores de poder também são criadores e propagadores da violência (ZALUAR, 2009). Afinal, quem define o ato violento também é quem detêm o poder, sendo esse ato a transgressão de regras criadas pelo mesmo poder. Se, entre essas regras, há violência, isso não será considerado violência (BECKER, 2008).

Conforme os dados publicados pelo Departamento Penitenciário Nacional (Depen) do Ministério da Justiça, o Brasil possui a terceira maior população carcerária do mundo, alcançando, em 2017, 726 mil presos. Deste total, 40% ainda não possuem condenação judicial, mais da metade é composta por jovens entre 18 e 29 anos e aproximadamente 64% são negros. Há apenas 368.049 vagas nas cadeias para quase 800 mil pessoas, levando 78% dos estabelecimentos penais a ficarem com mais presos que o número de vagas. O tráfico de drogas representa 28% dos crimes da população carcerária, roubos chegam a 37%, homicídios representam 11%, 4.805 pessoas estão presas por sequestro e cárcere privado, 1.556 por sequestro e cárcere privado, 25.821 contra a dignidade sexual (11.539 respondem por estupro e 6.062 por estupro de vulnerável) (BRASIL, 2017). Em 2019, o Brasil atingiu o patamar de 773.151 pessoas privadas de liberdade (JUSTIÇA, 2020).

A pobreza pode causar aversão nas pessoas, especialmente nas de classes econômicas mais altas. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que 54,8 milhões de brasileiros vivem abaixo da linha da pobreza,  $\frac{1}{4}$  da população nacional com renda familiar por pessoa inferior a R\$ 406,00 por mês segundo critérios adotados pelo Banco Mundial. Deste total, 44,8% concentram-se na região nordeste (USP, 2019). O Brasil tem 11,4 milhões de pessoas vivendo em ocupações desordenadas, conhecida popularmente em algumas regiões do Brasil



como favela. De acordo com a Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio (PNAD), em 2015, 18,7 milhões de domicílios não contavam com, pelo menos, um dos três serviços básicos de saneamento, isto é, conexão à rede de esgoto, coleta e lixo e água encanada (NOTÍCIAS, 2017).

Dados de violência no Brasil divulgados por meio do Atlas da Violência (2019), elaborado pelo Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA) e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), verificam que, em 2017, ocorreram 65.602 homicídios. Dentro deste total de homicídios referentes ao ano de 2017, 35.783 vítimas eram jovens e, deste montante, 75,5% eram negros e 13,7% eram mulheres, sendo que 72,4% foram cometidos com arma de fogo. Das 618 mil pessoas vítimas de homicídio entre 2007 e 2017: 92% eram homens (76,9% desses homicídios por arma de fogo). Conforme Han (2017), a violência exercida sobre o outro aumenta as chances de sobrevivência, pois, ao matar, a morte é suplantada. O medo de morte via homicídio pode coexistir ou dar lugar ao medo de perder algo, ser roubado, com dano à propriedade. Roubos que somam 11% dos atos cometidos pela população carcerária privada de liberdade até 2019. Viver bem dá lugar à histeria por sobreviver, segurança do corpo, que precisa ser conservado, mas não há nada que prometa duração permanente. O corpo humano tem aberturas através do qual o mal pode entrar (TUAN, 2005). O medo pode entrar no casulo protetor e o casulo protetor estar presente na paisagem do medo. As experiências em uma paisagem, ao propiciar a realização da existência, podem divergir afetando a carne e o sangue (DARDEL, 2015), permitindo a continuidade ou encerramento da vida.

A violência possibilita que o medo, nas palavras de Caldeira (1997), se reflita na legitimação das medidas de segurança e vigilância fazendo os não habitantes gerarem e circularem estereótipos, classificando algumas pessoas como perigosas, evitadas e temidas. Consequentemente aumentam as rígidas fronteiras entre pessoas diferentes, ampliando a distância e separação. Respostas às ameaças ao casulo protetor. De acordo com Tuan (2005), na cidade, criam-se fortificadas paisagens do medo devido ao perigo, ansiedade e aversão em relação aos pobres, estrangeiros e à violência no meio urbano, considerados fonte potencial de corrupção moral e drogas conforme já exemplificado no caso da Gleba e condomínios fechados em Londrina. Quando não há mais recursos ou para onde fugir, as pessoas, em sua vulnerabilidade máxima, deparam-se com o perigo (MARANDOLA JR, 2008). Em alguns casos, as pessoas podem se adaptar e ignorar a violência cotidiana.

Considerando os dados publicados em 2013 pelo Programa das Nações Unidas de Desenvolvimento (Pnud) que, por meio de análises de Boletins de Ocorrência em 2011, constatou que o Brasil apresentou a maior taxa de roubo (527,7 a cada 100 mil habitantes) da América Latina, ficando atrás apenas da Argentina (973,3 a cada 100 mil habitantes) e México (688 a cada 100 mil habitantes); os dados de homicídio publicados pelo Atlas da Violência em 2019, pretendo investigar a dimensão da manifestação de experiência ligada a esse tipo de crime na cidade Londrina.

Quando pensamos a violência na cidade de Londrina, é comum associá-la a alguns bairros como, por exemplo, o União da Vitória e Vista Bela. Entre os dias 13 e 30 de maio de 2020, disponibilizei um formulário on-line – Google Forms – via aplicativo WhatsApp e Facebook Messenger para os não habitantes destes dois bairros registrarem o que imaginam acerca da violência no União da Vitória e Vista Bela. Os 62 participantes se identificaram usando codinomes para ocultar o nome verdadeiro.

Do total de participantes, 46 pessoas consideraram o União da Vitória perigoso e 34 pessoas consideraram perigoso também o Vista Bela. Os argumentos registrados para considerarem esses dois bairros perigosos foram: violência, modo como eram abordadas pelos telejornais locais e mídias no geral, assassinatos, crimes, relatos de amigos, conflitos entre habitantes e com a polícia, tráfico de drogas, tiroteio, falta de segurança via policiamento, pessoas marginais, bandidos, práticas homofóbicas e ameaças, desmanche de carro, motos roubadas, ser mais perigosos durante a noite, índole das pessoas e localização periférica. A linguagem contribuindo para criação do bairro do medo. Houve também aqueles que consideraram a violência, nesses dois bairros, algo normal como em qualquer outro.

Considerando que mais da metade dos entrevistados consideraram os dois bairros violentos, floresceram alguns questionamentos: os bairros Vista Bela e União da Vitória concentram os maiores índices de roubos em Londrina? Como esses bairros são abordados na mídia local?

Para responder a primeira indagação, foram coletados, junto ao 2º Comando Regional de Polícia Militar do Paraná (2º CRPMMPR), dados de roubo em Londrina, entre 2011 e 2019, por bairro. Inicialmente, também pretendíamos espacializar por bairro os dados de homicídio, entretanto o 2º CRPMMPR, a Polícia Civil e Polícia Militar só tinham dados de homicídio por ano e não por bairro.

Os registros quantitativos de roubo provêm dos Boletins de Ocorrência e estavam no formato de planilhas excel. Os registros na planilha excel estavam com alguns bairros duplicados, por este motivo os registros foram reagrupados. Não fazem distinção entre o União da Vitória I, II, III, IV, V e VI, pois, na tabela de controle da instituição, agregam todos os casos de roubo dos diferentes Uniões da Vitória como um só.

Houve alguns problemas no que diz respeito à espacialização de dados oriundos de fontes diversas e temporalmente desalinhadas. Ocorre que não há uniformidade na produção e disponibilidade destes dados entre os órgãos responsáveis por sua elaboração. A divergência entre os dados levantados junto às instituições como a Polícia Militar e Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Londrina (IPPUL) sugere diferentes abordagens realizadas por estas instituições no tratamento dos dados gerados em seus levantamentos. Nota-se, por exemplo, que os dados gerados pela PM são distribuídos espacialmente entre bairros que não existem atualmente no mapeamento realizado pelo IPPUL, sendo que muitos destes antigos bairros foram aglutinados ou extinguidos. Ocorria que muitos destes bairros eram primeiramente loteamentos e, conforme novos loteamentos eram criados, novos bairros eram constituídos. Dada a quantidade e a disparidade no que tangia a delimitação destes muitos bairros, a prefeitura criou uma nova disposição espacial dos bairros, aglutinando-os em bairros de maior dimensão.

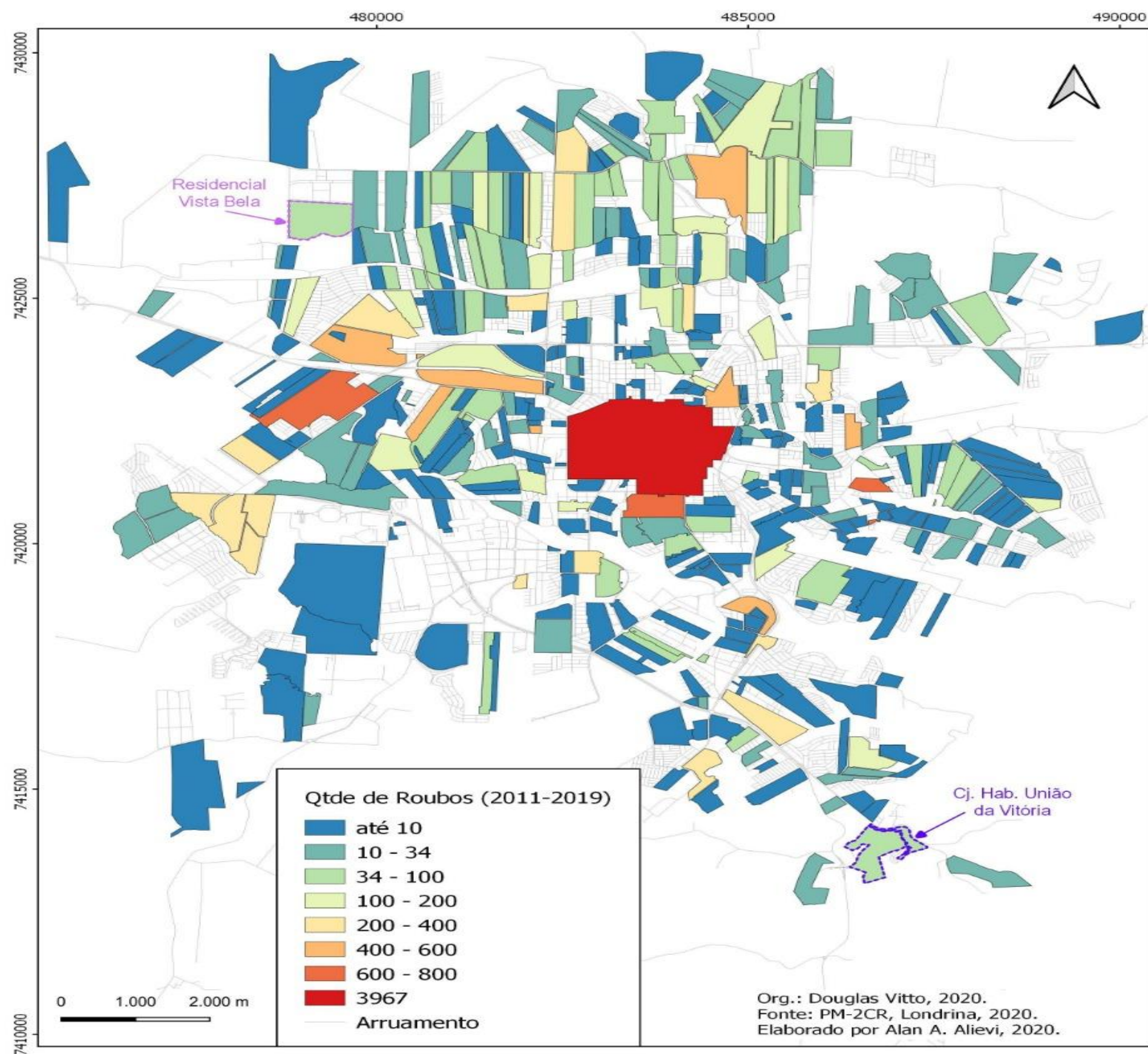
No entanto, percebe-se que ao juntar, em uma mesma área, bairros com dados díspares, o conjunto destes bairros pode induzir análises errôneas acerca da distribuição espacial dos dados. Por exemplo, considere-se que a PM tenha seus dados sobre roubos registrados no mapeamento antigo de bairros, com a nova configuração elaborada pelo IPPUL, muitos destes bairros serão aglutinados em uma mesma área (bairro). Dessa forma, caso um destes antigos bairros apresentasse valores muito mais elevados do que os de seus vizinhos, quando unidos em uma mesma área, ter-se-ia a impressão que toda aquela área apresenta valores elevados. Isto ocorre, pois, com menos bairros, a informação se dilui e bairros com grande número de roubos estarão misturados a bairros com baixo número.

Para tentar delinear a questão, buscou-se simplesmente manter a configuração antiga de distribuição espacial dos bairros na espacialização dos dados, tal como utilizado pela PM e, portanto, não foi utilizado o mapeamento atual dos bairros implementado pelo IPPUL. Enfim, a distribuição espacial da quantidade de roubos na

cidade de Londrina baseia-se na configuração anterior à mudança realizada pela prefeitura, portanto, com maior detalhamento. Além disso, o 2º CMPR considera, como bairros, os prédios residenciais, chácaras, shopping, ruas específicas, patrimônios e distritos fora da malha urbana.

Considerando estes empecilhos, optamos por espacializar apenas as ocorrências em 392 lotes, que puderam ser identificadas na base do IPPUL. O intuito foi verificar se as principais ocorrências de roubo incidem sobre o União da Vitória e Vista Bela, ou seja, se elas seriam um fundamento que justifica, influencia, a concepção de violência sobre os dois bairros. É importante observar que cada área delimitada na figura 7 corresponde a um lote de terras, conforme a metodologia do IPPUL, e os conjuntos de lotes estão dentro dos bairros, em maior dimensão, oficialmente classificados pelo IPPUL.

**Figura 7 – Bairros com maiores médias de roubos em Londrina-PR (2011 a 2019).**



Fonte: PM-2CR (2020).

Essas taxas absolutas são oriundas apenas dos boletins de ocorrência, sendo possível ter ocorrido mais casos de roubos, porém não registrados em BO. Respectivamente, os bairros/lotes que não apresentam nenhuma demarcação/taxa no mapa, não significam que, na realidade, estiveram isentos de roubos, mas apenas não houve registros em BO. É pertinente considerar que as regiões com ausência ou distantes das delegacias podem dificultar as pessoas registrarem as ocorrências de roubo.

Analisando o mapa da figura 7, verifica-se que as maiores taxas absolutas de roubos foram no Centro Histórico (776) – demarcado, em vermelho, no centro do mapa – e outras três localidades demarcadas em laranja escuro: Aeroporto (753) a leste do Centro Histórico, Bandeirantes (747) a oeste do Centro Histórico e a Vila Ipiranga (611) ao sul do Centro Histórico. Isto é, as áreas mais ricas da cidade também são as que mais apresentam problemas de roubo, consequentemente, verificamos a inconsistência de associar os locais de ocorrência dos roubos enquanto os lugares mais pobres (ADORNO, 2002). No entanto, cabe destacar que esses roubos realizados, em maior grau, na região central talvez sejam cometidos, em boa parte, por habitantes de bairros periféricos pobres. De acordo com os levantamentos da pesquisa desenvolvida por Cristiano e Suguihiro (2017), entre os anos de 2009 e 2013, dos 3822 adolescentes – maioria na faixa dos 14 a 17 anos - que praticaram atos infracionais, a maioria residia nos bairros Parque das Indústrias (região Sul), Cinco Conjuntos - composto pelos bairros Violim, João Paz, Aquiles, Sebastião de Melo e Semirames - (região Norte), Interlagos (região Leste) e Leonor (região Oeste).

Esses casos de roubo também refletem a desigualdade socioeconômica entre as pessoas que residem em diferentes áreas da cidade. As áreas que mais concentram riqueza também são as que mais atraem roubos. Em relação aos roubos, as maiores taxas não se localizam nos bairros Vista Bela e União da Vitória, que tiveram respectivamente 43 e 57 ocorrências, porém esses são muito mais estigmatizados do que alguns lugares que concentram as maiores taxas de roubo.

A espacialização dos dados referentes à taxa de roubo em Londrina, entre 2018 e 2020, demonstram que os principais índices não se concentram no União da Vitória e Vista Bela, entretanto, quando indagados, a maioria dos participantes consideraram esses bairros perigosos por considerarem também outros tipos de violência. Mas o que são esses bairros? Como surgiram? Como é viver neles?

## 2.2 UNIÃO DA VITÓRIA E VISTA BELA

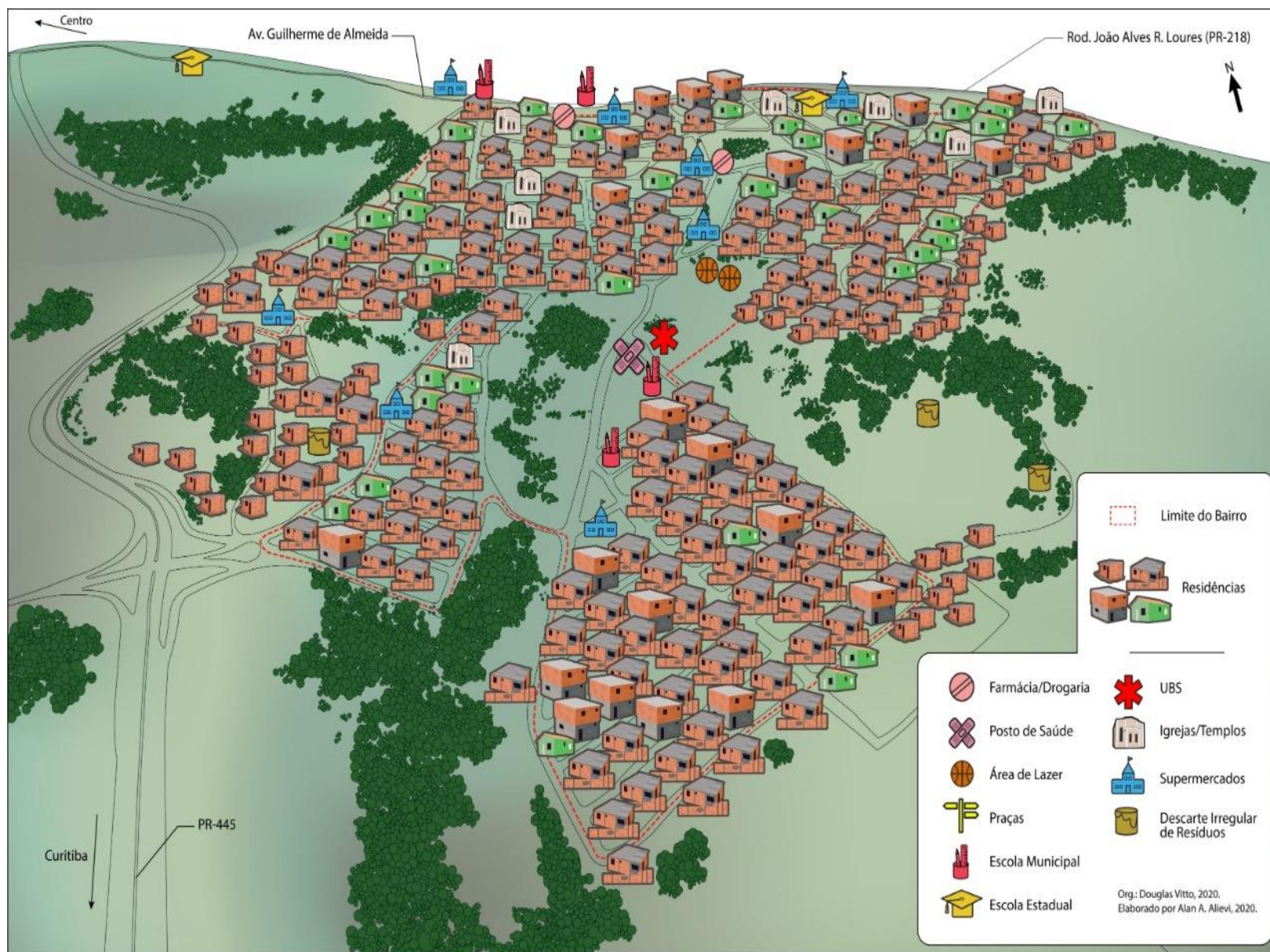
Dois bairros considerados receptáculos de violências que ameaçam a integridade do corpo, da vida. Mas o que são esses bairros? Primeiramente, será apresentado o contexto geográfico e histórico desses bairros e, posteriormente, a dimensão do imaginário para os londrinenses que não moram neles e como são representados na mídia.

### **- O União da Vitória**

A memória urbana do União da Vitória surge por meio do tensionamento entre famílias sem-terra e sem-teto com o governo na escala municipal e estadual. O União da Vitória está localizado no extremo sudoeste da cidade de Londrina, e há um contexto para estar situado onde está conforme a figura 8.



**Figura 8** – Mapa Ilustrado do Bairro União da Vitória, Londrina-PR.



Fonte: Vitto (2020).



Ao olhar para a figura 8, é possível identificar elementos que representam simbolicamente o bairro União da Vitória localizado no limite da malha urbana com ruas assimétricas em largura, subindo e descendo, esparramadas sobre um relevo acidentado/irregular, com casas heterogêneas em altura e largura, muradas e não muradas, de autoconstrução não rebocadas, casas pintadas, telhados frágeis de Eternit, casas construídas pelas próprias famílias e com recursos próprios, unidade básica de saúde (UBS), farmácia/drogaria, posto de saúde, área de lazer, praças, escola municipal, escola estadual, igrejas, supermercados e estabelecimento para descarte de resíduos. Por quais motivos esse bairro possui aparência não atrativa que remete a ausência de planejamento e padronização? Como ele nasceu? Quem habita neste bairro? Como é viver esse bairro? Qual é a sua dinâmica cotidiana espaço-temporal?

A aparência do União da Vitória reflete o nascimento deste bairro a partir da iniciativa de luta e resistência de seus habitantes<sup>2</sup>. Londrina é um polo de desenvolvimento regional com forte influência no norte do Paraná, planejada inicialmente para vinte mil pessoas, mas, devido à grande expansão da economia cafeeira na cidade, o número de habitantes superou o previsto. Entretanto, em 1974, a economia cafeeira declinou devido à geada, em contrapartida, aumentou a demanda por trabalho no comércio e indústria e acelerou a migração da população do campo para a cidade (RUIZ, 2013). Pessoas que chegaram à cidade ocupando-a desordenadamente, sem condições para pagar por moradias e nem apoio do poder público. Em 1970, dos 288.532 habitantes, 43% vivam no campo, mas em 2010, dos 506.645 habitantes, apenas 2,6% (13.188 pessoas) permaneciam no campo (IBGE, 2010). Esse contingente de pessoas que chegou à cidade se instalou em algumas áreas públicas e privadas, inadequadas para habitação, como fundos de vale, distantes do núcleo central, construindo casas precárias, originando assentamentos não regularizados pela prefeitura como, por exemplo, o União da Vitória (RUIZ, 2013).

O bairro da figura 8, atualmente, possui 16 mil habitantes. A construção deste bairro, nomeado União da Vitória, tem início em 16 de agosto de 1985 com 15 famílias

---

<sup>2</sup> Em 2018, desenvolvi a pesquisa intitulada “Desvelando as paisagens do medo pelos caminhos da Geografia Humanista”, como parte das atividades de conclusão do Curso de Especialização em Ensino de Geografia, da Universidade Estadual de Londrina/UEL. Como parte empírica, realizou-se uma roda de conversa junto aos estudantes do Ensino Fundamental II e Ensino de Jovens e Adultos do Colégio Rina Maria de Jesus Francovig para delinear suas experiências gerais sobre seus lugares de morada e ver como o ensino de Geografia poderia contribuir para as pessoas conhecerem essa paisagem.

londrinenses de ex-agricultores que moravam em favelas após realizarem o êxodo rural ocupando terreno, extensa faixa rural com parcelas de solo rochoso inapropriado para moradia, da Companhia de Habitação de Londrina (COHAB) (CAMPONEZ, 2005). A área ocupada conhecida como km9, Salvador Rico e Gleba Ribeirão Cafezal pertencia à COHAB, mas era arrendada para um pecuarista que subarrendava partes para outras duas famílias. Como consequência, de um lado a COHAB solicitou reintegração de posse, e de outro as famílias alegavam desemprego e miséria. Este tensionamento envolveu outros movimentos sociais e instituições como, por exemplo, a Federação de Assentamento e Favelas de Londrina, Movimento Estudantil Universitário, Pastoral Operária, Pastoral da Terra e Câmara de Vereadores (CAMPONEZ, 2005).

No final de agosto, os acampados foram retirados à força por 50 policiais. Este processo de reintegração de posse contou com a presença de assistente social, enfermeira, alguns funcionários e representantes de movimentos sociais (CAMPONEZ, 2005). Essas famílias não retornaram para as favelas e continuaram acampando próximo a prefeitura por cerca de três meses.

Apenas em outubro, com a presença do governador do Paraná, José Richa, em Apucarana e deslocamento dos alocados até lá, é que houve maior pressão sobre o prefeito de Londrina, Wilson Moreira, para solucionar o problema, após orientação do governador (RUIZ, 2013). A luta por terra e habitação das famílias ganhou repercussão na imprensa. Em outubro, ganharam um terreno em que foi autorizado plantar, mas não habitar. Uma família ficou no lote para cuidar das ferramentas e sementes, cinco voltaram para as favelas e nove, sem ter para onde ir, ocuparam áreas próximas ao terreno almejado nas margens da rodovia Londrina-Mauá (CAMPONEZ, 2005).

Em 1986, contrariando acordo com a COHAB, algumas famílias se instalaram no terreno. No ano de 1987, outras 11 famílias de boias-frias, total de 50 pessoas, também se instalaram no terreno. Na sequência, houve negociação com a COHAB e as famílias foram desalojadas pacificamente e alojada na favela Perobal (CAMPONEZ, 2005). As duas primeiras ruas do União foram ocupadas por 32 casas populares de alvenaria parecidas entre si com água e luz. As casas construídas pelo Programa de Construção, Conclusão, Ampliação e Melhoria da Habitação de Interesse Social para famílias de baixa renda não tinha foco construir conjuntos habitacionais, mas apenas unidades habitacionais dispersas. As famílias deveriam

pagar o valor, mas, em 1987, o prefeito de Londrina as dispensou de pagar prestações (CAMPONEZ, 2005). Em 1988, foram chegando outras famílias, como da favela Nova Conquista e do Movimento Sem-Terra (MST) de Tamarana, ocupando o terreno de forma desordenada, sem rede de esgoto e luz, e com o acesso à água retirada de três banheiros públicos a 2km de distância (CAMPONEZ, 2005). Entre 1985 a 1988, nasceu o União da Vitória I.

Foram entregues a algumas pessoas, material para construção das casas, coleta de lixo, instalação da luz e reabertura de linha de ônibus, doação de lotes, kits de madeira e com a proposta de uma pagar quantia pelo lote que não ultrapassasse 10% da renda familiar (CAMPONEZ 2005). Em 1989, moravam mais de 400 famílias. Nos anos seguintes, novas famílias foram assentadas no bairro de acordo com os critérios da COHAB, como reflexo do projeto de assentamento urbano, considerando que haviam mais de 30 mil inscritos para assentar (CUNHA, 1991). Assim foram surgindo o União II, III e IV, V, VI, sobre os quais há poucos dados disponíveis para estudo.

Até 1990, o União não constava no mapa de Londrina, era necessária a regularização fundiária para garantir posse definitiva sobre os terrenos, pois os títulos entregues anteriormente, em setembro de 1990, eram falsos, não reconhecidos pela COHAB e apenas garantiam a transferência do habitante para outro local se houvesse imprevistos. Houve manifestações e, em 1992, ocorreu o acordo entre habitantes do União I e II, diretor do Departamento de Urbanismo da Prefeitura e chefe do Departamento Social da COHAB para legalizar terrenos. Como resultado, em 1995, os habitantes obtiveram o título da propriedade (CAMPONEZ, 2005).

A regularização das 1577 famílias do União ocorreu em 1996 por meio do Programa Morar Melhor (RUIZ, 2013). Em troca não ocorreu implantação de mais nenhum barraco. O União ficou dois anos sem nenhuma outra ocupação. Com a regularização, foi possível nomear as ruas e, conseqüentemente, seus habitantes passaram a ter acesso ao crédito, realizar cadastros em agências de emprego e receber correspondências. Nesse aspecto, houve mais integração do bairro à sociedade londrinense. Foi implantado também asfalto, posto de saúde, escola, projeto Viva a Vida, luz, entre outras benfeitorias. Ruas homenageando habitantes falecidos, trabalhadores braçais e operários e profissionais mais próximos da realidade do bairro (assistentes sociais, dentistas, médicos). Isso reflete a participação popular, sua identidade, apoiado pelo Conselho de Entidades, pois geralmente quem

escolhe é a Câmara de Vereadores. A menor rua tem nome de rua dos vereadores. (CAMPONEZ, 2005).

Algumas necessidades ainda permeavam o bairro e manifestações foram necessárias. Por exemplo, para conseguir modelar as ruas do bairro que, entre 1995 e 1996, impediam os ônibus de circularem pelo bairro (RUIZ, 2013). Manifestações para ampliar o tamanho do posto de saúde de 200m<sup>2</sup> para 500m<sup>2</sup>. O posto tem remédios, bom atendimento, ótimas enfermeiras, odontologia, envolvimento profissionais com a comunidade, bom atendimento dos médicos. Antes habitantes tinham que ir até o São Lourenço ou o Parque das Indústrias (CAMPONEZ, 2005). Manifestações, em 1995, para conseguir escolas do Ensino Fundamental I, prometida em 1994, pois 840 crianças estudavam em escolas de outros bairros, gerando insegurança nos pais sobre o trajeto realizado pelos filhos (RUIZ, 2013). A escola do Ensino Fundamental I, construída em 1993, atendia, na época, 658 alunos, mas era insuficiente.

A construção do Centro de Atendimento Integral à Criança (CAIC) atendendo crianças do Ensino Fundamental I e II, prevista para 1996, necessitou de mobilizações, pois inicialmente estava prevista para ser implantada no Franciscato e atender crianças de vários bairros (RUIZ, 2013). Em 2000, como reflexo de manifestações em prol de mais vagas nas escolas, foi implantada a Escola Estadual Rina Francovig. A ausência de vagas foi um problema recorrente, gerando revolta e protestos dos pais e alunos, pois, como consequência, tinham que ir até o outro bairro para estudarem, sendo perigoso atravessar algumas ruas, havendo caso de atropelamento. Era comum também haver nessas escolas falta de merenda, professores e segurança. O CAIC encontrou como alternativa para sanar problemas de atendimento aos alunos do Ensino Fundamental II em tempo integral, estabelecer parcerias com o Serviço Social da Indústria (SESI), Universidade Estadual de Londrina (UEL) e outras instituições públicas e privadas, ofertando oficinas de viveiro de plantas, padaria, mecânica automotiva, entre outros (RUIZ, 2013).

Hoje o União tem linhas de ônibus, abastecimento de água, saneamento básico, um posto de saúde, um centro de convivência, um centro de educação infantil, três escolas municipais e uma estadual, comércio local bem desenvolvido (barzinhos, padaria, lanchonete, supermercado, farmácia), atendendo as necessidades da população que mora nessa paisagem (CAMPONEZ, 2005). Todas as conquistas chegaram ao bairro por meio da iniciativa e mobilização dos habitantes e não dos

representantes do poder. Entretanto, em 2005, ainda se constatava a necessidade de ampliar a rede de esgoto do bairro de 70% para 100%, instalar jardim para idosos, parque infantil e centro comunitário para atender entidades (RUIZ, 2013).

A luta por modelamento de ruas, escolas, esgoto e postos de saúde neste bairro não se restringe à mera localização/presença estrutural e funcional, mas a necessidade de conexão profunda entre esses elementos e os habitantes para tornar mais ampla suas experiências na paisagem. Elementos que contribuem para estimular a segurança dos habitantes ao deslocarem seus corpos pelo bairro, ao garantirem que o sistema de esgoto transportará seus dejetos para fora do bairro e que possuem esperança de chegarem rápido ao atendimento médico caso seus corpos apresentem sinais de adoecimento. O bairro torna-se paisagem quando o sujeito se lança no mundo não estando na paisagem, mas sendo paisagem.

## **- O Residencial Vista Bela.**

Até que ponto a vista sobre este bairro é bela? Em qual intensidade a experiência nesta paisagem é bela? O que é o Vista Bela? O Vista Bela é fruto do Programa Minha Casa, Minha Vida (PMCMV) criado em 2009 pelo Governo Federal na tentativa de diminuir o *déficit* habitacional do país, atendendo também pessoas com renda até R\$ 1.600,00 (mil e seiscentos reais), que moravam em ocupações irregulares ou pagavam aluguel, estando submersas no mar de pessoas sem casa própria (BEZERRA, 2014).

O lançamento do PMCMV está inserido no contexto da crise financeira internacional de 2008, sendo uma medida anticíclica para manter o ritmo de crescimento econômico do país por meio do incentivo a alguns setores, principalmente a construção civil (ROLNIK, 2015). O PMCMV foi operado pela Caixa Econômica Federal (CEF); articulado pelo governo federal, estadual e municipal (as Companhias de Habitação – COHABs – foram responsáveis por selecionar as famílias); contratou um milhão de unidades habitacionais entre 2009 e 2010 e depois esse número foi ampliado para dois milhões e; atendeu três faixas de renda. A faixa 1 era voltada para a população que recebia até três salários mínimos. Essa faixa tinha 88% do valor do imóvel financiado e crédito viabilizado pela CEF. A faixa 2 atendia a população com renda entre três e seis salários mínimos e a faixa 3 abrangia as pessoas renda entre seis e dez salários mínimos. A faixa 2 e 3 tinham até 45% do imóvel financiado junto à CEF ou Banco do Brasil (BB). O PMCMV foi lançado em três fases, sendo cada fase lançada nos anos de 2009, 2011 e 2016 (ALCANTARA, 2018).

O anúncio da construção e instalação do Vista Bela, em 2011, foi como uma ilha de esperança, terra firme para aqueles que estavam sem casa própria. O tempo passou e as pessoas foram chegando aos poucos na ilha, as casas foram entregues em 12 etapas, entre 2011 e 2012. Assim como o União da Vitória, o Vista Bela refere-se aos excluídos da cidade de Londrina.

Esse bairro foi construído por três construtoras, Protenge Engenharia, Terra Nova Engenharia e Artenge Construções. Considerando que a Caixa Econômica Federal (CEF), financiadora do PMCMV, só aprova projetos com até 500 unidades habitacionais para evitar adensamento desproporcional, a estratégia das empreiteiras foi contratar diferentes empreendimentos contínuos, produzindo grandes conjuntos

habitacionais (LOPES; AMARAL, 2015).

A vista destes recém proprietários era de 2.712 unidades habitacionais, sendo 1.272 residências unifamiliares conjugadas padronizadas de 36,89m<sup>2</sup>, com aquecedor ligado ao chuveiro, dentro de um terreno de 125m<sup>2</sup>, 1.440 apartamentos de 39m<sup>2</sup> em edifícios de quatro pavimentos, quadra esportiva e salão de festas, 40 casas foram construídas para idosos e 20 para pessoas com necessidades especiais, todas alocadas nas esquinas. Casas sem muros e portões, com dois quartos, cozinha, sala, área de serviço, banheiro, 44 casas. 84,5% das unidades familiares com chefes de família mulheres (ALCANTARA, 2011). Após essa área plana do terreno sobre a qual se localiza o residencial, é possível ver no final o fundo de vale que divide este conjunto habitacional da zona oeste conforme figura 9.



**Figura 9** – Mapa Ilustrado do Condomínio Residencial Vista Bela, Londrina-PR.



Fonte: Vitto (2020)



No início, era comum o estranhamento entre os habitantes que, até maio de 2012, somavam aproximadamente 8.179 pessoas, pois cada um habitava em diferentes lugares da cidade de Londrina, e continuaram afastados do centro quando passaram a habitar o mesmo bairro. Bairro localizado, conforme demarcado em laranja na figura 1, no extremo noroeste da cidade, por conter terrenos mais baratos. No entanto, esta localização reforça o processo de segregação dos bairros pobres. O bairro encontra-se a 8,5km do centro da cidade e 3,5 km da Avenida Saul Elkind (VINCENTIM; KANASHIRO, 2016). Essa experiência da distância do bairro em relação a outros equipamentos urbanos é, até hoje, experienciada por parte de seus habitantes. Ao chegarem no Vista Bela, não havia escolas, posto de saúde, farmácia e supermercados no bairro. A única alternativa era deslocar-se para outros bairros em busca destes recursos. O Vista Bela também se encontrava distante do local de trabalho de muitos trabalhadores e seus familiares e amigos. Ausência de equipamentos e serviços que dificultavam o acesso e, ao mesmo tempo, constituam a identidade do bairro.

Gestores de diversas secretarias municipais e estaduais assinaram um documento declarando absorver as demandas do residencial, mas houve falha na implementação, sendo notório vários problemas após a mudança das famílias para o bairro (LOPES; AMARAL, 2015). Projeto com falhas na integração à Londrina e entregue às pessoas antes de estar completamente acabado. Foi construído um centro de educação infantil (CMEI) no bairro próximo Alto da Boa Vista, mas o número de vagas não foi suficiente para comportar a demanda de crianças do Vista Bela, exigindo que algumas mães ficassem fora do mercado de trabalho por não terem onde deixarem seus filhos. Caso optassem por ingressar no mercado de trabalho, deveriam pagar uma pessoa para cuidar das crianças, o que não é viável devido aos custos, restando a alternativa de buscar benefícios e programas de transferência de renda (LOPES; AMARAL, 2015). Quanto ao acesso à educação, até meados de 2017, não havia escolas de Ensino Fundamental e Médio, desestimulando alguns jovens a estudarem, pois devem se deslocar para lugares distantes e pagarem passagens de ônibus.

Inúmeros fatores contribuíram para o desencantamento do bairro Vista Bela aos olhos de seus habitantes e não habitantes como por exemplo: o doloroso processo de reterritorialização de algumas famílias; casas sem piso e a posterior necessidade de mexer nos móveis para colocá-los; academia ao ar livre próxima de área verde

com mato em grande quantidade, o que facilita a formação de pontos do tráfico de drogas; casas, prédios e pisos de estacionamento com rachaduras devido ao material de baixa qualidade utilizado pela construção civil; casas que pegaram fogo por causa da péssima instalação das fiações, colocadas por dentro do forro; telhados e forros frágeis que nem sempre resistem às ventanias; tomadas com problemas; infiltração em algumas residências; gastos financeiros para murar casas; falta de isolamento acústico nas casas geminadas, privando a liberdade do que os habitantes conversam ou o volume que assistem televisão; salão de festa pequeno, sem privacidade e locais com descarte irregular de resíduos (ALCANTARA, 2018).

Os homens constroem meios ambientes artificiais que podem ser vistos como casulos tecidos para propiciar conforto e segurança (TUAN, 2012). Como considerar o Vista Bela casulo protetor diante destes empecilhos? Este bairro é considerado casulo protetor pelos seus habitantes? Talvez essa construção esteja ocorrendo, sendo reforçada pelo tempo e ações implantadas no bairro, fruto de luta e persistência. Atualmente é possível identificar alguns elementos no bairro Vista Bela, como fruto de muitas lutas e reivindicações de seus habitantes junto aos órgãos públicos, demonstrando a divergência entre a ideia de bairro do planejador e do habitante (TUAN, 2012).

O contexto de criação deste bairro, oriundo do PMCMV do Governo Federal, explica a estética mais padronizada das casas e edifícios, com mesma altura e largura até nas janelas e portas, casas com telhas romanas formando um circunflexo e paredes nos tons amarelo e laranja claro, prédios com cores claras e ruas simétricas. Casas e apartamentos com características estéticas homogêneas e aparente apagamento das singularidades. Inicialmente a paisagem possuía praças e áreas de lazer, mas foi necessária a articulação entre os habitantes para conquistar mais recursos como escola municipal, escola estadual, unidade básica de saúde (UBS) e circulação de ônibus pelas ruas deste bairro. As igrejas e estabelecimentos comerciais surgiram por iniciativa dos habitantes.

Sobre a mobilidade, há, próximo desta paisagem, o terminal Vivi Xavier e Ouro Verde com uma linha de ônibus que circula entre os dois terminais e nas ruas do Vista Bela, e outra linha que integra o terminal do Vivi Xavier e Shopping Catuaí, sem necessitar circular pelo terminal central (ALCANTARA, 2018). A partir da pressão popular, instalaram um posto de saúde no Jardim Padovani, próximo ao Vista Bela, evitando que os habitantes continuem se deslocando até os postos de saúde onde

eram atendidos quando habitavam em seus antigos bairros. A UBS tem como finalidade acompanhar as condições gerais da família, principalmente idosos, gestantes, crianças e pessoas com doenças crônicas (ALCANTARA, 2018). A escola de Ensino Fundamental e Médio foi inaugurada, no final de 2017, pelo governador do Paraná vigente à época. Dentro desta escola, nove salas foram destinadas para estudantes do Ensino Fundamental da rede municipal (ALCANTARA, 2018).

Há um número considerável de comércio informal para sanar as necessidades básicas dos habitantes, e os principais mercados e hipermercados estão localizados na Avenida Saul Elkind (ALCANTARA, 2016). Sobre essa dinâmica das atividades comerciais, Vincentim e Kanashiro (2016) realizaram uma pesquisa no Vista Bela com o objetivo de analisar o papel social e espacial do setor terciário nesses empreendimentos, o comportamento do consumidor e comerciante, localização dos fluxos, questões socioculturais e o setor terciário como espaço de sociabilidade e lazer. A pesquisa, que durou 21 meses, teve como resultado: a) diversidade de estabelecimentos, como lanchonete, bar, mercearia, sacolão, açougue, pastelaria, bazar, depósito de construção, igreja e mercado; b) comércio não planejado e mais voltado para o consumo de alimentos por apresentar fácil ingresso e baixo investimento de capital inicialmente em mercadorias que são consumidas cotidianamente; c) os serviços de alimentação, que não são de primeira necessidade, como pastelaria, pizzaria e lanchonete, entretanto existe demanda no Vista Bela; d) 72,5% dos comerciantes, no passado, tentaram ingressar no comércio informal e 27,5% não consideraram essa opção; e) boa parte também não possui CNPJ, dificultando a compra e venda de mercadorias, tendo que recorrer à compra em mercados grandes da cidade, atacadistas, o que talvez explica o preço de alguns alimentos (carne, leite, feijão, arroz, farinha, batata, tomate, café, óleo e manteiga) apresentarem preços mais elevados no mercado Guedes do que no Condor, ambos respectivamente localizados no Vista Bela e Centro de Londrina. Os comerciantes possuem contato com distribuidor apenas para pães e bebidas. A compra de vestuários geralmente ocorre no Paraguai.

O Vista Bela, enquanto ilha de esperança para aqueles que estavam no mar da ausência de moradia, de fato, em certos contextos, se demonstrou quase uma ilha devido ao seu distanciamento do centro da cidade de Londrina e da Avenida Saul Elkind. Muitos recursos foram conquistados para ampliar, em parte, a segurança de seus habitantes. Entre e dentro de cada casa e apartamento padronizado, há

singularidades entre as famílias e seus membros. Micro rotinas que somadas atribuem vida e dança ao Vista Bela.

Em suma, as figuras 8 e 9 representam elementos do União da Vitória e Vista Bela, mas não são o União da Vitória e Vista Bela em si. No entanto, esses bairros podem ser experienciados horizontalmente - de seu interior (seus contornos, lados). A horizontalidade permite abertura para as experiências, fazendo com que o bairro, no qual estamos mergulhados, torne-se parte de nós, não sendo mais apenas o bairro, mas também paisagem experienciada. (BESSE, 2014).

Esses dois bairros encontram-se onde estão, na periferia pobre, porque são evitados, mantidos distantes, enquanto consequência da ausência da horizontalidade, do potencial vivido. E a presença da verticalidade, do alto, do afastado, pontos de vistas e ângulos nem sempre compatíveis com as experiências da horizontalidade.

Esses bairros foram repercutidos na mídia local desde os seus respectivos nascimentos. Acontecimentos que influenciaram o imaginário sobre o bairro e aumentaram a autoconsciência local. Corpo e bairro se fundem, tornam-se paisagem e resistem. Resistem à negação de suas circunstâncias ao serem reduzidas à violência e ignorarem seu potencial vivido, entendendo-as apenas como fontes de perigos, por aqueles que não habitam e estão afastados, no plano da verticalidade (BESSE, 2014).

Entre os participantes que consideraram os dois bairros perigosos, foi recorrente apontarem a mídia como causa. Mídia presente mais enquanto sintoma do que origem do preconceito. Dessa forma, o próximo capítulo realizará reflexões considerando o (des)encontro entre experiência e imaginário geográfico acerca da violência nesses dois bairros estigmatizados e considerados do medo. Como esses bairros são abordados na mídia local.

## 2.3 OLHAR DAQUELES QUE NÃO HABITAM

A paisagem experienciada é uma forma de ser-e-estar-no-mundo e pode convergir, divergir ou transgredir as opiniões consensuais sobre ela, isto é, se tensionar com o outro. Opiniões que não estão baseadas na experiência direta, na horizontalidade, mas na verticalidade (BESSE, 2014), entendendo-a apenas como bairro, bairro do medo, visto de fora, e que deve se manter afastado.

O União da Vitória e Vista Bela, mesmo com seus problemas socioeconômicos e estéticos, podem ser paisagens, familiares e íntimas, compondo casulos protetores. No entanto, o Vista Bela e União da Vitória, diante no imaginário dos que não habitam, são bairros do medo, considerados desconcertantes e ameaçadores. Arrais (2001) entende o imaginário como construção social da realidade, ou seja, representações coletivas, construídas coletivamente, com as quais nos comunicamos e interagimos socialmente.

Na dimensão do imaginário, cada londrinense tem o seu próprio União da Vitória e Vista Bela no seu espaço existencial, enquanto fragmento. Ela é diferente entre os que estão dentro do plano da horizontalidade para aqueles que estão fora no plano da verticalidade. De acordo com Marandola Jr (2008), os traços e indícios delineiam o imaginário urbano, apresentando imagens, evocando sensações no espaço existencial, não dissociando imagem urbana e imaginário na experiência urbana. Para Ferrara (2000), as imagens acumuladas desencadeadas por elementos construídos ou não correspondem ao referencial contextualizado. E o imaginário é a produção de imagens associativas com base na imagem base, ou seja, a atribuição de significado a significados, significando a imagem urbana dos lugares, atribui significados extras e autonomia.

Quando pensamos na realidade do bairro do União da Vitória e Vista Bela, há o compartilhamento de imaginário sobre esses bairros baseado nos casos de violências que transgridem a dimensão real dos acontecimentos, tendendo supor uma situação de perigo permanente. Parte do imaginário sobre os bairros do medo é construída baseada em experiências passadas, que constituem a história do bairro, ou seja, a memória urbana.

Sobre os acontecimentos passados, porém não atuais, no formulário *on-line* respondido pelos não habitantes do União da Vitória e Vista Bela sobre a violência nesses dois bairros foram interpretados à luz da hermenêutica<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> A hermenêutica considera os textos base fundamental para a pesquisa, o caminho para ser percorrido, pela palavra, ultrapassando a interpretação, mediando a linguagem e compreensão dos sujeitos dos vários signos. Pela linguagem processam os significados. É importante considerar o tempo, lugar e visão de mundo do intérprete para interpretação correta do texto estudado, quando o significado não está totalmente claro, questionando a validade ou não dos significados postos no texto, considerando apenas o que de fato o autor disse ao escrever. Interpretar não quer dizer aprovar, concordar, mas apenas tomar conhecimento pelo que de fato foi escrito. Esse processo envolve considerar os diferentes sentidos do dizer do outro, identificar opiniões e preconceitos, as particularidades do texto e diferenciar a realidade analisada da realidade do pesquisador, pois ambos possuem semelhanças e diferenças. Sobre o preconceito, é preciso explorá-lo por meio da interrogação para atribuir novo sentido (DUARTE; FARIAS; OLIVEIRA, 2017). A análise hermenêutica também será utilizada para

Em relação à violência no Vista Bela, identificamos os seguintes argumentos: “Não. Não está havendo muitos relatos de homicídios no local. É diferente de quando o bairro começou, que os números eram bem maiores”, “Não. No início, o bairro era considerado mais perigoso, pois dizia haver conflitos relacionados ao comando de tráfico de drogas. Atualmente não considero, pois pouco ouço falar sobre crimes no local e, por morar em um bairro ao lado, não oferece perigo”. No que diz respeito ao União da Vitória: “Não, considero normal. Antigamente era, mas agora não”, “Não. Já foi, mas não é mais. Às vezes, acontece alguma coisa, mas não é igual era antes”. Essa mudança temporal lembra Marandola Jr (2008), ao escrever que o imaginário sobre uma cidade é estimulado pelos seus fragmentos, produz discursos e contam com os registros da memória. A memória dos casos de violência do passado que produziu discursos e teceu o imaginário acerca do Vista Bela e União da Vitória. A mudança e transformação do imaginário urbano aparenta ter ritmo lento, vivendo o imaginado como real.

Essas pessoas, que declararam não haver mais violência no Vista Bela e União da Vitória como antigamente, quando perguntado se já tiveram alguma experiência pessoal positiva, no Vista Bela e com seus habitantes, como registrado por Zé: “Sim. Fui com a minha mãe levar cesta básica às famílias carentes e participei de um evento na igreja do local”. Sobre o União da Vitória, João escreveu: “Só experiência boa desde quando morei no passado” e Andreia relatou “Apenas positiva. Fui visitar uma amiga e familiares já”. No entanto, a maioria dos entrevistados que consideraram os dois bairros violentos fizeram os seguintes argumentos:

Jorge Santos – União da Vitória: “Sim. É o que vemos nos jornais televisivos.”. Vista Bela: “Sim. É o que vemos nos jornais televisivos”. Para ambos os bairros, a fala se refere ao olhar coletivo dos londrinenses, “vemos”, baseado nos “jornais televisivos”, isto é, presença do discurso e imagem, olhar de fora, verticalidade (BESSE, 2014) e ausência da experiência direta, da horizontalidade. Camila – União da Vitória: “Sim. Como em qualquer lugar”. Vista Bela: “Sim. Em qualquer lugar hoje em dia é”. A palavra “qualquer” se refere à ausência de especificidade, expressando que a Camila considera a violência presente em todos os lugares, talvez, até

---

interpretar o conteúdo escrito de algumas reportagens da mídia londrinense (no subcapítulo 2.3 “Olhar da mídia”), os relatos sobre preconceito geográfico (no subcapítulo 3.1 “Estigma e preconceito contra a origem geográfica e de lugar) e a experiência dos habitantes ao estarem lançados constituindo e sendo constituídos pelo União da Vitória e Vista Bela (no subcapítulo 3.2 “Lançando-se no União da Vitória” e 3.3 “Lançando-se no Vista Bela”).

naturalizada. Yasser – União da Vitória: “Um bairro com que a maior parte da população conhece alguém que já veio a ser assassinado por estar envolvido com o crime?! Sim. O União da Vitória é um bairro violento”. Vista Bela: “Não”. Sobre o União da Vitória, os assassinatos são associados à criminalidade e que ambos estão fortemente presentes no cotidiano do bairro, pois é argumentado que maior parte da população conhece alguma vítima de homicídio. Chama atenção a interrogação seguida de exclamação, demonstrando o uso de ironia pelo Yasser para demonstrar algo óbvio para ele. Obviedade talvez justificada por habitar no bairro São Lourenço, também localizado na zona Sul de Londrina. Quanto ao Vista Bela, não considerou o Bairro violento. Riccely Castro – União da Vitória: “Sim. Por ter pessoas que não ganham a vida honestamente”. Vista Bela: “Sim. Por ter pessoas que não ganham a vida honestamente”. “Por ter algumas” remete a indeterminação de pessoas e quantidade sem definição. E “por ter pessoas não ganham a vida honestamente”, ou seja, de forma honrosa, clara e decente. A ausência de honestidade nos leva a entender que há presença de desonestidade, qualidade permeada por enganação, traição e deslealdade. Desrespeito em relação ao outro como base em parte do estilo de vida dessas pessoas ao usar as palavras “ganham a vida”. A resposta também expressa que bastam algumas pessoas, e não a maioria, com um estilo de vida não honesto para considerar o bairro violento, demonstrando que as características negativas ofuscam as positivas, os demais estilos de vida dos habitantes. Laiane – União da Vitória: “Sim. Devido a muitos casos de drogas, mortes e traficantes no bairro”. Vista Bela: “Sim”. Chama atenção a palavra “muitos”. Muitas drogas, mortes e traficantes no bairro. Realmente são muitos ou imagina ser? Muitos e poucos comparado aos outros bairros de Londrina? Mas sabemos a real proporção dessas diferenças? Respondendo a segunda indagação, uma possível base para o argumento da Laiane são os relatos que ouve, já que o União está próximo de seu bairro, o Santa Joana. Em relação ao Vista Bela, apenas afirmou que sim, mas não argumentou o motivo da afirmativa.

Felipe – União da Vitória: “Sim. Perigoso, porque a criminalidade está nas ruas”. Vista Bela: “Sim. Perigoso porque a criminalidade está nas ruas”. O argumento reflete a falta de confiança e segurança para ocupar as ruas, pois considera-as receptáculos da violência. A rua, como ponto de encontro das diferenças e possibilidade de estar face a face com o outro desenvolvendo empatia, perde força. Associar a rua apenas ao crime é negá-la enquanto potencial de festividades, histórias, afetos e memórias.

A mesma resposta foi atribuída para os dois bairros – e no plural: "nas ruas" – remetendo a generalização da criminalidade. Sal – União da Vitória: "Acredito que o perigo está em todos os lugares, não acredito que aquele bairro é perigoso". Vista Bela: "Acredito que o perigo está em todos os lugares, não acredito que aquele bairro é perigoso". Não acreditar que o bairro é perigoso, porque o perigo está em todos os lugares, parece normalizar o perigo. Quais motivos despertam a afirmação da Sal? Qual é o seu contexto de vida? Como compreende a violência? Maria – União da Vitória: "Não sei, porque nunca estive por lá e nem nunca ouvi falar". Vista Bela: "Não sei, porque nunca estive por lá e nem nunca ouvi falar". A fala expressa que ambos os bairros podem ser invisíveis e inexistentes. Para alguns, o bairro pode gerar medo, para outros é um lugar de segurança, ou simplesmente não existem, porque um bairro, não existindo para uma pessoa, faz pensar sobre os lugares que uma pessoa experiencia na cidade, que se tornam visíveis para ela, ofuscando os demais que não se vê ou nem se ouve falar.

União da Vitória: "Considero um pouco perigoso sim, mas isso varia muito, se você for levar em consideração o que passam na televisão sobre tráfico de drogas, roubos, furtos etc você provavelmente acharia perigoso que é o meu caso, mas também tenho amigos que moram lá, e diz que não é tão perigoso quanto a mídia mostra, como também tenho amigos que moram lá e diz que a situação é extremamente pior do que é passado pela mídia".

Vista Bela: "Levando em consideração o que é mostrado pela mídia eu considero sim, talvez se eu conhecesse o bairro pessoalmente teria outra visão". Erick

O motivo de considerar o União perigoso está baseado nos jornais televisivos ao abordarem alguns crimes. Entretanto o Erick relatou que teve experiências diretamente com amigos que constituem e são constituídos pelo União, que são o União, e ouviu alguns deles declararem que o bairro "não é tão" perigoso, enquanto para outros a situação é pior do que a retratada na mídia. Segundo o relato do Erick, todos os amigos consideram o União perigoso, mas a diferença é que para alguns é menos do que aquilo que está na mídia enquanto para outros é mais. É interessante que essa divergência, quanto ao entendimento dessa intensidade do perigo presente no bairro, varia entre o grupo de amigos, demonstrando que as experiências são singulares entre as pessoas. Inclusive o próprio Erick reconhece que considerar o bairro perigoso pode variar entre as pessoas, pois teve experiências com amigos que constituem e são o União. De acordo com o relato, o perigo é considerado presente, mas o que há além do perigo? Quanto ao Vista Bela, é mencionado a possibilidade



de experimentar o bairro diretamente para mudar a visão de “perigo” sobre esse lugar. O uso da palavra “talvez” remete a possibilidade de mudança ou afirmar o perigo que a princípio ele considera existir, baseado no que é representado na mídia. O Erick habita o bairro Jatobá, próximo do União, e teve contato com amigos que são o União, porém não teve contato com o Vista Bela.

Th – União da Vitória: “Sim, mas apenas por ouvir histórias”. Vista Bela: “Sim, mas apenas por ouvir histórias”. “Apenas por ouvir histórias” nos faz pensar em relatos construídos sobre os dois bairros. Ao pensar em quem construiu narrativas sobre lugares da cidade para pessoas que moram em outras áreas, é possível pensar dois caminhos: o boca a boca por pessoas, que já estiveram lá ou conhecerem alguém, e a mídia ao televisionar a violência e reproduzir a exclusão desses dois bairros. Entretanto Th não especificou a fonte pela qual ouviu as histórias. Flaviane – União da Vitória: “Não. Eu não acho mais depende do seu ponto de vista”. Vista Bela: “Sim”. “Depende do seu ponto de vista” é uma abertura para pensar na multiplicidade de experiências que o União possibilita. A palavra “depende” não afirma e nem nega que há perigo, pois, ao mesmo tempo pode ser presente e ausente, ele pode estar presente, mas não é apenas ele que constitui o bairro. A Flaviane habita o Jardim Nova Esperança que fica ao lado do União da Vitória. Quando indagada sobre o Vista Bela, ela considerou violento, mas escreveu o motivo. Ana Clara – União da Vitória: “Sim. Tem muitas brigas, drogas, confusão e, às vezes, dá até mortes”. Vista Bela: “Não, porque não conheço o bairro”. Um ambiente marcado fortemente por conflitos interpessoais e práticas ilegais. Não é delineado entre quem ocorrem as “brigas” e “confusão”, sendo possível pensar em algumas possibilidades como, por exemplo, brigas entre familiares, vizinhos, casais, habitantes de outros bairros e confrontos policiais. A Ana habita um bairro próximo do União da Vitória, mas relatou não ir ao bairro. Sobre o Vista Bela, também declarou não ir ao bairro.

Willian Henrique – União da Vitória: “Um pouco perigoso por ser um bairro periférico e ocorrer muito tráfico de drogas”. Vista Bela: “Sim. Por ser um bairro periférico”. O primeiro argumento se refere à localização dos bairros na cidade, na periferia. Em seguida, é especificado os muitos casos de tráfico. Periferia como o que está margem, permeada por pobreza, perigos e criminalidade. A periferia que representa perigo para as pessoas que residem em bairros nobres de Londrina que, em sua maioria, não são ocupados por negros. A periferia pobre invisibilizada não mostrada enquanto cartão postal e constitutiva de Londrina. Considerar a periferia

perigosa apenas por sua localização, por um lado é inferiorizá-la e desvalorizá-la enquanto há a supervalorização de áreas centrais e/ou nobres. Jonathan – União da Vitória: “Sim. Perigoso. Ainda tem gente que se acha dono do pedaço”. Vista Bela: “Sim. Perigoso. Existem marginais também já. Às vezes, sai uns tiroteios”. Sobre o União, o relato expressa uma relação de poder. “Se acha dono do pedaço” se refere ao ato de tomar algo para si, algo que não lhe pertence, por isso “se acha dono”, mas não é dono. “Dono do pedaço” permite pensar na imposição de uma vontade dominante em determinada área do bairro. Vontade que é mantida por meio de um sistema de códigos próprios entre os envolvidos, que regem seus comportamentos. Sobre o Vista Bela, a palavra “marginais”, para se referir aos habitantes, remete a imoralidade, não aceitação de leis e delinquência. Pessoas envolvidas na criminalidade, promotoras de tiroteios, vivendo entre a vida e a morte. O uso da palavra “também” permite entender que o Jonathan considera haver marginais no União da Vitória. Kamila – União da Vitória: “Sim. Falta mais segurança, policiamento no bairro”. Vista Bela: “Sim. Falta mais segurança e policiamento no bairro”. A ausência policial nos dois bairros é apontada como causa da falta de segurança. Cabe pensar como é a experiência dos habitantes com a polícia.

Debora – União da Vitória: “Dependendo do horário que for, talvez... Mas nunca tive problema algum e muito menos fui intimidada”. Vista Bela: “Dependendo do horário que for, talvez... Mas nunca tive problema algum e muito menos fui intimidada”. “Dependendo do horário”, isto é, em algum momento do dia ou da noite, o bairro pode tornar-se perigoso, o que não significa que é o tempo todo perigoso. A Debora afirma nunca ter experiências ruins ou se sentiu intimidada no bairro. A ausência da intimidação pode traduzir-se em sentir-se à vontade e desenvolver a segurança ao caminhar pelo bairro. JDP – União da Vitória: “Sim. Muitas matérias no jornal sobre violência”. Vista Bela: “Não conheço”. O trecho indica alto teor de notícias centradas sobre a violência no bairro. O jornal sendo importante vitrine do bairro para os não habitantes. As atividades cotidianas, que reforçam os vínculos de vizinhança e segurança no bairro, parecem não receber a mesma atenção. Tai – União da Vitória: “Sim. Por ser mais afastado da região central”. Vista Bela: “Sim. Por ser mais afastado da região central”. Percebe-se a atribuição de segurança à região central e sua diminuição conforme se afasta em direção à periferia. Lembrando que Tai habita o centro, seu centro de aconchego e de relações mais profundas.

União da Vitória: “Sim, não só através da mídia, mas de algumas pessoas que ouvi que foram lá, disseram ser um local perigoso com risco maior de assalto. Mas dizer que o bairro é perigoso como um todo, eu não teria como dizer, porque só quem vivência o lugar para saber quais pontos são perigosos e quais não são”.

Vista Bela: “Nas 2 vezes que fui, não pareceu ser. Entretanto, mais uma vez digo que só quem vivencia o lugar para saber”. Misco

Misco considera o União perigoso por meio da mídia e relatos de pessoas já estiveram lá e declaram haver grandes chances de assalto. Entretanto ele reconhece que não pode afirmar que o bairro todo é perigoso, pois, só quem conhece os pontos de perigo ou não, são os habitantes. “Quais pontos são perigosos e quais não são” implica a pluralidade de experiências no bairro, as singularidades dos diferentes tipos de atividades que permeiam o cotidiano. Sobre o Vista Bela, já foi, mas não considera o bairro violento. Zé Vinicius – União da Vitória: “Sim. Quando entrei no bairro com o meu carro que era diferente, todos ficavam olhando, fui visitar uma família por lá e, uma hora depois que eu fui embora, ocorreu um tiroteio”. Vista Bela: “Não. Não está havendo muitos relatos de homicídios no local, diferente de quando o bairro começou, que os números eram bem maiores”. Zé Vinicius afirma já ter visitado o União da Vitória e percebeu diferenças: “Meu carro que era diferente”, provavelmente um carro mais caro do que os que os habitantes do bairro possuem, chamando a atenção “todos ficavam olhando”, demonstrando claramente que os habitantes rapidamente perceberam ser alguém de fora. Alguém de fora que foi “visitar uma família” e, logo após ter saído, “ocorreu um tiroteio”. Uma série de acontecimentos inibiram o Zé Vinicius: a diferença do automóvel, os olhares em relação a ele e o tiroteio. Quanto ao Vista Bela, diz não ser perigoso, pois “não está havendo muitos relatos de homicídios no local”, “diferente de quando o bairro começou” demonstrando mudanças no entendimento dos homicídios que permeavam o bairro. A causa dessa mudança parece estar nos “muitos relatos”, aquilo que chega aos de fora, aquilo que é contado. Não quer dizer que os relatos/homicídios cessaram, mas apenas diminuíram a quantidade. Logo entende-se que, para o Zé Vinicius, não é porque há um caso ou outro de homicídio que o bairro em si é violento.

Rapacci – União da Vitória: “Com base nas reportagens a respeito do União da Vitória, poderia considerar”. Vista Bela: “Com base nas reportagens a respeito do Vista Bela, poderia considerar”. Entendimento de perigo em ambos os bairros baseado nas reportagens que produzem e reproduzem estereótipos. Luiz – União da Vitória: “Não, pelo fato de não conhecer. Entretanto a mídia apresenta o contrário”. Vista Bela: “Não.

No início, o bairro era considerado mais perigoso, pois dizia haver conflitos relacionados ao comando de tráfico de drogas. Atualmente não considero, pois pouco ouço falar sobre crimes no local e, por morar em um bairro ao lado, não oferece perigo”. Verifica-se que o André pensa que há diferença entre a experiência direta e a representação do bairro na mídia, pois, ao “não conhecer” o União, não considera o bairro de violência, mas o uso de “entretanto” contrapõe seu argumento, justificando que, mesmo apesar disso, “a mídia apresenta o contrário”, ou seja, como perigoso. Atualmente não considera o Vista Bela perigoso. “No início, eram considerados mais perigos” por conflitos ligados ao tráfico de drogas, e agora “pouco ouço falar sobre crimes no local”, além de “morar em um bairro ao lado”, isto é, por habitar perto do bairro e costumar saber mais informações sobre o que de fato ocorre lá. Mesmo não habitando o bairro, este não é desconhecido para o André.

Jorge – União da Vitória: “Sim. Considero perigoso. Em determinados horários do dia, existe risco em sair na rua, por exemplo. Mas, neste bairro, considero o risco maior que em outros”. Vista Bela: “Não considero perigoso. Mas, claro, em determinados horários existe mais risco de sair na rua do que em outros horários por exemplo. Apesar disso, não considero perigoso”. Encontram-se semelhanças e diferenças na concepção de perigo sobre o União da Vitória e Vista Bela. Sobre o primeiro, considera perigoso, mas é um perigo “em determinados horários do dia” ao “sair na rua”. O perigo tem tempo e local. Ele não está generalizado. Entretanto afirma: “neste bairro, considero o risco maior que em outros”. Quais motivos fundamentam esse último argumento? Contudo, em relação ao Vista Bela, mesmo reconhecendo que o perigo depende do horário, ele não considera o bairro perigoso. O que justifica essa distinção de perigo entre o União da Vitória e Vista Bela? Ana – União da Vitória: “Sim, porque tem bastantes bandidos”. Vista Bela: “Não. Nunca ouvi falar mal de lá”. Se referir ao União da Vitória como “bastantes bandidos” parece que a bandidagem é algo comum no bairro, facilmente encontrada. E, junto com a bandidagem, as suas práticas, como roubo, homicídios, armas e drogas. Quanto ao Vista Bela, ela não considera violento, porque “nunca ouviu falar mal de lá”.

Larissa – União da Vitória: “Sim. Tem muito bandido. Tem gente boa, mas muita gente traficante. Tem de tudo. Todo lugar é assim”. Vista Bela: “Não. Não conheço gente de lá. Pelo que vejo falar, não é tão perigoso assim não. Acho o União mais perigoso”. Sobre o União, é especificado dois grupos de pessoas, os “gente boa” e “gente traficante”, sendo este denominado também de “muitos bandidos”. A palavra

“mas”, para se referir à “gente traficante”, vem como anulação do “gente boa” e justificar o motivo pelo qual considera o União violento. No final do argumento, tenta normalizar a situação declarando “tem de tudo. Todo lugar é assim”, mas, quando questionada se acha o Vista Bela perigoso, disse não achar e que “acho o União mais perigoso”. Revela que seu posicionamento está “pelo que vejo falar”, logo é nítida que as falas negativas que ela “vê falar” são mais direcionadas ao União da Vitória do que ao Vista Bela. Carla – União da Vitória: “Sim, justamente por ser um bairro “marginalizado”. Vista Bela: “Sim. Ouvi falar pouco de lá, mas dá pra ter uma noção por imagens”. Quando questionado sobre o Vista Bela, é revelado “ouvi falar pouco”, mas tem “uma noção por imagens”. É evidente que a visão e a audição são os principais sentidos estimulados no processo de conhecimento da Carla. Ela considera a participação de ambas no seu entendimento sobre ao perigo no União. Chama atenção ela relatar “dá pra ter uma noção por imagens”. A princípio, é possível deduzir que as imagens não transmitem sensação de segurança, pois pelas imagens “dá pra ter uma noção” justificou ser argumento de que o bairro é perigoso.

Mercedes – União da Vitória: “Sim. Já ouvi falar muito da violência desse bairro, já visitei há muito tempo atrás, mas não tenho coragem de ir lá sozinha”. Vista Bela: “Não sei. Acho que não”. A fala reflete longo conhecimento sobre o União da Vitória: “já ouvi falar muito da violência” e “já visitei há muito tempo”. Mesmo ouvindo falar sobre a violência e tendo visitado o bairro, o medo persiste “não tenho coragem de ir lá sozinha”. A falta de bravura, firmeza e moral forte perante a possibilidade de perigo a inibe de ir ao bairro sozinha. O que já ouviu falar alimenta um medo presente na atualidade. Everton – União da Vitória: “Não, porém não descarto o fato de que, em algumas das regiões, como 3, 4 e 5, são as mais perigosas”. Vista Bela: “Sim, pois nós jornais são quase que diárias as ocorrências neste bairro o que torna pra mim um lugar a ser evitado”. Não considera perigoso, porém aponta que o União 3, 4 e 5 “são as mais perigosas”. Essa distinção compreende as singularidades do União que, muitas vezes, é compreendido como se fosse um único bairro. Entretanto considera o Vista Bela perigoso e diz que são as ocorrências representadas nos jornais, quase diariamente, que tornam este bairro um lugar a ser evitado. É explícito que seu conhecimento sobre o Vista Bela e o receio em ir lá é consequência das notícias quase cotidianas. Helena – União da Vitória: “Não sei, porque nunca fui lá”. Vista Bela: “Não sei, porque nunca fui lá”. “Não sei” não afirma e nem nega o perigo nos bairros, deixa um campo aberto de possibilidades. “Por que nunca fui lá” implica que a Helena

considera a importância de estar nos bairros para concluir se é ou não perigoso. Estar lançado nos bairros, constituindo e sendo constituído por eles, mesmo que por um tempo menor. O argumento abre campo para pensar a importância da experiência direta para posteriormente afirmar como o perigo se manifesta nos bairros.

Milene – União da Vitória: “Eu não considero, pois nunca estive lá, então não posso dizer se sim ou não, mas, pelas coisas que as pessoas e as reportagens dizem sobre lá, parece ser que sim”. Vista Bela: “Eu não considero, pois nunca estive lá, então não posso afirmar nada, mas as reportagens e notícias que as pessoas contam parece ser um bairro violento”. Aqui é afirmado que não considera violento pelo motivo de nunca ter estado lá. Isto é, por haver ausência de experiência direta. Diz que seu posicionamento é contrário ao que é representado na mídia e ao que as pessoas dizem. No relato, há um cuidado em distinguir entre aquilo que é representado na mídia e contado pelas pessoas daquilo que a experiência direta pode proporcionar. A posição de negar a violência, por não ter experiências diretas junto ao bairro, demonstra a importância dada à experiência diante da construção social oriunda da mídia e falas das pessoas. Clara dos Anjos – União da Vitória: “Sim. Penso isso por causa das notícias”. Vista Bela: “Sim, pelas conversas com os próprios moradores”. Chama atenção o argumento afirmativo em relação ao Vista Bela: “pelas conversas com os próprios habitantes”. Os habitantes que habitam constituindo e sendo constituídos pelo bairro reconhecem que há violência. Mas qual é a proporção dessa violência? Talvez seja melhor argumentar “também há violência” do que “é violento”. O “é” parece resumir o bairro em violência, inviabilizando pensar nas outras possibilidades de experiências.

Lulu – União da Vitória: “Sim, porque já ouvi falar”. Vista Bela: “Sim, porque já ouvi falar”. “Por que já ouvi falar”. Quem falou já experienciou o bairro? Dani – União da Vitória: “Sim. Quando fui lá me senti muito observada de uma forma muito estranha. Os próprios moradores disseram para eu ter cuidado. Infelizmente, acredito que há pessoas que praticam crimes que residem lá”. Vista Bela: “Sim. Por meio dos casos que vejo nos noticiários”. “Quando fui lá me senti muito observada de uma forma muito estranha” expressa o desconforto. O desconforto com a observação, sensação de apinhamento, falta de espaciosidade e ausência de aconchego. “Observada de uma forma muito estranha”, porque ela era estranha para os habitantes, assim como estes também eram estranhos para ela. Talvez a observação excessiva tenha sido responsável à tentativa de conhecer o desconhecido. Conhecer o estranho, que está



fora do padrão. O que marcava a distinção do estranho para os habitantes? Estranha em relação a quê? “Os próprios moradores disseram para eu ter cuidado”, cuidado por ser de fora, não habitar aqui, pois alguém pode se aproveitar da situação, justificando a fala da Dani: “acredito que há pessoas que praticam crimes que residem lá”, logo o “cuidado” seria para não ser vítima das pessoas que cometem crimes. Houve também a tentativa de alerta feito pela população ao perceber que ela era de fora, preocuparam-se para que ele não fosse vítima de assalto, alertando-a. Walison – União da Vitória: “Sim. Já passei por um caso de homofobia e ameaça”. Vista Bela: “Sim, pelo o que eu escuto falar”. Ter sofrido homofobia expressa que a violência é relativa, pois pode ser experienciada de diferentes formas e intensidades. A homofobia que o Walison experienciou não aconteceria se ele fosse heterossexual ou se sua ida ao bairro tivesse cruzada com pessoas não homofóbicas. A violência não é experienciada de modo igual por todas as pessoas

Marcelo – União da Vitória: “É meio relativo dizer que o bairro é ou não violento/perigoso. Por ter uma grande porcentagem de criminalidade, a sua conduta dentro do bairro vai dizer se o bairro é ou não violento/perigoso”. Vista Bela: “É meio relativo dizer que o bairro é ou não violento/perigoso. Por ter uma grande porcentagem de criminalidade, a sua conduta dentro do bairro vai dizer se o bairro é ou não violento/perigoso”. Para ambos os bairros, é considerado que “É meio relativo dizer que o bairro é ou não violento/perigoso”, ou seja, não é afirmado e nem negado. Em seguida, é argumentado que “a sua conduta dentro do bairro vai dizer se é ou não violento/perigoso”. Assim, interpreta-se que a violência nos bairros não é uma violência do bairro em si, mas ligado primeiramente ao comportamento, atitudes, modo de vida que podem ser bons ou ruins dependendo do código moral utilizado como referência. Afirmar ou negar a violência com base “na conduta dentro do bairro” implica em estar lançado no bairro experienciando, introjetando em seu corpo por meio dos sentidos, sendo constituído pelo bairro e constituindo a si próprio. Não há separação entre o habitante e o bairro, pois ambos se tornam apenas um.

John – União da Vitória: “Sim, porque já fui lá de dia e de noite. É tráfico a céu aberto, lugar de desmanche de carros e motos roubadas, vigias na entrada tudo de ruim para uma família de bem”. Vista Bela: “Mesma coisa. A lei do tráfico impera lá, criminalidade de todas as idades”. Diz que já esteve no União “de dia e de noite é tráfico a céu aberto”, ou seja, o tráfico como algo comum ao bairro, realizado abertamente sem preocupação de sigilo. “Lugar de desmanche de carros e motos

roubadas”, isto é, acúmulo de roubos, atos infracionais, habitado por pessoas que retiram bens materiais das outras. “Vigias na entrada”, acesso controlado por algumas pessoas impondo relação de poder. “Tudo de ruim pra uma família de bem”, a palavra “tudo” generaliza e totaliza o bairro como algo negativo, indesejável e sem afeição. “Para uma família de bem” – essa negatividade e perigo atribuídos ao bairro ameaça as pessoas que tem boa índole, são corretas, honestas, não pretendem prejudicar as outras e agem dentro da moralidade. Em relação ao Vista Bela, ele concorda ser igual ao União ao dizer “mesma coisa” e complementa com “criminalidade de todas as idades”, generalizando que todas as faixas etárias agem na ilegalidade, ameaçando a “família de bem”.

Juliana – União da Vitória: “Sim. Não são todos, mas tem muitas pessoas de índole ruim que querem prejudicar outras pessoas”. Vista Bela: “Sim. Não são todos, mas tem muitas pessoas de índole ruim que querem prejudicar outras pessoas”. Não é generalizado o comportamento dos habitantes, porém relata “mas tem muitas pessoas de índole ruim”. E que “querem prejudicar outras pessoas” atribuindo intencionalidade no ato dessas muitas pessoas de cometer violência, promovendo insegurança. É interessante pensarmos as condições que despertam nas pessoas a intenção de cometer violência. Will Fonts – União da Vitória: “Com certeza. É uma região de pouco policiamento e conhecida por assalto”. Vista Bela: “Sim. O Vista Bela sempre me foi recomendado manter distância devido à falta de policiamento e quantidade de assaltos, além de ser um ponto muito alto de tráfico de drogas”. A violência no União é atribuída ao “pouco policiamento”. Atribuindo à polícia a promoção da segurança. É importante considerar as experiências dos habitantes com a polícia. “Conhecido por assalto” foi outro argumento para considerar o bairro violento. “Conhecido” remete ao que chama atenção no bairro, a sua face mais vista, afamado, divulgado e habitual, as informações mais superficiais. Para o Vista Bela, chama atenção o trecho “sempre me foi recomendado manter distância”, ou seja, uma informação passada adiante, por um terceiro, que provavelmente disse o mesmo para outras pessoas além do Will, que podem passar novamente a informação. “Manter a distância” implica em negar a proximidade, afastar-se do outro, ausência de experiência direta e a manutenção da ideia de que o bairro junto aos seus habitantes, enquanto um só, devem ser evitados.

Elen – União da Vitória: “Sim. Por causa do que dizem. Sou nova na cidade”. Vista Bela: “Não sei dizer”. Mesmo sendo nova na cidade, mas se baseando no que



ouve dizer, considera o bairro violento. O registro expressa o impacto que é falado sobre os bairros, e como as pessoas adotam isso enquanto uma verdade, atingindo até aquelas que não viviam em Londrina. Bianca - União da Vitória: “Sim, mas minha percepção surge a partir de reportagens”. Vista Bela: “Não, porque não conheço e não vejo tanto noticiários ruins”. Há uma divergência em relação as reportagens que a Bianca tem acesso. Ela considera o União violento a partir as reportagens, mas não considera o Vista Bela violento, pois “não vejo tanto noticiários ruins”. Argumentos baseados na quantidade de notícias ruins sobre os bairros. Florastera – União da Vitória: “Depende do horário e qual a sua relação com as pessoas que moram no bairro. Eu sou professora de crianças que moram lá. Sempre que vou, encontro alunos, conversamos e há um respeito. Agora, à noite, sem conhecidos, tenho medo de ir a um bairro periférico”. Vista Bela: “Não tenho o que dizer”. O tempo e as pessoas tem papel central na experiência de perigo da Florastera no União da Vitória, pois “depende do horário” e da “sua relação com as pessoas que moram no bairro”. A Florastera, enquanto professora numa escola do bairro, tem uma boa relação com os estudantes que moram lá, “há um respeito”. Entretanto, “à noite, sem conhecidos, tenho medo de ir em um bairro periférico”, a sensação de segurança está ligada ao período diurno e em encontrar pessoas conhecidas. No entanto, visitar um bairro à noite com pessoas desconhecidas desperta o medo, isto é, ansiedade, ausência de poder e controle diante do desconhecido. O relato demonstra como as experiências são complexas e que a Florastera conhece algumas faces do União, mas não toda a sua complexidade.

Regina Phalenge – União da Vitória: “Como a maioria dos bairros, acredito que seja, mas depende do horário e da região do bairro”. Vista Bela: “Também acredito que seja dependendo do horário e da região do bairro”. A violência, em ambos os bairros, depende do “horário” e “região do bairro”. Isso tensiona a ideia de que o bairro é violento/perigoso, mas ele não é, depende do momento e do lugar em seu interior, ou seja, a violência não é constante, ela se manifesta enquanto um caminho dentre a multiplicidade de experiências possíveis. Larissa – União da Vitória: “Relativamente. Acho que há um exagero da mídia, no entanto, assim como em qualquer outro bairro residencial, há que se manter sempre atento”. Vista Bela: “Idem à resposta 14”. Apesar de apontar que “há um exagero da mídia” sobre ambos os bairros, é relatado “como em qualquer outro bairro residencial, há que se manter sempre atento”, ou seja, em todo lugar, sem distinção, deve-se manter em alerta contra um possível ataque

surpresa. Viver em estado de alerta. Estar “sempre atento” remete a presença de tensão e ausência de segurança, tranquilidade, sossego. João – União da Vitória: “Não. Considero normal. Antigamente era, mas agora não”. Vista Bela: “Não posso falar, porque eu não conheço. Quando vejo as pessoas falarem do Vista Bela, é um lugar bom de morar. Morrer gente, morre em todo lugar”. Sobre o União, ele considera o bairro normal e que houve mudanças de como era no passado para o tempo presente. “Antigamente era, mas agora não”, essa afirmação carrega a ruptura de uma situação. Ruptura importante, pois o bairro também é considerado violento baseado em experiências do passado, não cogitando a possibilidade de mudança. “Não posso falar, porque não conheço”, o Vista Bela, reflete a importância da experiência direta e a não afirmação de algo diante de sua ausência.

Jorge – União da Vitória: “Acredito que, como a maioria dos bairros de periferia, exista uma relação conflituosa, principalmente com a polícia, mas não sei se é violento ou perigoso em si, ou se isso é mais um estereótipo”. Vista Bela: “Também acredito que o mesmo possa se aplicar ao Vista Bela”. “Como a maioria dos bairros de periferia”, ou seja, semelhante aos demais, o União e o Vista Bela estão ligados a conflitos, principalmente com a polícia. Entretanto tem dúvidas se o bairro realmente é violento ou se é estereótipo. No relato, há ausência de trechos que expressem experiência direta do Jorge junto ao União da Vitória e Vista Bela. Andreia – União da Vitória: “Não, já foi, mas não é mais. Às vezes, acontece alguma coisa, mas não é igual era antes”. Vista Bela: “Acho que é diferente do União. Por ser prédio, acho que lá tem mais violência e acúmulo de gente do que no União da Vitória, por isso acho que a violência lá é mais”. Chama atenção o argumento para justificar a violência no Vista Bela, “por ser prédio” e “acúmulo de gente”. Ambos argumentos associam a aglomeração de pessoas e violência.

União da Vitória: “Sim. Acredito que a taxa de criminalidade seja um pouco acima da média da cidade. Isso porque só ouvi falar desse bairro por meio de reportagens, e muitas vezes, programas criminais sensacionalistas, como o Camargo no SBT (Em que pese eu não suportar e achar as matérias tendenciosas, minha família tem o costume de assistir). Assim, apesar do senso crítico sobre esses programas, creio que a violência exista, e como dito acima, seja maior que o resto da cidade. Creio que se iguale a violência de outros bairros marginalizados”.

Vista Bela: “Sim. Acredito que a taxa de criminalidade seja um pouco acima da média da cidade. Isso porque só ouvi falar desse bairro por meio de reportagens, e muitas vezes, programas criminais

sensacionalistas, como o Camargo no SBT (Em que pese eu não suportar e achar as matérias tendenciosas, minha família tem o costume de assistir). Assim, apesar do senso crítico sobre esses programas, creio que a violência exista, e como dito acima, seja maior que o resto da cidade. Creio que se iguale a violência de outros bairros marginalizados”. Tainara

Para ambos bairros, ela acredita que “a taxa de criminalidade seja um pouco acima da média da cidade” e justifica que seu relato está baseado em reportagens e programas criminais sensacionalistas que, apesar dela não gostar, sua família costuma assistir. Mas, também afirma que mesmo sendo crítica a esses programas, acredita que a violência nesses dois bairros “seja maior que o resto da cidade”. Parece haver uma tensão entre o senso crítico da Tainara e as notícias da mídia, pois, mesmo sabendo que a mídia sensacionalista tende ao exagero e distorção dos acontecimentos, ela afirma considerar que a criminalidade é maior nos dois bairros, entretanto ela relata “Isso porque só ouvi falar desse bairro por meio de reportagens, e muitas vezes, programas criminais sensacionalistas”, parecendo que, mesmo apesar de seu senso crítico, a mídia ainda influencia fortemente seu pensamento sobre a violência em alguns lugares da cidade.

União da Vitória: “Mais ou menos, estamos passivos a sofrer violência em qualquer lugar, ou em qualquer bairro, é claro que bairros com maior índice de pobreza e com menos acesso à educação, tendem a ser bairros mais violentos, mas pelo meu ponto de vista, existe muito preconceito com esses locais, como se toda a população que habita-se esse local, fossem criminosos, existe violência, como em qualquer lugar, a diferença é como essa informação chega até nós”.

Vista Bela: “Aqui eu acredito que seja o mesmo caso da pergunta 14. Não posso traçar um comparativo entre os dois bairros, ou até outros em Londrina e dizer qual é mais violento ou não, não conheço o bairro em questão, e não costumo acompanhar notícias sensacionalistas, então não tenho conhecimento o suficiente para julgar o local”. Juliana

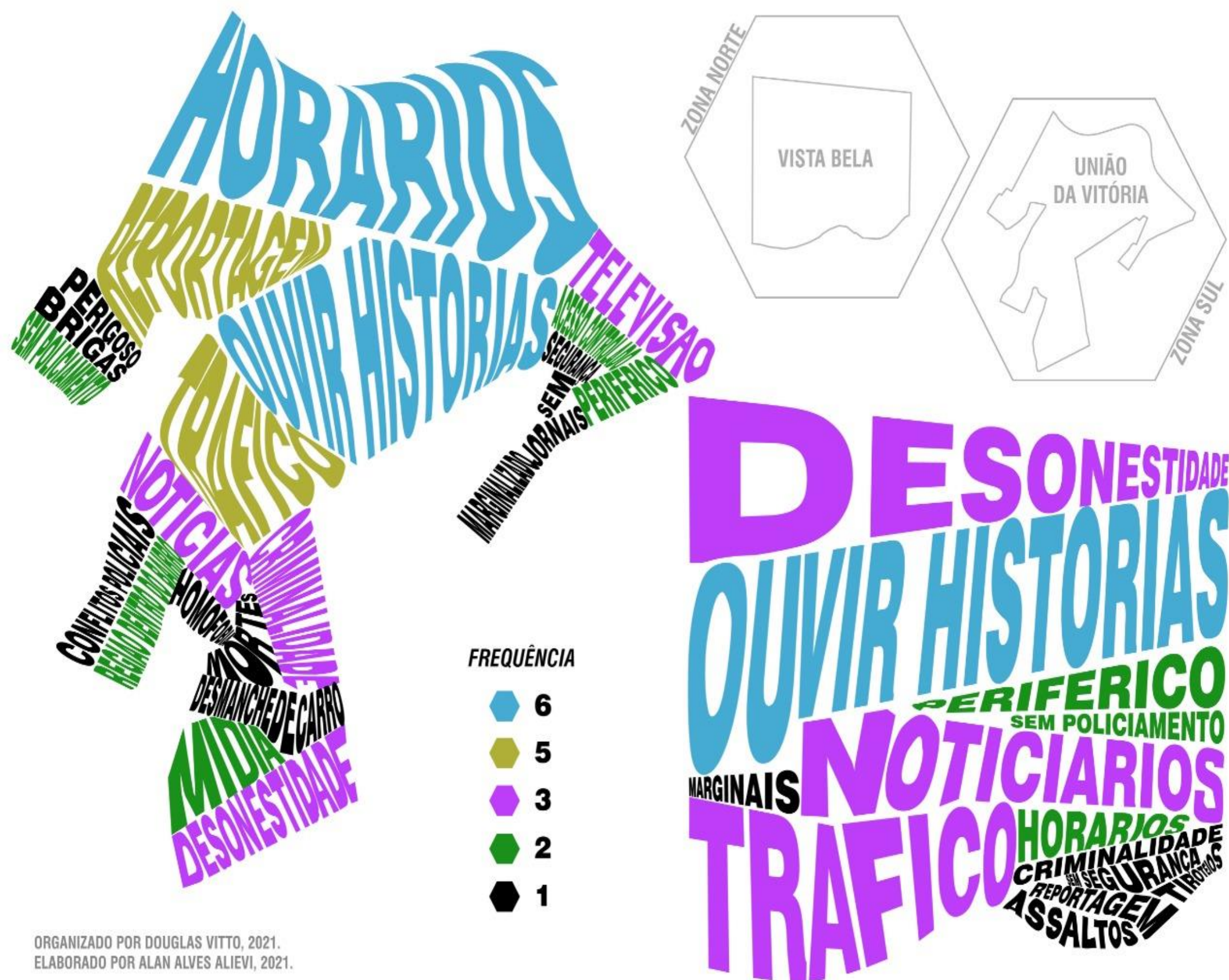
A fala possui argumentos que relativizam considerar o União da Vitória e Vista Bela violentos: “estamos passíveis de sofrer violência em qualquer lugar” e que “claro que bairros com maior índice de pobreza e com menos acesso à educação, tendem a ser bairros mais violentos”, demonstrando associação entre pobreza e violência, porém não determinista, “tendem”, mas não necessariamente são. Ela argumenta que há opiniões que generalizam “como se toda a população que habita esse local fossem criminosos”, mas a violência existe em qualquer lugar, porém “a diferença é como essa informação chega até nós”. Informações que chegam até nós principalmente

pelo sentido da audição e visão por meio de falas cotidianas das pessoas e reportagens sobre os comportamentos e atitudes de alguns habitantes do bairro. Informações que chegam até nós divergem da proporção e modo como os casos de violência realmente aconteceram. Quando questionado sobre a violência no Vista Bela, ela diz: “não posso traçar um comparativo entre os dois bairros”, pois não conhece o bairro em questão e não acompanha notícias sensacionalistas, logo “não tenho conhecimento o suficiente para julgar o local”. Ela considera que apontar se o lugar é ou não violento/perigoso sem ter experiência direta junto aos bairros e não acompanhar notícias sensacionalistas seria “julgar”, ou seja, emitir pareceres divergentes da realidade.

Com base nos relatos registrados no formulário on-line, aplicado aos não habitantes do União da Vitória e Vista Bela, elaboramos o mapa da figura 10, que expressa as palavras mais utilizadas para descrever como entendem a violência nos dois bairros.



Figura 10 – Palavras mais usadas pelos não habitantes para descrever a violência no União da Vitória e Vista Bela.



Fonte: Pesquisa *in loco* via formulário online (2020)

Os relatos dos participantes demonstram o super dimensionamento dos acontecimentos reais cometido apenas por alguns habitantes nesses dois bairros, sendo entendido pelos não habitantes de modo generalizado, superdimensionado. Entre os elementos do imaginário compartilhado entre aqueles que consideram o União da Vitória e o Vista Bela violentos, foi recorrente, nos relatos, a presença das seguintes palavras para o União da Vitória: ouvir histórias, desonestidade, tráfico, noticiários, periférico, sem policiamento, horários, criminalidade, tiroteios, marginais, sem segurança, imagens, reportagem e assaltos. E, para o Vista Bela, foram utilizadas: ouvir histórias, horários, tráfico, reportagem, televisão, desonestidade, notícias, periférico, sem policiamento, mídia, criminalidade, região dentro do bairro, acesso controlado, perigoso, brigas, sem segurança, jornais, marginalizado, homofobia, desmanche de carros, mortes e conflitos policiais. A violência está presente no imaginário sobre o Vista Bela e União da Vitória, afetando o que é conhecido como realidade em diversas instâncias da vida social. Imaginário baseado no medo que domina a razão expressando situações momentâneas em que a coletividade vive ou se expressa em alguma intensidade (ARRAIS, 2008).

A comunicação entre os indivíduos permite o compartilhamento de mundo com elementos em comum. Os de fora podem tentar aprender a chegar perto, mas não são os de dentro. As pessoas, por meio da leitura, músicas, filmes, teatro, escultura podem saber mais de outros mundos, mas são fragmentos compartilhados de um quadro geral (LOWENTHAL, 1961), divergindo da gama de detalhes ao experienciar os cheiros, barulhos, gostos, texturas e visão. Há bairros e paisagens que nem sempre são experienciados diretamente, podendo ser imaginados, incógnitas espaciais, o desconhecimento que está presente nas pessoas. Conhecemos alguns bairros e paisagens de Londrina, em diferentes intensidades, mas não todos. Entretanto a mídia provoca o imaginário e a formação de imagens pelas pessoas por meio da experiência indireta.

A espacialidade de paisagens experienciadas diretamente podem ser expandidas, no decorrer da vida, envolvendo nossos trajetos em uma viagem, trabalho, escola, lazer. Há paisagens desconhecidas, que tomamos conhecimento por meio de livros, filmes, reportagens, mas não envolvem nossa experiência direta polissensorial, podendo permitir que as técnicas de comunicação (escrita e imagem) distorçam o modo como as pessoas, que não experienciam diretamente, são tocadas por elas – divergindo da complexidade experienciada – faltando sentir o cheiro, a

textura e o som (LOWENTHAL, 1961), mas nem por isso essas experiências indiretas são inferiores às experiências diretas, afinal não é uma relação hierárquica.

## 2.4 OLHAR DA MÍDIA

Considerando os relatos dos não habitantes do União da Vitória e Vista Bela, e que o conhecimento de alguns bairros pode acontecer por meio de filmes, livros e reportagens, entretanto, sem envolver nossa experiência direta, selecionamos algumas reportagens para refletir sobre como a comunicação escrita desvela os dois bairros em foco para aqueles que não habitam. Como apontado por Arrais (2001), o imaginário obedecendo formações discursivas e sociais profundas.

No outono de 2018, a Tribuna News publicou: “Homem morre esfaqueado em briga familiar no União da Vitória em Londrina” e escreveu: “Um homem morreu após ser esfaqueado na rua dos Professores, no Jardim União da Vitória, em Londrina”. No outono de 2019, o Bonde publicou: “Mulher mata ex-genro para defender filha de agressão”, relatando que “Um rapaz de 22 anos, identificado como Leonardo Camargo Rodrigues, morreu após ser esfaqueado no pescoço na noite desta quarta-feira (27) na rua Alzino Eugênio de Menezes, no Jardim União da Vitória, zona sul de Londrina. Quando a Polícia Militar chegou, o jovem já estava morto”. E, no inverno do mesmo ano, o Bonde teve como notícia: “Homem é assassinado no União da Vitória em Londrina”, apresentando que “um indivíduo encapuzado chamou a vítima no portão e, no momento em que ele saiu no quintal, iniciou diversos disparos com um revólver”.

As notícias podem transmitir a ideia de vulnerabilidade do corpo e da vida ao estar nas ruas deste bairro. As brigas familiares e esfaqueamento na rua, escritas na reportagem, parecem tornar a rua extensão da casa, ambas permeadas pelas características das pessoas que compõem o núcleo familiar, marcado por agressões. No entanto, por meio da empatia, entendimento do outro, é possível reverter a situação deixando florescer a segurança. A rua pode ser usada para fins festivos, estreitamento de laços entre a vizinhança e exposição do corpo ao desconhecido.

A casa, a família e a terra natal sempre continuam em nós constituindo nossa existência, círculo forte da confiança básica, do casulo protetor, promovendo proteção (MARANDOLA JR, 2008). Entretanto o lar, mesmo sendo refúgio das ameaças externas, não é isento aos conflitos familiares, agressões e homicídios que também

podem ocorrer na casa, como ser despido de um invólucro. (TUAN, 2005). O que fazer se a violência está no interior da casa e da família? Isto é, o que fazer se a casa e a família não representam proteção contra a violência? É importante não dicotomizar paisagem do medo e casulo protetor e associá-los apenas como bem ou mal. A casa pode nos proteger, mas dentro da mesma casa podem haver ameaças ao nosso corpo. Uma pessoa pode ser fonte de segurança, mas em algum momento da vida ela pode gerar medo em nós.

Essas violências dentro do núcleo familiar, entre os habitantes, também foram manifestadas no Vista Bela por meio de duas publicações no portal Bonde na primavera de 2019: “Homem é espancado por populares na zona norte de Londrina” em que o agredido era usuário de drogas e estava cometendo delito, roubando a casa da própria irmã e “Pai é preso suspeito de agredir e tentar estuprar a própria filha” em que a vítima disse não ser a primeira vez que levou socos no rosto e no braço. No verão do ano seguinte, o mesmo portal divulgou: “Homem é espancado por populares no Vista Bela em Londrina e vai para a UTI”, o caso de um usuário de entorpecente que entrou em conflito com outros habitantes.

Outro elemento que surgiu no relato dos não habitantes foi associar os habitantes do União da Vitória e Vista Bela ao tráfico de drogas. Sobre o União da Vitória, no inverno de 2020, o portal 24horas publicou: “PM de Londrina prende rapaz que vendia drogas para ‘levantar uma moeda’” e o portal CNG escreveu: “Trio morre em confronto com a PM em Londrina”. No verão do mesmo ano, o portal 24horas anunciou “Homem reage a abordagem da PM e morre baleado na Zona Sul de Londrina”. A primeira notícia expõe um jovem preso em flagrante por tráfico de drogas que disse estar tentando “levantar uma moeda”, entretanto a reportagem não reflete os motivos que influenciaram este rapaz tentar obter dinheiro por meios ilegais. A segunda notícia apresenta um esconderijo de drogas, e a polícia sendo recebida por balas ao chegar no bairro para investigar o crime. A segunda e a terceira notícia não transmitem receptividade.

Os casos pontuais de tráfico drogas deveriam ser comunicados de modo que não permitisse os não habitantes associarem os acontecimentos isolados de criminalidade a todos os habitantes dos dois bairros, generalizando o lugar e as pessoas. Será que se as reportagens colocassem reflexões, indagando sobre os motivos que levam as pessoas para caminhos da ilegalidade, os não habitantes associariam os dois bairros ao tráfico de drogas? Essa associação parece ser uma



generalização que considera todo o bairro permeado por violência, e, se as pessoas são os bairros que habitam, os não habitantes consideram que elas também são passíveis de serem violentas. No entanto, desconsidera-se a ideia de que não é o bairro todo permeado por violência, e de que há outros lugares, dentro desse bairro, permitindo experiências não relacionadas à violência.

Essas reflexões também permeiam o Vista Bela, pois, no inverno de 2019, o portal Bonde divulgou: “Rapaz diz que começou a traficar para ajudar nas despesas de casa” devido às dificuldades financeiras, dizendo que “Foi uma oportunidade para ganhar mais dinheiro. Trabalhei como mototáxi, o que me rende uns mil reais por mês, mas não dava nem para consertar minha moto. Agora estou trabalhando como entregador à noite e na hora do almoço. Surgiu essa entrega (de drogas) e resolvi aceitar”. No inverno do mesmo ano, a Taroba News divulgou: “PM prende jovem por tráfico no Vista Bela” escrevendo que “Policiais Militares da 4ª Companhia Independente prendera na manhã desta sexta-feira (26) um jovem de 23 anos por tráfico de drogas. Foi na rua Luiz Moro Neto, no Vista Bela. Com ele os policiais encontraram 420 porções (pedras) de crack já embalada para comercialização e ainda RS310,00 em dinheiro trocado”. A CBN Londrina, no outono de 2020, declarou: “Polícia apreende cerca de 13 quilos de maconha no Vista Bela”, abordando que a “A apreensão ocorreu na rua Giocondo Maturi nº 945, no Residencial Vista Bela, região Norte da cidade”.

É frequente, nas manchetes e em seus respectivos conteúdos, a ausência de precisão dos acontecimentos nos bairros, pois frequentemente são associadas à zona/região de pertencimento dentro da cidade de Londrina. Percebe-se que os noticiários dos portais eletrônicos partem do imaginário para construir uma visão de mundo sobre o União da Vitória e Vista Bela aos não habitantes (TUAN, 2012). Casos de violência que ganham destaque ofuscando outros acontecimentos do bairro. A mídia influenciando o imaginário entendido enquanto associação de fragmentos que, de acordo com Marandola Jr (2008), constroem um retrato metafórico, colocando alguns lugares no imaginário urbano como perigosos, quando as notícias se referem à criminalidade e violência. Imaginário em que os fragmentos de violência ganham destaque.

A mídia, como sintoma estrutural, que nega aqueles que não são brancos e descendentes de europeus colonizadores, isto é, que nega a população preta e pobre a qual habita as periferias de Londrina conforme demonstrado na figura 4.

O mapa racial de Londrina expressa que a população preta é predominante no bairro União da Vitória e Vista Bela, permitindo pensar que o estigma sobre os habitantes desses dois bairros também é reflexo do preconceito racial.

Ao associar os acontecimentos à região de uma cidade, a criminalidade parece tornar-se mais difusa como se pudesse ocorrer em qualquer lugar dentro desta área maior. Qual é o intuito comunicacional desses veículos? Regiões periféricas pobres habitadas principalmente por negros, que afetam o imaginário dos não habitantes ao serem comunicadas, apresentando ausência contextual, espaço-temporal e da dimensão da horizontalidade proposta por Besse (2014). Mantendo essas áreas e bairros afastados, indesejados, onde os não habitantes não devem se lançar. O imaginário influenciando os modos de simbolizar a realidade em todas as instâncias da vida social, fazendo surgir a imagem de algo que não é, tornando o imaginário verdades sociais (ARRAIS, 2001).

As reportagens da mídia, ao representarem o União da Vitória e Vista Bela, contribuem para a construção do estigma. Os relatos dos que não habitam expressam e reproduzem esse estigma. O mapa racial expressa que, junto ao estigma, a mídia reproduz o racismo.

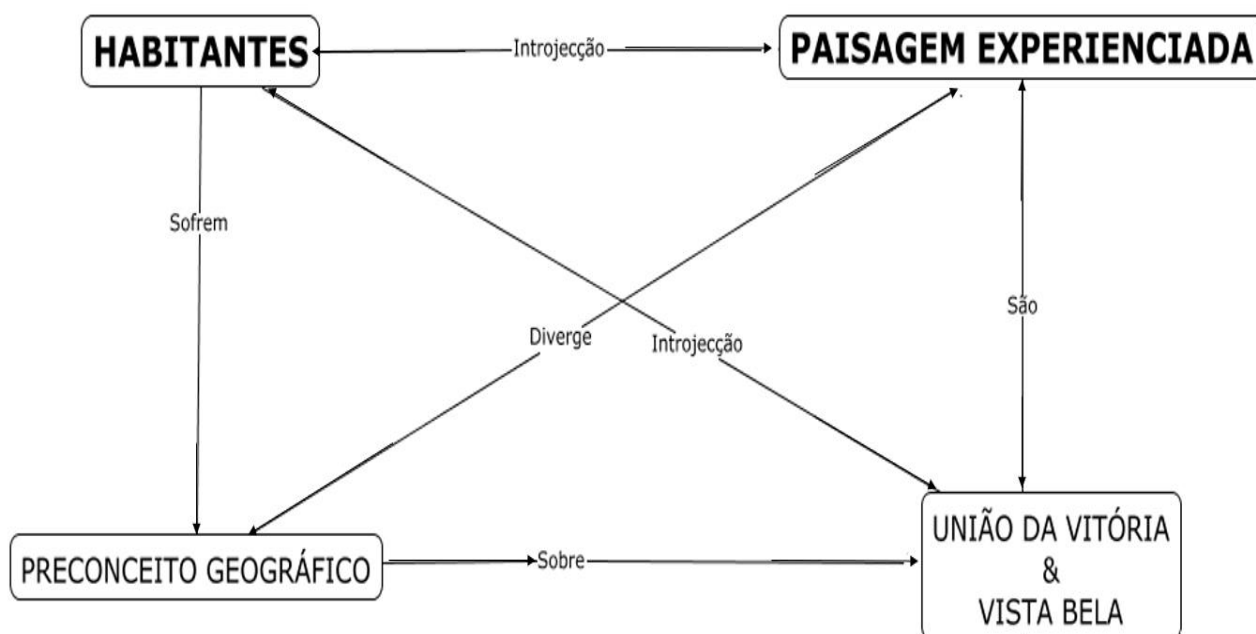


### III

## UNIÃO DA VITÓRIA E O VISTA BELA: PAISAGENS DO MEDO OU CASULOS PROTETORES?

Este capítulo desvelou como os não habitantes consideram o preconceito geográfico sobre o União da Vitória e Vista Bela, e como esse preconceito geográfico se manifesta na experiência cotidiana daqueles que habitam, são, constituem e são constituídos pelo União da Vitória e Vista Bela numa relação de introjecção. Posteriormente, desvelamos como a sensação de segurança e insegurança se desvela ao viver experienciando polissensorialmente o União da Vitória e Vista Bela, recorrendo à análise hermenêutica para compreender o sentido dos relatos dos habitantes. O caminho percorrido nesse capítulo está expresso na figura 11.

**Figura 11** – Mapa conceitual do capítulo “União da Vitória e o Vista Bela: paisagens do medo ou casulos protetores?”.



Org. Vitto (2020).

Os habitantes sofrem preconceito geográfico que diverge da experiência polissensorial numa introjecção, tornando o União da Vitória e Vista Bela paisagens experienciadas.

### 3.1 ESTIGMA E PRECONCEITO GEOGRÁFICO CONTRA O LUGAR

Ser União da Vitória e Vista Bela é estar na mira de preconceitos. Em quais circunstâncias supostos preconceitos se desvelam? Como é a experiência de ser estigmatizado por aqueles que não são União da Vitória e Vista Bela? Aqueles que não são União da Vitória e Vista Bela acreditam que existe preconceito contra aqueles que são?

Habitar a paisagem também é ser paisagem. Ela é introjetada em nós por meio da experiência, afeta a carne e o sangue, num horizonte de possibilidades. Ao mesmo tempo, nós também atribuímos tonalidade afetiva à paisagem constituindo-a. E essa associação parece estar presente no preconceito geográfico (ALBUQUERQUE JR, 2012) ao relacionar pessoa e lugar, entretanto, numa perspectiva generalista e depreciativa, que desqualifica a paisagem ao estereotipá-la.

O preconceito é um conceito apressado, opinião, descrição, caracterização, explicação, que antecede o esforço verdadeiro para conhecer o outro em sua diferença. Preconceito que diz mais sobre quem o emite a respeito dos conceitos da sociedade. O preconceito geográfico baseia-se em marcar alguém por pertencer ou dividir um território, espaço, lugar, vila, cidade, província, estado, região, nação, país, continente, considerado inferior, menos civilizado, inóspito, e habitado por pessoas cruéis, feias, bárbaras e ignorantes. Marcamos todos com estigmas, estereótipos e preconceitos que envenenam o dia a dia, manifestam-se e explodem nas atividades do cotidiano (ALBUQUERQUE JR, 2012). Preconceito gerado na verticalidade àqueles que estão afastados (BESSE, 2014) e não imersos na horizontalidade.

No formulário on-line aplicado aos não habitantes do União da Vitória e Vista Bela, questionamos se eles acreditam que os habitantes sofrem com o preconceito geográfico. Entre os 62 participantes, 58 afirmaram que sim, e quatro que não. Os que responderam sim utilizaram os seguintes argumentos:

Jorge Santos: “Sim, porque as pessoas acham que só moram bandidos nesses bairros”. “Só” generaliza os moradores, considerados bandidos. O preconceito baseado na generalização, o bairro da bandidagem. Camila: “Com certeza. O fato de ser bairros humildes, muitos acham ser favelas. Com a falta de cuidados, comportamentos inadequados de muitas pessoas acabam gerando muitos

preconceitos". "Bairros humildes" associados às favelas, "falta de cuidados" e "comportamentos inadequados". A pobreza e ausência de equipamentos urbanos nos bairros, no modo como estão organizados. Atribuir a causa do preconceito ao União da Vitória à situação de pobreza e ausência de alguns equipamentos, responsabiliza os habitantes pela ausência dos aparatos, não considerando que isso é reflexo da inexistência de políticas públicas efetivas, isto é, da esfera governamental. Yasser: "Sim, grande parte dos alunos das escolas que moram no União da Vitória tem um certo 'respeito' por ser considerada uma pessoa perigosa pelo alto nível de criminalidade de seu bairro". O "respeito" está baseado no medo. Medo em relação ao outro considerado perigoso por habitar um bairro com alto índice de criminalidade. O habitante sendo vista como reflexo do próprio bairro. O respeito, em relação a este outro, reflete receio de que ele possa cometer alguma violência a qualquer momento. As aspas utilizadas por Yasser para se referir ao "respeito" reflete que não é admiração. Riccely Castro: "Sim. Pelo bairro ser perigoso. E as pessoas de boa índole acabam sendo julgada da mesma forma dos que não tem". O bairro é considerado perigoso devido à conduta das pessoas de má índole que produzem o efeito de generalização para os de fora. No fim, todos são julgados como de má índole. Laiane: "Sim. Por causa dessa imagem de situações ocorridas anteriormente lá". Causa do preconceito atribuída à "imagem de situações ocorridas anteriormente", isto é, os casos de violência retratados na mídia e comentados no dia a dia pelas pessoas. Acontecimentos, que ficaram no imaginário urbano, aconteceram e foram entendidos como o bairro em si, ofuscando toda a pluralidade de experiências possíveis junto ao bairro. Acontecimentos passados que não necessariamente condizem com os atuais.

Felipe: "Sim, porque as vezes você é discriminado só por morar dentro dessas comunidades". "Às vezes" é diferente de "sempre", e cabe indagar em que circunstâncias essa discriminação, ou seja, diferenças são percebidas e colocadas à parte por algum critério. Felipe argumenta que o preconceito acontece "só por morar dentro". A palavra "só" é usada como pormenor, sem grande relevância para sustentar o preconceito baseado em habitar, estar "dentro", ser o bairro. Sal: "Sim, por já dizer um status social e pela forma que os bairros são tratados tanto na mídia como de boca em boca". Preconceito geográfico baseado no baixo status social, socioeconômico dos bairros. Temor aos muito pobres, indesejáveis, considerados inferiores. Erick: "Acredito que sofrem sim, algumas pessoas ligam a imagem do bairro com a pessoa que mora nele e automaticamente disseminam um preconceito achando que todos



que ali moram são ‘traficantes’ ‘favelados’ ‘sem estudo’ etc”. Acredita que há o preconceito, entretanto o uso de “algumas pessoas” remete que Erick não considera que todos os não habitantes sejam preconceituosos. “Ligam a imagem do bairro com as pessoas”, pessoas e bairro se fundem, introjetam-se, constituindo um só. Se “tráfico”, “favelados” e “sem estudos” são a “imagem do bairro”, os habitantes também o são. Flaviane: “Sim. Pois é conhecido pelas redes de tv como favelas somos mau apresentado”. É expresso o conhecimento indireto do bairro – “é conhecido pelas redes de tv” – e que a informação ocorre de modo errado, “mau apresentado”. O modo como é exposto à vista e ouvido dos não habitantes. Ana Clara: “Sim por ser lugar de violência e um lugar de humildade”. Preconceito atribuído pela manifestação de violência e pobreza, a “humildade”. Ambas situações como indesejáveis.

Alex Junior: “Sim! Porque, quem não conhece pensa que lá é um loca violento e conseqüentemente as pessoas de lá são todas violentas!”. A tendência de generalização de todo o bairro, considerando violento por ser desconhecido “quem não o conhece”. Não conhecer significa desconhecimento, ou seja, existência ignorada, pouco ou nada conhecida devido à falta de experiência ou ignorância. Assim, conhecer o desconhecido envolve lançar-se, estar com e experienciar o outro. Willian Henrique: “Sim, por serem bairros periférico todos imaginam q os moradores destes lugares sejam ladrões, de mal caráter etc”. A condição base do preconceito encontra-se em “serem bairros periféricos”. A situação periférica que também generaliza os habitantes como “ladrões, de mal caráter”. A periferia entendida como fora da moralidade. Uma periferia imaginada – “imaginam que os habitantes destes lugares sejam” – que diverge da pluralidade de experiências possíveis. Imaginário lançado sobre a periferia, entendendo como algo que não representa seu todo. Kamila: “Sim, pois quando se trata de bairro periférico o primeiro bairro que vem na cabeça é União e vista bela”. O União da Vitória e Vista Bela ofuscam toda a pluralidade presente nas periferias de Londrina, pois são “a primeira coisa que me vem na cabeça”. Luma: “Sim, porque se tem uma imagem violenta desses locais”. “Imagem violenta desses locais”, a imagem representando algo, ou seja, a violência. Entretanto com qual frequência são representadas as imagens não violentas dos bairros? Imagens violentas que provavelmente são reproduzidas pela mídia, que propaga apenas esse tipo de imagem, quando são manifestados acontecimentos que chamam atenção negativamente, a qual esquece dos bons acontecimentos e a pluralidade de experiências possíveis no bairro.

“Sim, as pessoas do bem acabam pagando pela criminalidade de outros em questão de preconceito, do mesmo jeito que tem criminosos, tem pessoas boas também, mas isso já veio de antes, antigamente era bem violento esses bairros, os próprios moradores roubavam os comerciantes e pessoas da mesma vila. Hoje em dia já está bem mais tranquilo”. Jonathan

Conforme o relato de Jonathan, as raízes do preconceito sobre os bairros existem devido à presença de roubos aos “comerciantes e pessoas da mesma vila”, mas hoje a situação está mais tranquila. As pessoas de bem “acabam pagando” pela criminalidade de outros.

Debora: “Muito. Porque é uma das regiões menos favorecida da cidade”. “Porque é umas das regiões menos favorecidas da cidade”, desfavorecimento em relação à localização distante do centro, do acesso a determinados equipamentos urbanos, maior poder aquisitivo e ausência e/ou insuficiência de políticas públicas. Menor favorecimento, menor aceitação enquanto bairros que também constituem Londrina. Desfavorecimento ligado à instância governamental, provocando ausências, tornando indesejável. JDP: “Sim. Pela classe social e econômica e pela violência”. “Pela classe social e econômica”, além da violência encontra-se aversão à pobreza, mas condenar a pobreza é condenar os pobres, considerando estes como únicos responsáveis por sua situação. Misco: “Sim, porque as pessoas já pensam que são criminosos por causa da fama que dão ao lugar”. “Já pensam que são criminosos” expressa o que os não habitantes imaginam de imediato acerca do União da Vitória e Vista Bela, bairros permeados pela criminalidade. Criminalidade enquanto reflexo da “fama”, isto é, a reputação do bairro, o que ganha visibilidade. Zé Vinicius: “Sim, por serem famílias pobres que moram na periferia e pela violência no local, as pessoas acabam generalizando e julgando todos de quem são pessoas criminosas”. “Pobreza”, “periferia” e “pessoas criminosas” somadas à generalização e julgamento dos não habitantes. Tai: “Sim, pelo estigma de bairro periférico, em virtude de sua classe social”. Localização periférica e classe social baixa coexistindo.

André Luiz: “Sim. A mídia local é a maior culpada, já que divulga apenas crimes que possam ocorrer nesses bairros e não projetos e ações sociais por exemplo”. A mídia tem peso maior no processo de produção do estigma por divulgar apenas os aspectos negativos do bairro e não os positivos como as “ações sociais”. André Luiz identifica o direcionamento da mídia sobre os casos de criminalidade em detrimento



das ações de projetos sociais. Ignorar os acontecimentos positivos é negar a pluralidade do bairro, rotulando-o apenas como receptáculo da criminalidade, não dando oportunidade para que o estigma sobre ele seja rompido. Jorge: “Sim, pois são mais periféricos, além de existir todo o “tabu” acerca do nome, como se existisse uma personalidade carregada pelas nomenclaturas”. O preconceito do bairro é por sua localização periférica. O “tabu” com o nome dos bairros que parecem carregar uma personalidade, um traço marcante. Isto é, ligado ao agir, sentir, pensar. O agir, comportamento baseado em violências que ameaçam a integridade do eu. Ana: “Acho que a população do União sofre, mas a do Vista Bela não”. Cabe aqui pensarmos porque para Ana a população do União da Vitória sofre preconceito e o Vista Bela não. Ana mora no São Marcos, bairro mais próximo do União da Vitória e distante do Vista Bela. Talvez por isso Ana tem uma opinião sobre o preconceito a respeito do União da Vitória, mas não considera haver no Vista Bela. Ana não utiliza as palavras “não sei”, mas, sim, a palavra “não”, afirmando. Larissa: “Acho que não, se mora nesse lugar é porque não tem pra onde ir, um lugar melhor”. “Mora nesse lugar porque não tem para onde ir”: as pessoas não tem para onde ir porque falta poder aquisitivo, já que a terra é mercadoria, restringindo o acesso às pessoas mais pobres. Há uma hierarquização entre lugares por considerar que este bairro é habitado por não conseguirem ir para “um lugar melhor”. Cabe pensarmos quais motivos estão balizando essa hierarquização.

“Sim. Porque, infelizmente, existe um estereótipo negativo em relação a esses bairros, e consequentemente isso afeta a imagem dos moradores do Vistas Bela e União da Vitória no imaginário coletivo da população londrinense, os associando a violência”. Rapacci

A presença do estereótipo negativo sobre os bairros que permeia o “imaginário”, associando a dinâmica dos bairros a violência. “Afeta a imagem dos moradores” o modo como os não habitantes veem os habitantes, ou seja, oriundos de um bairro violento constituído por eles e por isso consideram que também são passíveis de cometer algum ato infracional.

Carla: “Sim, se a única referência das pessoas for de que esses bairros são lugares violentos”. “Se a única referência das pessoas for”, ou seja, se o que chega às pessoas sobre o bairro for apenas casos de violência, isso tecerá o preconceito. Logo é importante dar visibilidade para outras referências, vivências possíveis junto ao União da Vitória e Vista Bela, pois, se tiver outras referências, talvez o bairro não seja resumido à violência. Mercedes: “Com certeza. Porque só pelo fato de eles

dizerem que moram lá, as pessoas já ficam na dúvida se é gente boa ou não”. Só por habitar e ser União da Vitória e Vista Bela, as pessoas duvidam da índole dos habitantes, incerteza na relação com o outro. Morena: “Eu acho que não já foi esse tempo não”. O preconceito ficou no passado. Everton: “Sim, pois os bairros vivem aparecendo em noticiários o que acaba passando uma má impressão as pessoas que moram nesses bairros”. “Vivem aparecendo nos noticiários” demonstra constância de exposição do bairro. A “má impressão”, ou seja, ideia ligada à negatividade do que abordado pela mídia divergindo de como é a realidade do bairro. Helena: “Sim pois eles moram em uma favela”. Entende que o preconceito geográfico existe por habitarem e ser a “favela”. Favela que é permeada por uma condição socioeconômica menos privilegiada e indesejável pelos não habitantes.

Milene: “Acredito que sim porque já vi caso de amigão que falaram que moravam lá e o povo falar coisas negativas”. Conhece pessoas próximas, “caso de amigão” que sofreu preconceito quando “falaram que moravam lá” e o povo “falar coisas negativas”. Esses bairros sempre associados a aspectos negativos, sendo ignorados os aspectos positivos manifestados na cotidianidade. Clara dos Anjos: “Sim, pois eu já ouvi comentários ruins de outras pessoas”. “Ouvi comentários ruins”, isto é, o preconceito presente nas palavras a que se refere, tocando a audição e estimulando o imaginário. Noção adquirida, por meio de terceiros, não envolvendo a experiência direta de quem está ouvindo. Lulu: “Acredito que sim, por ser um bairro nas margens da sociedade londrinense”. Preconceito por ser um bairro “nas margens” da cidade de Londrina. Margens indesejáveis, negadas por Londrina. Margens entendidas como inferiores”. Dani: “Sim. Infelizmente, mesmo a maioria sendo boas, muita gente acaba associando o bairro como ruim por conta dos crimes, assim, quando uma pessoa relata morar lá, o primeiro impacto é de um certo receio”. Mesmo boa parte dos habitantes exercendo práticas cotidianas consideradas boas, os casos minoritários de violência ofuscam os vínculos de segurança existentes no bairro, gerando receio nos não habitantes “quando uma pessoa relata morar lá”. A experiências de violência ganham maior proporção, cobrindo todo o bairro. Walison: “Sim, porque é um bairro que tem muitos bandidos”. Preconceito baseado na bandidagem. Se houvesse mais debates e reflexões sobre os motivos que obrigam as pessoas percorrerem pela ilegalidade, talvez o bairro não seria alvo de preconceito por ter “muitos bandidos”. Negar o bairro por ter “muitos bandidos” não é a solução, mas condenar ao isolamento e reprodução dessa condição, retirando a possibilidade de pensar alternativas.

Marcelo: “Sim, por não terem um poder aquisitivo alto e pôr a grande maioria a população ser constituída por negros”. Preconceito baseado na condição econômica e cor da pele. Ser pobre e negro. O preconceito geográfico tem classe e cor. A situação indesejada e negada pelos não habitantes. John: “Claro que sim lugares onde Pm está toda hora, várias mortes, drogas como não sofrer detalhe só sofre quem é de bem pq para o vagabundo tudo isso é elogio e mais respeito Entre eles”. John relata que o preconceito existe por causa da “Pm está toda hora”, “várias mortes” e “drogas” e reforça o preconceito, chamando de “vagabundo” as pessoas que não considera de bem, que levam a vida perambulante e errante. E a presença de mortes, drogas e PM “é elogio” e reforça “mais respeito” entre eles. John não apenas aponta os motivos do preconceito geográfico existir, como também demonstra a carga de preconceito em sua própria fala, apesar de não generalizar os habitantes, escrevendo que também há pessoas “de bem”, os únicos que sofrem com o preconceito geográfico. Amanda: “Acho que sim, em alguns lugares mais burgueses ou afastados desses bairros, justamente por serem bairros conhecidos por um alto índice de violência e pobreza”. A justaposição, entre o distanciamento do centro urbano, a violência e a pobreza.

Juliana: “Sofrem sim pelo estigma que há nesses bairros. Sim, muitos julgam as outras pessoas pelo lugar onde ela vive”. Julgar as pessoas “pelo lugar onde ela vive” implica numa hierarquização e atribuição de valor entre os lugares. E geralmente quem julga atribui mais valor ao seu lugar de habitação do que aos outros lugares, julgados como inferiores. Will Fontes: “Sim, a maioria das pessoas lá são de bom caráter e trabalhadoras, mas devido a fama dos bairros, acabam sendo generalizadas com os que não são”. O ofuscamento causado pela “fama” negativa do bairro apaga as pessoas consideradas de “bom caráter e trabalhadoras”. Elen: “Sim. Por causa das coisas que dizem que acontecem lá”. O motivo está nas “coisas que dizem”, as palavras que chegam na audição estimulando o imaginário. Cria-se um lugar baseado no que é falado, mas que não foi visto, cheirado, tasteado e degustado ao estar lá. O imaginário de algo baseado em um sentido, a audição. João: “Sim, por materiais de tv e boca a boca”. O imaginário sobre a violência nesses bairros sendo alimentada pelos conteúdos apresentados na televisão por meio de imagens e palavras. Imaginário baseada no sentido da audição e da visão.

“Sim, com certeza! A sociedade no geral é preconceituosa, costumamos julgar as pessoas e criar estereótipos, seja de raça, cor, religião e classe social. E acredito que muitos moradores ali, já perderam oportunidades de emprego pelo local que mora, já ouvi comentários maldosos sobre

esses bairros, e já presenciei atos preconceituosos”. Juliana

O julgamento das pessoas baseado na “raça, cor, religião e classe social” e “local que mora” implica na perda de “oportunidades de emprego”. No caso do União da Vitória e Vista Bela, verifica-se a justaposição da raça, cor, classe social e local de morada. Inclusive, Juliana relata que já presenciou “atos de preconceito”. O preconceito geográfico é contra o negro pobre periférico.

Bianca: “Sim, por se ser um bairro mais vulnerável a violência e por ter destaque nas mídias, penso que as pessoas sofrem preconceito”. Devido à vulnerabilidade à violência, ou seja, expostos a determinados acontecimentos de agressão e não sem condições ideais para se proteger, somados à exposição na mídia e o “sofrimento” decorrente desse contexto. O sofrimento enquanto dor moral. Florastera: “Sim, acredito que ao procurarem emprego, pela distância do centro, dificuldade de locomoção, por serem bairros considerados violentos e estarem sempre na mídia noticiando isso”. Ao procurar emprego, em alguns momentos, o local de morada parece ter mais importância que a qualificação profissional. A distância e dificuldade de locomoção contribuem para deixar distante esses bairros negados por Londrina. Regina Phalange: “Não sei, não conheço pessoas que vivem nestes bairros, mas imagino que sim, porque eu já passei por um pré-conceito no passado por viver em um bairro considerado perigoso”. Apesar de Regina Phalange não conhecer pessoas que moram nos dois bairros, ela revela que “já passei por um pré-conceito no passado” por habitar junto a um bairro visto como perigoso. Logo, verifica-se que o preconceito geográfico também ocorre sobre outros bairros de Londrina. Larissa: “Sim, diante do alarmismo da mídia esses bairros ficaram muito taxados de violentos e seus moradores acabam sendo prejudicados”. “Alarmismo da mídia” consequente do conteúdo predominante que ela escolhe expor sobre os bairros, gerando receio nos não habitantes.

“Eu acredito que sim. Toda área carente carrega com si um estereótipo, que muitas vezes, é visto pelos não residentes daquele local como negativo. Por estarem em uma área carente e por vezes perigosa, podem sim sofrer um preconceito pelo seu lugar de origem”. Ana

Os não habitantes vendo áreas periféricas por meio de estereótipos negativos e permeadas por “carência” e perigos. “Toda área carente”, toda área com ausência de investimentos que permitam o desenvolvimento intelectual e proteção do corpo, da

vida.

Luma: “Sim, pq se tem uma imagem violenta desses locais”. “Imagem violenta” do União e Vista Bela. A imagem violenta parece ser a única imagem ou pelo menos a mais disseminada, resumindo o bairro à violência. Tainara: “Sim. Acredito que por conta do retrato midiático de bairro violento, os moradores podem ser vistos com “maus olhos” pela sociedade”. “Por conta do retrato midiático” há intencionalidade na representação feita pela mídia. Intencionalidade direcionada para os acontecimentos ruins e invisibilização dos bons acontecimentos, fazer as pessoas verem esses bairros com “maus olhos”, isto é, a mídia enquanto uma lente que seleciona o que será visto do bairro. Andreia: “Acho que sim, por que isso sempre tem. Em ônibus, trabalho, quando vai na loja e passa o endereço de entrega olham de olho torto, andando na vila “a lá aquele lá mora no União”. O preconceito se estende para além do União da Vitória e Vista Bela em si, vindo à tona em outros lugares como, por exemplo, “ônibus, trabalho, quando vai na loja e passa o endereço de entrega e olham torto”. “Olham torto” como se o habitante, no ato de comprar, estivesse errado por habitar o União da Vitória e Vista Bela, errado por fazer a empresa frequentar o indesejado, permeado de perigos no entendimento dos não habitantes. Há o preconceito na “vila” que, pelo contexto da frase, é o preconceito manifestado pelas pessoas que habitam outros bairros periféricos pobres ao dizerem “a lá, aquele lá mora no União”.

“Sofre sim, por que quem sofre nesses bairros tem um pouco de gente que sofre preconceito sim. Quando o ônibus 210 passa no Igapó e algumas pessoas que não moram lá entra no ônibus, elas entram meio se afastando das pessoas e com a cara fechada. E do vista bela pessoas reclamando em filas falando do Vista Bela de forma ruim ‘a aquela pessoa mora no vista bela’. E tem racismo dentro do ônibus, acho que isso nunca vai acabar”. João

O “ônibus 210” é a linha que vai do Terminal Central de Londrina ao União da Vitória, transportando em sua maioria habitantes que são o União. O “afastamento” e “cara fechada” das pessoas que não habitam o União ao se depararem com seus habitantes. Se deparar com os habitantes do União, é estar face a face também com o próprio bairro e evocar o que é imaginado por meio de discursos e visto por meio de imagens. Há também a cor, “tem racismo dentro do ônibus”, o recuo quando as pessoas também são negras. João também relatou ter presenciado casos de preconceito sobre o Vista Bela ao enfrentar algumas filas, as falas eram “aquela

pessoa mora no Vista Bela” em tom de menosprezo.

Preconceito baseado na pobreza, violência, localização periférica e raça. Preconceito produzido e reproduzido por meio de imagens expostas pela mídia e palavras que chegam aos não habitantes, alimentando o imaginário sobre a violência no União da Vitória e Vista Bela, afetando as pessoas pelos sentidos da visão e da audição. O imaginário sobre o União da Vitória e Vista Bela estão no plano da verticalidade, mas não da horizontalidade (BESSE, 2014).

O diferente a determinado ambiente social pode tornar-se uma categoria perigosa, má, defeituosa, fraca, que deve ser afastada (GOFFMAN, 2017). Divergência entre o imaginado e o vivido. Para Lowenthal (1961), os estereótipos influenciam o aprendizado e saber das pessoas sobre os lugares. A educação e o tempo podem corrigir os estereótipos, mas não extinguem os estereótipos sobre algumas terras e povos.

Para Albuquerque Jr (2012), os estereótipos surgem da caracterização grosseira e indiscriminada do outro, dita em poucas palavras, em um esboço negativo. As diferenças e complexidades são apagadas em prol de superficialidades e semelhanças sem profundidade. Leitura do outro simplificada e acrítica que induz uma imagem e verdade não passíveis de problematização. Uma forma de ver e dizer o outro, vinculando-o a práticas, tornando-o realidade e subjetivado. Paisagens constituídas por negros e pobres, não imigrantes europeus, distantes, negadas, não inclusas, dificultando o conhecimento e experiência com este outro e o rompimento de descrições grosseiras, negativas. As palavras mais usadas pelos não habitantes para se referir às bases do preconceito geográfico enfrentadas pelos habitantes foram: violência, periférico, mídia, classe social, imaginação, bandidos, imagem, ouvi dizer, pobreza, tv, raça, negros, vagabundo, roubo, mortes, drogas e ladrões.

Se a violência é manifestada em determinada paisagem, aos olhos daqueles que não a habitam, toda a paisagem é considerada violenta, permissora de agressão ao casulo protetor e encerramento da vida. Fruto da ausência de horizontalidade, estar em seu interior experienciando polissensorialmente (BESSE, 2014). Por isso, na pesquisa, buscamos desvelar como o preconceito geográfico se manifesta no cotidiano daqueles que são o União da Vitória e Vista Bela. Entre os dias 23 de março de 2021 e 08 de abril do mesmo ano, foram realizadas algumas conversas com os habitantes. Devido à pandemia da covid-19, as conversas ocorreram por meio de chamadas de vídeo no WhatsApp, e os relatos foram gravados em um computador e

posteriormente transcritos no Word. As conversas foram feitas com 12 participantes, seis habitantes do União da Vitória e seis habitantes do Vista Bela. O convite aos habitantes baseou-se na amostra não probabilística por bola de neve, pois, a partir de dois habitantes que eu conhecia, uma do União da Vitória e outra da Vista Bela, elas me indicaram outros habitantes e ao entrar em contato aceitaram participar.

De acordo com Vinuto (2014), a amostragem não probabilística por bola de neve utiliza cadeias de referência, útil para acessar e estudar alguns grupos populacionais difíceis de serem acessados. Primeiramente é preciso haver informantes-chaves, conhecidos como sementes, que posteriormente indicam ao pesquisador outras pessoas com as quais possuem contato e com as características desejadas. A bola de neve pode ser aplicada para: estudar grupos populacionais com poucos membros e dispersos fisicamente, reclusos e estigmatizados, e membros da elite; pergunta de pesquisa relacionada a algo vivido pelos participantes; melhorar o entendimento sobre determinado tema. Os participantes são procurados por um motivo específico, escolhidos/indicados entre si, e estes talvez podem aceitar não participar da pesquisa. É fundamental que o pesquisador comunique claramente ao participante qual é o objetivo da pesquisa e o perfil de pessoa buscada. É tecida uma rede de confiança entre o pesquisador, as sementes e os outros participantes indicados.

O contexto da pandemia de covid me impossibilitou de lançar meu corpo na interioridade do União da Vitória e Vista Bela para experienciá-los com vagar em suas entranhas e estando face a face com aqueles que os são, constituem e são constituídos. O lançar-se ocorreu virtualmente a partir de duas sementes, uma do Vista Bela, minha ex-aluna, e outra do União da Vitória, amiga da época da graduação, que indicaram alguns habitantes e assim sucessivamente. O critério da indicação era o participante habitar o União da Vitória e Vista Bela, que são estigmatizados, permitindo, por meio do diálogo, das palavras, entonações de voz e expressões faciais, desvelar alguma de suas experiências. Nesse subcapítulo, será apresentada apenas as experiências relacionadas ao preconceito geográfico. As demais experiências estão nos dois próximos subcapítulo, 3.2 e 3.3. A saturação da amostra não probabilística por bola de neve foi de 12 participantes, seis habitantes do União da Vitória e seis habitantes do Vista Bela.

A cada mensagem enviada no WhatsApp, eu ficava apreensivo ao saber se os habitantes aceitariam ou não participar. As respostas às mensagens enviadas foram

de muita receptividade, abertura e entusiasmo para poder participar da conversa sobre onde habitam. No entanto, algumas respostas não foram de abertura, pois alguns habitantes escreveram estar cuidando de parentes atingidos pela covid-19, no passado terem assumidos postura de liderança e atualmente não quererem mais falar sobre suas vivências de luta, e indisponibilidade de horário. Respeitei o momento e decisão de cada habitante. Sobre as respostas aceitando participar da conversa, fui permeado por curiosidade e ansiedade a conhecer os União da Vitória e Vista Bela que eram desconhecidos para aqueles que não estão de corpos lançados em sua interioridade cotidianamente.

A conversa ocorreu via chamada de vídeo no WhatsApp. No início de cada conversa, minhas palavras eram rápidas, às vezes tropeçavam, eu suava, mas logo me sentia mais confortável, ficando tranquilo. E, do meu quarto, em frente à tela do celular sobre a mesa de estudos, disse a cada habitante o que eu pesquisava e de onde eu sou. Conteí como a temática da pesquisa afeta o São Marcos que habito e me constitui.

Para analisar os relatos de experiência expressos pelos habitantes, utilizamos a análise hermenêutica, pois permite compreender o texto, a intencionalidade de busca no texto, a compreensão do mundo do qual o texto fala, tipos de ser-no-mundo, possibilidades de existir, desvelar o não observado. É importante considerar o contexto de quem escrever, elementos que permeiam seu pensamento (DUARTE; FARIAS; OLIVEIRA, 2017).

Minhas conversas com Matheus, Carmem, Theo, João, Gabriela e Maria sobre como o preconceito geográfico se manifestou em suas experiências ao constituírem e serem constituídos pelo União da Vitória foram permeadas por indignações, frustrações e revoltas que chegaram até mim ao estar de ouvidos, olhos e coração abertos para suas narrativas. Afetaram-me, evocando minhas memórias pessoais de preconceitos geográficos que vivenciei por ser São Marcos. Agora convido você para mergulhar nessas narrativas e se defrontar com as experiências de preconceito geográfico. Contemplar a densidade das relações espaço-temporais, fenômenos do mundo vivido que não se restringe ao que é tangível e visível, mas também invisível e de difícil apreensão (SASSI; NABOZNY; CHAGAS, 2021). Por meio da indagação: “Você já sofreu preconceito por ser União da Vitória”, conversei com cabelereira, estudante de medicina, trabalhadores autônomos, pós-graduados em análise de sistema e pessoas com Ensino Superior completo.



Ao conversar com Carmem, ela disse que o preconceito mudou de intensidade, mas persiste ao longo do tempo. Ela dá uma pausa, e seu olhar se move um lado para o outro, lembrando de vários acontecimentos e tentando focar naqueles que mais marcaram sua experiência. O preconceito, sobre o União da Vitória, a coloca-o numa situação de não pertencimento a outros espaços da cidade, fazendo com que Carmem, que é União da Vitória, em algumas situações se sentisse constrangida por expressar abertamente o nome de onde habita e é constituída, pois, ao revelar, ela poderia ser impedida de conseguir uma vaga de emprego, além de que isso já foi motivo dela virar alvo de risadas na escola. O relato de Carmem expressa como alguns lugares de trabalho, escola, amizades e até mesmo o ambiente hospitalar que frequentou não foram totalmente acolhedores com ela, pois ter vergonha de falar onde habita é negar uma parte de si.

Receio de dizer onde habita também permeou Theo ao precisar pensar no que vai falar para os outros para não gerar estranhamento, julgamento e não aceitação por parte do outro ao revelar uma parte de si,

Antigamente, desde o começo eu saía pra uma balada, eu conhecia alguém, aí eu não falava que eu morava no União, porque se eu falava o povo ficava com preconceito. Aí eu falava que morava no ouro branco, na rua das orquídeas, eu inventava um nome de rua. Theo

Essa tensão foi expressa ao entrar em contato com outros espaços e pessoas, como, por exemplo, em baladas. A omissão de parte de si, a mentira ao dizer habitar outro lugar. Mentira baseada no receio do que os outros vão dizer, isto é, na insegurança ao experienciar outros lugares. Diferente da Carmem, Theo não sentiu preconceito na hora de conseguir um emprego.

Entretanto o preconceito geográfico sobre o João foi recorrente ao longo de suas experiências de trabalho ao experienciar outros lugares. Foi chamado de “favelado” na intenção de inferiorizá-lo por habitar e ser União da Vitória. Quando a loja foi roubada, associaram sua característica física, magro, com o local de morada para insinuar que ele poderia ter roubado a loja. João entendia as oportunidades em um novo emprego enquanto caminho alternativo ao da criminalidade, entretanto, em um dos empregos, ele não foi acolhido pelas pessoas que trabalhavam mais tempo na loja, isto é, ele também não foi acolhido pelos outros bairros, pois, por também serem de bairros periféricos pobres e compartilharem costumes em comum, como cantar rap e gingar capoeira, esperavam que João fizesse o mesmo. Determinavam como um periférico pobre, mas não era esse o estilo de vida do João, que virou alvo

de acusações, sendo inferiorizado pelos rapazes brancos que faziam faculdade e o “moreno” com mais tempo de casa. João chama de “inferno” o que ele vivenciou, ou seja, a situação de desconforto, ausência de paz, não acolhimento, não pertencimento, negação de sua existência por ser um homem negro e ser União da Vitória. Motivos que, na época, João não sabia e considerava normal.

O constrangimento, a sensação de sem graça sobre o lugar que habita se manifesta fora do União da Vitória, na tensão com o outro, com o diferente, na experiência de Gabriela:

Esses dias aconteceu algo que foi até engraçado, a gente estava atendendo uma cliente, ela é professora, e ela falando que ‘dava aula em bairro muito carente’, na hora que a gente acabou de conversar, eu falei que ela tinha sido minha professora do fundamental e ela assim “nossa você é de lá?” eu falei ‘sou de lá, moro lá até hoje, minha irmã ainda estuda no mesmo colégio’. Então são situações que na hora de contar a gente percebe que a pessoa fica meio assim, aí a gente acaba ficando uma situação sem graça. Gabriela

Ela diz nunca ter ouvido falas explícitas de preconceito geográfico direcionada para ela, mas percebeu esse preconceito manifestado por meio de olhares e espanto ao revelar habitar o União. Amigos menores de idade que ficaram em pânico ao receberem xingamentos da polícia apenas por revelar habitarem o União da Vitória. Provavelmente, se os amigos de Gabriela fossem da Gleba Palhano, não seriam tratados do mesmo jeito.

O preconceito geográfico já esteve presente diversas vezes nas experiências de Matheus. Julgamentos sem conhecer a pessoa, atribuição de um adjetivo, comportamento e possível ação apenas por ele ser União da Vitória. Há ausência de conhecimento, ou seja, de conversar com os habitantes, ler sobre outras notícias do União da Vitória que não sejam casos de violência. Matheus afirma que o União não tem que agradar os outros. Esse não dever de agradar pode estar relacionado a não ter que anular seu próprio modo de ser e estar para se fazer semelhante a outros de Londrina que se consideram superiores ao União. Matheus identifica o preconceito nas pessoas que se acham superiores àqueles que são União da Vitória, na polícia, que à noite muda sua forma de abordagem, e, quando você está com algum bem material melhor, questionam para saber a procedência, duvidando da capacidade dos moradores conseguirem bens materiais por meio do trabalho, pois consideram que a maioria daqueles que são União não prestam, aprisionando-os numa situação que o normal é ter acesso a bens considerados inferiores. Ao mesmo tempo, Matheus diz

que os policiais estão fazendo o trabalho deles e que eles têm preparo, respectivamente estão executando uma ação repassada por uma instância superior, o Estado. O Estado produzindo e reproduzindo o preconceito geográfico.

Ao conversar com Maria, ela afirma não ter vergonha de habitar, ser o União da Vitória, mas reconhece, desde criança, já ter experienciado preconceito geográfico por ser o União da Vitória e por ainda ser o Nordeste, região brasileira internalizada e expressa em seu sotaque ao “falar arrastado” na época que mudou para Londrina. Esse preconceito geográfico sobre o nordestino está baseado nos estereótipos de “baiano”, “paraíba”, “nortistas”, utilizados genericamente por sulistas, paulistas e cariocas ao verem os nordestinos com comisseração, medo, os retirantes, flagelados e migrantes (ALBUQUERQUE JR, 2012). Essa singularidade em seu modo de ser, o sotaque nordestino e, em Londrina, começar a constituir e ser constituída pelo União da Vitória, levou Maria a se envolver em algumas brigas corporais com crianças da escola enquanto uma forma de contestar o preconceito geográfico exercido por outras crianças que a chamavam de “sem-terra”, crianças que não eram o Nordeste e nem o União da Vitória, ou seja, Maria era uma exceção, duplamente negada. Maria também relata que antigamente, devido à grande quantidade de mortes no União da Vitória, suas amigas tinham dificuldade para conseguir emprego, e a alternativa era omitir onde habitavam, dizendo habitar no endereço de outras pessoas. O preconceito também se manifestou na vida de Maria por frequentar a EPESMEL (Escola Profissional e Social do Menor de Londrina), um instituto que não era bem visto pelas pessoas. Há também o preconceito geográfico exercido por algumas instituições, como, por exemplo, a COPEL (Companhia Paranaense de Energia) ao não ir no União IV para aferir o relógio de luz há alguns anos após um habitante ameaçar um funcionário da COPEL que foi cortar a energia.

O preconceito por habitar o União, além de ser expresso no ambiente de trabalho, escolar e instituições, afetou algumas relações amorosas, nas quais as pessoas gostavam de conversar virtualmente com Maria, queriam conhecê-la, habitavam bairros próximos, mas não estavam dispostas a se lançarem no interior do União para encontrá-la. Ou casos em que, quando recebia carona de volta para casa, a pessoa se negava a entrar no União da Vitória. Desvela-se, na fala de Maria, o poder do preconceito promovido pelos que não são União da Vitória, pois sua tia, ao se deparar com os comentários de inferioridade no local de trabalho fora do União da Vitória, acabou vendendo sua casa no União da Vitória e comprando terreno em outro

bairro para evitar sofrer o preconceito. Entretanto a casa construída no outro bairro, apesar de ser melhor, o postinho, farmácia, escola e mercado são distantes. Maria considera a presença desses recursos de infraestrutura mais importantes, pois evitam você se deslocar por longas distâncias. Conforme Maria, a casa por si só parece não suprir as necessidades básicas da população, sendo necessários recursos auxiliares.

Em conversa com Falcão, Helena, Julia, Gabriela, Tina Turner e Cândida, que são Vista Bela, desvelou-se o preceito geográfico em suas experiências cotidianas ao estarem com seus corpos lançados na interioridade e exterioridade do Vista Bela no plano da horizontalidade e verticalidade de Besse (2014). Por meio da pergunta: “Você já sofreu preconceito por ser Vista Bela”, dialoguei com pessoas que trabalhavam no terceiro setor, pedagoga, estudante do Ensino Médio, aposentada por invalidez, desempregada e graduanda em Artes Visuais com matrícula trancada. Todos os habitantes com os quais conversei, antes de relatarem suas experiências de preconceito geográfico, fizeram uma pausa, nessa pausa inúmeras lembranças vividas percorriam suas mentes, buscavam palavras para se expressar, sentimentos vividos foram evocados e seus olhos ficaram pensativos e distantes. Após alguns segundos, começaram a falar. Muitos disseram que esse preconceito, em seu cotidiano, é frequente em diferentes intensidades.

Em seu cotidiano como ativista de favela, Falcão considera comum, porém não normal, o preconceito geográfico, pois ele diz que seu estereótipo, discurso e vestimenta expressam seu ser da favela, pessoa da quebrada, e isso gera olhares e julgamentos. E, quanto ao racismo, se você for branco, mas pobre, você é considerado preto no modo como as pessoas se relacionam com você. Falcão já ouviu falas como: “eu sou luz nessas vidas apagadas”. Essa fala reflete a posição de superioridade em relação aos habitantes do Vista Bela, enquanto pessoas sem vida, sem humanidade, sem civilidade, sem esperança, sem perspectivas de futuro e largadas à própria sorte. Fala herdada da colonização baseada no argumento de levar civilização para os povos não civilizados, sem alma. Um Vista Bela sem vida, sem dignidade. Esse preconceito permeia o imaginário das pessoas e são expressos, mas, quando alguém os contesta, eles dizem que não foi a intenção, entretanto foi dito. Outra fala que Falcão ouviu foi “e lá onde você mora tem mais pessoas assim como você? Como eu posso dizer... hã...exóticas?” A palavra exótica remete ao que é esquisito, excêntrico, que não é nativo. E, no contexto da frase, foi para se referir à raça negra de maneira inferiorizada, animalesca. Falcão, ao de separar com esses e outros discursos

preconceituosos, contra argumenta, resiste e permanece na luta enquanto mulher preta da quebrada Vista Bela.

Em conversa com Helena, ela declara que, quando revela habitar e ser habitada pelo Vista Bela, os não habitantes encaram-na como “se morasse em outro planeta”, ou seja, algo diferente, fora do comum, anormal. Além disso, relatou o caso de preconceito geográfico em que a pessoa não percebeu estar cometendo ao considerar que ela saberia falar sobre a violência apenas por habitar o Vista Bela considerado violento como se a violência estivesse proliferada em todos os seus cantos. Helena declara que “o bairro é muito grande, tem muitos moradores”. Essa generalização é um equívoco. Preconceito sentido também na postura da polícia quando, numa postura de abertura, tentou estabelecer diálogo com eles, mas se esbarrou numa barreira imposta. A barreira do fechamento ao diálogo, de não estar face a face com o outro, impedindo de desenvolver a sensação de segurança. Helena se sente insegura com a polícia e mais respeitada pelos traficantes, pois sabem que ela é trabalhadora, conhecem os habitantes e zelam por uma convivência harmônica, sem conflitos, para evitar a presença da polícia.

Essas posturas de julgamento, inferiorização, rotulação negativa projetada pelos não habitantes em direção ao Vista Bela nutrem o sentimento de vergonha nos habitantes diante do lugar que habitam e estabelecem relações profundas no cotidiano. No entanto, os habitantes com os quais conversei declararam resignificar essa sentimento de vergonha como o caso de Julia que deixou de ter vergonha e omitir sua origem.

Até hoje. Antes eu tinha um pouquinho de vergonha de falar porque eu sabia que esse preconceito ia sair logo em seguida depois da minha frase, mas hoje não, hoje eu falo ‘tá, mas e aí?’ Eu tenho mais coragem de debater. Julia

Vergonha despertada devido à reação dos não habitantes de julgaram ao revelar onde habitava, quem ela é. Julia relata que os não habitantes esperam um tipo de comportamento e estética daqueles que são Vista Bela, demonstrando que o preconceito geográfico também se refere ao estilo de vida. Esse imaginário permeia inclusive seu círculo de amigos, não habitantes do Vista Bela, que tecem seu casulo protetor, mas ficaram surpresos quando ela revelou o bairro que habita e a constitui.

Esse preconceito geográfico também está presente no círculo de amigos de Gabriela, nos momentos que ela precisou solicitar, na loja, a entrega de uma mercadoria e ao pedir um Uber. Se os amigos podem ajudar tecer o casulo protetor,

parte desse casulo fica fragilizado quando os amigos demonstram negação em se lançar na interioridade do Vista Bela, não aceitando este elemento que constitui Gabriela. O questionamento de perigo feito pela loja, quando Gabriela solicita a entrega de uma mercadoria, demonstra o receio de se adentrarem no Vista Bela, no desconhecido, muitas vezes, resumido em violência. Gabriela reconhece a ambiguidade de habitantes, não generaliza, pondera relatando que, apesar de haver alguns casos de violência, há trabalhadores e respeito. Gabriela revela que, quando mudou para o Vista Bela, não gostava de habitá-lo, mas está pegando o jeito e gostando, porque sua casa está lá. Sua casa enquanto centro de afeto máximo dentro do Vista Bela, de intimidade e aconchego.

Os moradores aqui nunca mexeram com a gente não, é super tranquilo. Agora eu gosto de morar aqui, mas no começo eu não gostava, eu achava estranho 'nossa que coisa estranha', mas agora tô me acostumando porque é minha casa tô pegando o jeito aqui, tô gostando.  
Gabriela

Semelhante ao caso de Gabriela, Turner desvela a dificuldade de acesso a alguns serviços como, por exemplo, o gesso, a marmoraria e entrega de lanche. O medo das pessoas irem ao Vista Bela. Anunciam que fazem entrega em toda Londrina, mas se negam a ir ao Vista Bela, ou seja, negam uma parte de Londrina. Turner mencionou a facilidade de acesso ao Uber por sempre usar o aplicativo, mas ressalta que, dependendo “da hora e da rua”, eles consideram “área de risco”, em outras palavras, área com possibilidade de assalto, mortes e agressão ao corpo – Vista Bela permeado por violências.

Esse preconceito geográfico afeta Cândida desde a infância, antes de habitar o Vista Bela, gerando nela o preconceito. Preconceito enfrentado no ambiente escolar e mantido ao frequentar o cursinho da UEL. A não aceitação para si do Vista Bela que habita, que constituía seu ser e que era constituído por ela, motivava Cândida a pegar outras linhas de ônibus para não ser vista chegando na UEL no ônibus que se ligava diretamente ao Vista Bela. Esse desvio demandava mais tempo e cansaço. Um preconceito em relação a si própria que ela considerava até maior do que o preconceito das outras pessoas. Ao ingressar na UEL como estudante de Artes Visuais e entender a importância de aceitar de onde viemos, ela conseguiu desconstruir esse preconceito geográfico, entretanto ela ainda se depara com o preconceito destilado pelos não habitantes, como, por exemplo, quando precisa utilizar o Uber. A negação dos Ubers, ao irem até o Vista Bela, impediu que Cândida

e seus familiares compartilhassem a última ceia de Natal junto ao seu padrasto que estava com câncer terminal. O Uber negar ir ao Vista Bela teve, como reflexo, a ausência de um momento especialmente esperado pela sua família, pois todos haviam passado o dia preparando as comidas, mas quando chegou à noite, o motorista se negou ir ao Vista Bela. Um momento imaginado, memórias de como poderia ser, porém não foi vivenciado.

Os relatos dos habitantes desvelam que todos já experienciaram o preconceito geográfico em diferentes situações. O preconceito se manifestou, ao estarem em contato com pessoas que não são o União da Vitória e Vista Bela, e por serem negros. Esses não habitantes tinham olhares, falas e gestos num sentido de inferiorizar aqueles que habitam e são o União da Vitória e Vista Bela, e, ao estarem face a face, se deparavam com o indesejado, negado, considerado inferior.

O União, o Vista Bela e a raça, tem força na composição da identidade das pessoas, pois, mesmo algumas tendo cursado o Ensino Superior, pós-graduação e ter sua própria empresa, quando falam o bairro que os constitui, o bairro e a raça ofuscam todas as outras características da pessoa, pois o imaginário do União da Vitória e Vista Bela, como violento, é resgatado, e o olhar de desconfiança é lançado. Onde habitam ofusca as qualificações profissionais, relações amorosas, amizades e venda de imóveis quando começa a haver contato com os não habitantes. Habitar o União da Vitória e Vista Bela dificulta solicitar alguns serviços como gesso, marmoraria, Uber, entregas de loja e lanches. O estranhamento, fechamento e negação diante do União da Vitória e Vista Bela. União da Vitória e Vista Bela constituídos por grandes quantidades de pessoas negras conforme demonstrado na figura 4.

Para muitos habitantes, a escola foi o lugar onde começaram sofrer o preconceito geográfico, um constrangimento por habitar e serem o União da Vitória e o Vista Bela. Para muitos, essa primeira experiência levou a negação do lugar, omitindo o lugar onde habitavam, utilizando endereços de amigos e familiares que habitavam em outros bairros, usando outras linhas de ônibus que não permitisse as pessoas verem suas origens. Preconceito lançado sobre os habitantes e reproduzidos por eles em relação a si próprios, auto anulação de parte de si. No entanto, os habitantes que antes sentiam vergonha de falar onde habitam ressignificaram essa relação consigo e com o bairro, deixando de ter vergonha e contra argumentando falas preconceituosas de alguns não habitantes, pois relataram que, apesar de o

preconceito com o União da Vitória e Vista Bela ter diminuído, ele ainda acontece.

Essa vergonha também foi tecida em mim diante do São Marcos que habito e me constitui durante a adolescência ao frequentar a escola. No São Marcos, até 2008, não tinha asfalto, as ruas eram de terra e subíamos a vertente a pé para chegar até a escola. Nos dias secos, na hora de ir à escola, caminhávamos pela vertente como quem pisa em ovos para evitar que a poeira cobrisse nossos pés, mas era uma missão quase impossível. Era evidente a poeira presente nos tênis, principalmente se fossem brancos. Nos dias chuvosos, subíamos a vertente com sacolinha no pé e caminhando com vagar, equilibrando-se no barro para não sujar o tênis de barro. Uma missão também quase impossível. As marcas de poeira ou barro, em nossos pés, nos tornavam alvos de apelidos dos outros adolescentes que não habitavam o São Marcos. Erámos chamados de “pé de Toddy”. Preconceito semelhante àqueles que são União da Vitória ao serem chamados de “sem-terra” quando, no passado, caminhavam com os tênis empoeirados ou cheios de barro. A vergonha e sensação de inferioridade foi tecida em mim e perdurou até a universidade. Lembro de participar de alguns churrascos e, na hora de voltar de carona, pedir para me deixarem em uma rua próxima ao São Marcos ou em um bairro vizinho, mas não dentro do São Marcos em frente à minha casa. Influenciado pelas experiências da escola, a sensação era que, se entrassem no São Marcos, estariam entrando dentro de mim, conhecendo uma parte de mim oculta e, assim como a posição dos adolescentes da época da escola, os meus novos amigos também me negariam, fariam piadas ou lançariam olhares me inferiorizando. Entretanto lembro do dia que permiti que entrassem no São Marcos e deixassem-me em frente à minha casa. Eu estava um pouco ansioso e atento aos seus olhares e falas tentando identificar um julgamento, mas nada disso ocorreu. Meus amigos, estudantes de Geografia, sabiam os motivos que levaram o São Marcos ser o que é, não julgaram, retornaram inúmeras outras vezes ao São Marcos para conversarmos, comer pastel, beber cerveja e jogar sinuca. O preconceito geográfico da época escolar me afetou profundamente ao ponto de eu me tornar um grande preconceituoso em relação ao São Marcos, a parte de mim, fechando-me, imaginando posturas de julgamento. No entanto, por meio da universidade, pude conhecer melhor os motivos que influenciam meu São Marcos ser como ele é, aceitá-lo e ressignificar minhas relações. Uma introjeção junto ao São Marcos permeada de tensões e acolhimentos. Hoje afirmo que o São Marcos é o meu lugar no mundo, grande centro de aconchego e significado que atravessa minhas experiências desde



a infância.

O preconceito por habitar o União da Vitória e Vista Bela e o preconceito por ser negro. O homem, ao constituir e ser constituído pela paisagem que experiência por via dos sentidos, é delineado por uma circunstancialidade que se diferencia de outras paisagens que podem ser entendidas como estranhas, perigosas e ameaçadoras. Espaço geográfico estruturado em centro e periferia com valores decrescendo para a periferia. Isto é, o mundo percebido como o “self”, centro, estruturação egocêntrica que ordena o mundo, dotando de menor valor o que está longe do seu “self”. Se a memória urbana da origem de Londrina remete ao colonizador europeu, e, na atualidade, brancos que ocupam em maior parte a área central e Gleba Palhano com seus respectivos cartões postais, as periferias, pobres, pretas, são dotadas de menor valor devido à sua circunstancialidade. A aceitação do outro, do União da Vitória e Vista Bela requer aceitá-los em sua circunstancialidade e não o seu pagamento para tentar torná-los semelhantes às demais áreas da cidade, porque não são. As narrativas de experiência do preconceito geográfico, por serem União da Vitória e Vista Bela, lembram Sassi; Nabozny; Chagas (2021) ao escreverem que nossos corpos estão imersos na cultura e tem fronteiras permeáveis, sendo privados e públicos, sítios de dor e prazer, discursivos, dominadores e dominados por outros corpos ao estarem no mundo, podendo expandir-se ou retraindo-se.

Algumas paisagens são consideradas estranhas, diferentes, não são descritas com precisão, mas brevemente uma série de afirmações que as definem previamente e definitivamente antes da busca pelo conhecimento. Definições e descrições prévias sobre outras paisagens que não advém da experiência, das tonalidades afetivas, das possibilidades de abertura e do conhecimento, mas da hostilidade, distância, verticalidade e negação do outro que é diferente.

A rotina diária pode condicionar nosso acesso a lugares específicos da cidade normalmente ligados à rota casa, trabalho, estudos e lazer. Poucos lugares experienciados diretamente frente à gama de possibilidades desconhecidas. A ausência de experiência direta, interioridade (BESSE, 2014), em alguns lugares podem promover o descolamento da geograficidade e historicidade, intensificando a insegurança ontológica e estranhamento (DARDEL, 2015) diante do desconhecido. As pessoas usam sistemas de valores e significado, produzindo mecanismos de identificação, de acordo com Marandola Jr (2008, p. 45): “o reconhecimento do eu por ele mesmo e pelos outros está atrelado a um lugar, e assim permanece sempre que

for nominado, implícito ou explícito”.

Hoffman (2017) apresenta três tipos de estigma: as deformidades físicas do corpo, a culpa de caráter individual (desonestidade, crenças falsas e rígidas, prisão, alcoolismo, desemprego, homossexualidade, comportamento político radical, entre outros) e os estigmas tribais em termos de nação, raça e religião (que podem ser transmitido por linhagem afetando igualmente todos os seus membros). No caso daqueles que são Vista Bela e União da Vitória, o estigma sobre eles está baseado na culpa de caráter individual, ou seja, pessoas desonestas que agem fora da lei e podem agredir o corpo alheio.

Sobre o estigma tribal, se reduzirmos a escala da nação para a escala do União da Vitória e Vista Bela, observa-se o mesmo processo de propagação, afetação, ou seja, quando a criminalidade se manifesta nesses bairros, ele inteiro é considerado violento, um risco para a vida humana, segundo o olhar dos não habitantes. Bairros que também concentram boa parte dos negros londrinenses. Olhares dos não habitantes, muitas vezes, baseados nos olhares das mídias e no intimismo, supõem o que o outro é, tornando a pessoa o lugar que ela vive, conforme Marandola Jr (2012). Entretanto há divergências entre o imaginado e o vivido, a verticalidade – afastada - e a horizontalidade – no interior.

A ausência de horizontalidade permite o surgimento da infâmia ou má reputação, que também tem como função o controle social. Má reputação construída por meio da ausência da horizontalidade e seleção de fatos – negativos – sobre o lugar, tecendo um retrato geral surgindo o preconceito, afastando e negando-o.

Apesar das impressões externas sobre o União da Vitória e Vista Bela, o experienciar a paisagem é uma janela de possibilidades e movimentos (DARDEL, 2015) que vão além de elementos generalizados, de estigmas gerados. Estigmas pautados em informações sobre o outro, mas que não expressam a tonalidade afetiva da experiência direta.

O entendimento de estigma proposto por Goffman lembra a imaginação subjetiva de Wright (2014), dominada por emoções, como amor e medo, preconceitos, favoritismo, cobiça e predisposição que podem influenciar o imaginário gerando concepções enganosas e ilusórias em decorrência daquilo que a pessoa gostaria que fosse conveniente, podendo estar para além da verdade em si, e a subjetividade realista (que remete a algo como realmente é, semelhante para a maioria da população) pode tornar-se subjetividade ilusória – concepções irreais e fictícias.

Apesar de muitos fatos particulares sobre uma paisagem ser verdadeiro para outros que não a habitam, a complexidade do experienciar a paisagem não é igual a nenhuma outra, diferenciando-se por sua circunstancialidade.

A paisagem do União da Vitória e do Vista Bela, representada aos que não habitam, velam diversos outros aspectos ontológicos existenciais. Paisagens representadas como fonte de violências aos olhos do expectador que está no exterior e sente medo de ter a integridade de seu corpo agredida em uma briga, tiro ou roubo. Paisagem percebida, pensada, fabricada e vendida (de fato e em imagem) em prol desta definição, sendo representada e influenciando o desenvolvimento de culturas visuais (BESSE, 2014).

Por este motivo, nesse capítulo, buscamos entender o preconceito geográfico por meio dos argumentos dos não habitantes e dos que constituem e são o União da Vitória e Vista Bela, pois, de acordo com Nabozny (2011), as palavras determinam nosso pensamento, dão ou não sentido ao que nos acontece e ao que nos passa. O modo como nos colocamos e reagimos diante dos outros, de nós mesmos e do mundo está relacionado às palavras como diz Larrosa (2019): “o homem é um vivente com palavra, [...] é enquanto palavra, se dá em palavra, está tecido em palavra”. Palavras, memória urbana que lembra do homem branco, mas não da importância do homem negro.

Utilizamos as palavras para diversas coisas, para impor, proibir, inventar, jogar, transformar, criticar, cuidar, entre outras possibilidades. Com as palavras, nomeamos o que sentimos, percebemos, pensamos, fazemos e somos. A informação não é experiência, pois a experiência é cada vez mais rara pelo excesso de informação. Após a informação, vem a opinião, e ambas anulam nossa possibilidade de experiência, pois, quando ocupam todo o espaço do acontecer, o sujeito individual torna-se suporte informado da opinião individual, e o sujeito coletivo transforma-se em suporte da opinião pública, “[...] sujeito fabricado e manipulado pelos aparatos da informação e opinião [...]” (LARROSA, 2019).

A abordagem da mídia é um sintoma, tentativa de estabelecer e manter hegemonias de discursos e intensões. No caso de Londrina, a memória urbana não considera a participação dos negros, omite-os em detrimento da ideia de colonização inglesa. Há o compartilhamento de valores comunicados por meio de códigos e da linguagem acerca da paisagem (NABOZNY, 2011) no plano da verticalidade (BESSE, 2014). São frequentes os programas policiais televisivos focarem principalmente na

periferia pobre em contraste com as propagandas de condomínios residenciais que oferecem segurança. As paisagens periféricas pobres são representadas enquanto fontes do que há de ruim na cidade. Entratanto, como já comentamos anteriormente, são casos isolados, descontextualizados em termos espaciais, temporais e socioeconômicos. E o medo de determinados lugares, algumas vezes, pode implicar medo dos habitantes e vice-versa. (TUAN, 2005).

Convidamos, para no próximo capítulo, lançarmo-nos, por meio das narrativas daqueles que são União da Vitória e Vista Bela, para conhecermos a pluralidade de experiências que permeiam essas duas paisagens.

### 3.2 LANÇANDO-SE DO UNIÃO DA VITÓRIA

Na periferia pobre, não há imagem de satélite que dê conta de mapear sua intensa dinâmica, onde se mora, joga baralho nos finais de semana, bebe no bar, entre outras atividades (NABOZNY, 2011). Apenas ver não envolve profundamente nossas emoções, pois é por meio da experiência polissensorial que as pessoas introjetam as tonalidades afetivas e conhecimentos da paisagem ao serem constituídas e constituírem-na. O imaginário do visitante, não habitante, se reduz aos olhos e ouvidos, a composição de quadros, estética, homogênea e facilmente enunciada, que se dicotomiza dos conhecimentos advindos do experienciar a paisagem. Experienciar o União da Vitória abre quais possibilidades? Como a experiência em relação à violência se manifesta no cotidiano do União da Vitória? Como entendem a paisagem que habitam e os constituem? Essas indagações propõem um tensionamento entre representação da mídia *versus* experiência direta polissensorial, paisagem do medo permeada pela violência *versus* casulos protetores. Como os habitantes dão sentido às suas experiências no tensionamento entre discursos postos pelos olhares de fora e a experiência vivida? Como ressignificar os discursos? Quais caminhos são possíveis?

A experiência ou conhecimento da experiência pode ser direta e íntima ou indireta e conceitual, mediada por símbolos, e ambas influenciam os conhecimentos e construções da realidade (TUAN, 2013).

Para Marandola Jr (2020), Tuan entende a experiência como voltada para o

mundo exterior, aquilo que nos acomete no sentido de passividade. Baseado nesses argumentos, é possível considerar as reportagens, com suas manchetes e conteúdos, uma propiciadora de experiências indiretas e conceituais, paisagem representada, que podem alimentar o imaginário das pessoas, despertando emoções, sensações de insegurança, emoções que dão colorido a experiência humana.

Esperanças e medos da mente permeiam as experiências de sentido comum transcendendo a realidade objetiva, colorindo e dando forma de maneira imaginada, distorcida e ignorante à imagem, comunicando e compartilhando de determinada paisagem. O que sabemos sobre um objeto influencia o modo como ele aparece aos nossos olhos (LOWENTHAL, 1961).

As pessoas diariamente percorrem rotas entre lugares de morada, trabalho, estudo e lazer, mas que, no geral, possuem as mesmas características socioeconômicas, sem discrepâncias bruscas. A maioria dos habitantes da cidade experienciam poucas paisagens. Diferentes profissões possibilitam diferentes experiências, contatos e circulação pela paisagens da cidade (TUAN, 2012).

Ao mesmo tempo, a paisagem tem papel central nas experiências polissensoriais participando da construção de nossa identidade ao mesmo tempo que emprestamos para ela nossa identidade. No entanto, como alcançar a polissensorialidade da paisagem? Para este alcance, é importante a experiência da exposição, pois a experiência da paisagem é se expor, expor seu corpo à luz, temperatura, odores, qualidade do ar, entre outros aspectos (BESSE, 2014).

De acordo com Larrosa (2019), a experiência é o que nos toca, acontece-nos, passa-nos, e não o que toca, acontece e se passa. O sujeito moderno informado e que opina é um consumidor voraz e insaciável de notícias. Tudo o choca, excita, atravessa, mas nada lhe acontece, assim, a ausência de silêncio e memória são inimigas mortais da experiência. Experimentar requer que algo nos toque ou nos aconteça. Necessita que paremos para suspender a opinião e automação da ação, demorar-se nos detalhes, sentir mais devagar, escutar os outros, abrir os olhos e os ouvidos, cultivar a atenção e delicadeza, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

Nas experiências paisagísticas, o corpo ocupa lugar central, pois o corpo sensível é sentido, vivo, receptáculo dos afetos e espacialidades afetivas, mergulhado nas experiências paisagísticas polissensoriais. Por meio do corpo-vivo-existencial, o homem se lança no mundo (MARANDOLA JR, 2014) e em direção ao outro, experienciando-o. O corpo é repellido e atraído em relação ao que lhe causa repulsa

ou agrado e, por meio de seus intermédios, imagina paisagens, lugares e espaços. É o corpo, com seus órgãos sensitivos, sendo e estando mergulhado na paisagem, que constrói toda a experiência humana. Dos sentidos e de sua significação, somados à cultura e ao ambiente, é que criamos lugares, paisagens e imagens mentais (TUAN, 2013).

A paisagem é como território de passagem, superfície sensível afetada de algum modo por aquilo que acontece, os acontecimentos. Experienciar a paisagem envolve passividade, receptividade, disponibilidade, abertura e exposição envolvendo vulnerabilidades e riscos. O sujeito da experiência é passivo, receptivo, disponível, aberto e exposto envolvendo vulnerabilidades e riscos. Se não há exposição, nada lhe passa, acontece-lhe, toca-lhe e ameaça-o, nada acontece, pois é incapaz de experiência. Experiência envolve encontro com algo que se experimenta, expondo-se e atravessando um espaço indeterminado e perigoso. (LARROSA, 2019).

Já me lancei algumas vezes no União da Vitória. Já morei lá durante poucos anos de minha infância, mas não me lembro do que vivi, pois eu tinha quatro anos de idade. Tempos depois, aos 14 anos, retornei num sábado à noite junto com um casal de vizinhos que com seus dois filhos, que eram meus amigos, foram visitar alguns parentes. Ao entrar no União da Vitória, por trás dos vidros do carro, observava as ruas iluminadas com bares, lanchonetes e pizzarias, outras ruas estavam mais escuras. Na casa de destino, o clima era de festa, havia música, bebidas, conversas descontraídas, risadas e muitas pessoas. O ambiente era receptivo não apenas na casa, mas também na rua que estava ocupada pelos habitantes que circulavam a pé, de moto, com bebidas na mão e jogavam conversa fora. Essa experiência me mostrou um União da Vitória receptivo, alegre, festivo, diferente do União que eu via sendo representado na televisão.

Na segunda vez que fui ao União da Vitória, foi em 2013, no primeiro trabalho de campo da graduação em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina, intitulado “Conheça Londrina”. Um trabalho de campo da disciplina de Introdução do Pensamento Geográfico. Dessa vez não era noite, estava claro, era um domingo à tarde, estávamos dentro do ônibus, e meus olhos puderam abarcar outros ângulos e mais Uniões, diferente de quando eu visitei pela primeira vez com meus vizinhos e amigos num sábado à noite. Recordo-me de quando o ônibus começou descer uma rua no ponto mais alto do União da Vitória e de lá, por trás da janela, avistei áreas de ocupação irregular lá em baixo: casas de madeira e inúmeras casas sem reboco numa

área sem calçada ou asfalto. O ônibus desceu devagar. E agora, na base da vertente, avistamos algumas pessoas sentadas na frente das casas de madeira, conversando e ouvindo música. A experiência de circularmos pelas áreas mais e menos pobres do União foi estranha, pois lembro que, enquanto o ônibus subia a vertente lentamente com dificuldade e algumas crianças gritavam pelo lado de fora, um amigo disse algo como: “que bizarro, parece que estamos indo ao zoológico”, e a experiência foi estranha, pois não saímos do ônibus, e a sensação era de estar indo a um “zoológico”, protegidos pela lataria do ônibus e olhando pela janela, olhando os diferentes, sem experienciar polissensorialmente. Na primeira vez que fui ao União, eu caminhei com minhas próprias pernas e pés por trechos de uma rua plana, estava de corpo imerso naquele ambiente.

Anos se passaram e o União da Vitória se tornou foco do meu estudo por meio de inquietações que permeavam minha experiência junto ao São Marcos, e que eu percebia permear também aqueles que são o União da Vitória. A violência imaginada divergindo da violência experienciada. O preconceito por habitar, constituir e ser constituído por determinada paisagem.

Nesse momento da pesquisa, ao desvelar as experiências daqueles que habitam o União da Vitória, eu pretendia me lançar novamente, mas agora enquanto pesquisador em formação, entretanto, devido à pandemia da covid-19, não foi possível. Esperei meses na esperança que a pandemia acabasse ou diminuísse significativamente, mas não aconteceu. Fui permeado por frustração. Entretanto optei por promover conversas virtuais via chamada de vídeo no WhasApp e gravá-las no notebook. O contato com os habitantes ocorreu por meio da metodologia da amostra não probabilística da bola de neve (VINUTO, 2014), pois, ao entrar em contato via mensagem no Instagram com uma amiga do curso de Geografia e ex-habitante do União da Vitória, consegui indicação de habitantes que indicaram outros sucessivamente. Ao entrar em contato com essa amiga, lembrei das muitas vezes que pegamos ônibus “904 São Lourenço” juntos, às 23h da noite, para voltar embora da UEL. O ônibus lotado de jovens estudantes, risadas e conversas trocadas. Duas pessoas indicadas não aceitaram participar, pois seus familiares contraíram a covid-19. Consegui conversar com seis habitantes. A conversa teve, como assuntos centrais, a mobilidade a outros lugares da cidade, a experiência de violência, como é viver no União da Vitória e os desejos de melhoria.

Entre março e abril de 2021, voltei para o União, mas dessa vez virtualmente.

Não estava lá de corpo presente, nem dentro de um ônibus, muito menos desloquei meu corpo fisicamente, mas estando face a face virtualmente, de olhos, ouvidos e coração aberto, deixei as narrativas, entonações de voz e expressões faciais entrarem em mim, mergulhei, imaginei e conheci, por meio dos relatos de experiências de Matheus, Carmem, Theo, João, Gabriela e Maria, daqueles que estão com os corpos lançados experienciando, constituindo e sendo constituídos numa introjecção, um União, Uniões, que para mim eram incógnitos, desconhecidos. Deixar a consciência de realidade, imaginário e espaço atravessarem o corpo na mediação pelo “pensamento paisagem”. A percepção do sujeito torna o ambiente uma paisagem, tornando a experiência um horizonte de pensamento e paisagem que, por meio da visão corporificada, escreve sobre o mundo (SASSI; NABOZNY; CHAGAS, 2021). As conversas, baseadas em um roteiro semiestruturado, tiveram, como norte, as indagações: como é para você a locomoção para outros bairros de Londrina? Já sofreu algum tipo de violência no União da Vitória? Como você entende a violência no União da Vitória? Você já sofreu preconceito por ser União da Vitória? Como é viver no União da Vitória? O que você gostaria que mudasse no União da Vitória?

Assim, convido você para juntos conhecermos algumas experiências junto ao União da Vitória. Todos os participantes foram bastante receptivos e interessados em relatar suas experiências. Conversas permeadas por lembranças de experiências vividas, risadas e preocupações diante do presente e do futuro. O ambiente virtual parece mais “frio”, falta a presença física, nesse sentido, em frente à tela do celular que estava sobre minha mesa de estudo com um copo de água e ventilador ao lado, tentei deixar os habitantes confortáveis, disse a eles onde habito e algumas de minhas inquietações internas que motivaram trabalhar o atual dessa pesquisa. Antes de iniciar cada conversa, eu não sabia o que conheceria. As conversas duraram entre 30 minutos e uma hora e meia. Cada conversa foi um desvelar. Cada início de fala com um habitante, eu sentia um pouco de apreensão e curiosidade.

Lançar o corpo para outros bairros de Londrina não é fácil, pois, quando o União da Vitória foi fundado, não havia transporte público, as ruas não eram asfaltadas e, quando chovia, os pés ficavam cheios de terra, despertando olhares preconceituosos nos não habitantes. Atualmente o seu tempo de deslocamento de ônibus até a área central é demorado. Há ausência de ônibus direto ao União da Vitória no período noturno a partir de alguns terminais de integração. Esses empecilhos motivam muitos habitantes a buscarem outros tipos de transporte como, por exemplo, carro particular,



moto e a adesão ao Uber principalmente durante a pandemia de covid-19. O carro, por exemplo, além de acelerar o lançar-se, torna-se uma alternativa para melhorar o acesso ao local de trabalho, estudos, comércio e serviços, principalmente se, próximo do União da Vitória, não houver alguns serviços básicos. A ausência de serviços básicos implica dispor tempo se deslocando para outros bairros.

As experiências cotidianas, ao estarem lançados nas entranhas do União da Vitória, se desvelaram permeadas por acontecimentos de violência, sensação de segurança e insegurança. Houve acordo entre traficantes e comerciantes para acabar com os assaltos e a presença policial. Os assaltos prejudicavam os comerciantes, e os policiais atrapalhavam o tráfico. Se os comerciantes não tivessem dinheiro para pagar escolta dos caminhões, os mercados ficavam sem abastecimento. A presença policial gerava mais violência do que segurança, e, por meio do diálogo, estabeleceram-se condutas entre os habitantes para evitar maiores conflitos.

A violência, especialmente o roubo, diminuiu após o acordo entre comerciantes e traficantes. Entretanto ela permanece, mas apenas no conflito entre facções, ou seja, ela está mais restrita no União. Como a violência está mais presente nas facções, muitos habitantes declararam não sofrerem violência e não consideram o União violento, mas que outros habitantes ainda consideram áreas específicas, como o União IV e as invasões um pouco violentas, sim.

É desvelado que não é uma questão de o União da Vitória ser ou não violento, mas que a presença ou ausência de violência está ligada ao cumprimento de regras básicas entre os habitantes para manter a harmonia. Essas regras, no geral, consistem em não intervir na vida alheia, no respeito, pois, se essas regras são quebradas, a violência pode se manifestar na experiência da pessoa junto ao União da Vitória.

O tráfico, à noite, está circunscrito aos pontos mais escuros do União da Vitória, sem iluminação. Por esse motivo, alguns habitantes buscam caminhar por lugares iluminados onde se sentem mais seguros. A iluminação e escuridão coexistem, assim como a violência e a segurança, sendo, para alguns, a casa e os pontos iluminados os centros máximos de segurança no União.

Entre os habitantes do União, há respeito, o trabalhador é respeitado, mas a violência existe. Existe por causa da droga, do álcool e vários fatores. Entretanto com trabalhador ninguém mexe. No União, não se ouve falar de roubo de residência. Você vê, às vezes ouve falar de briga ou de morte, mas, quando acontece, é justamente

cultivado pelo tráfico de drogas. Em algumas ruas do União da Vitória, é fácil encontrar pessoas consumindo drogas, mas, ao mesmo tempo, há segurança, os usuários respeitam os demais habitantes, pois os comerciantes podem deixar a porta de seus estabelecimentos aberta e ninguém levará nada. O roubo não é uma preocupação no dia a dia, pois os bandidos grandes protegem os habitantes, orientando para que não haja conflitos entre eles e consequentemente evitar a ida da polícia ao União. Em contrapartida, apesar de haver esse combinado, rede de proteção, Maria, sentada no sofá de sua casa, segurando o celular em suas mãos enquanto seu filho brincava ao lado, mas sem aparecer na videochamada e com um sorriso tímido, menciona a prática da justiça baseada em agressões físicas, ameaça e morte em via pública quando algum habitante descumpre o acordado. A ameaça de violência enquanto recurso para diminuir as violências que despertam atenção da polícia.

O União da Vitória, antes conhecido como sem-terra (devido à ausência do Estado em asfaltar), no final dos anos 1990 e começo dos anos 2000, tornou-se conhecido pela violência. Mudou o tipo de preconceito, mas o preconceito em si continuou. No entanto, alguns habitantes ressignificaram suas experiências junto ao União da Vitória.

Por meio do conhecimento da história do União, hoje João afirma em tom firme e alegre ter “orgulho” e “eu sou cria do União da Vitória”. “Orgulho”, ou seja, prazer, satisfação, honra em habitar e ser constituído pelo União. “Cria”, isto é, de ser constituído pelo União numa ligação profunda, existencial. União da Vitória que permeia suas experiências em diferentes fases da vida, da infância até à fase adulta, tornando-o paisagem pensada por Dardel (2015) enquanto convergência, ligação interna e movimento vivido. Alguns habitantes consideram o União um dos melhores lugares para se morar, pois possui tudo: mercado, farmácia, posto de saúde e escola.

A relação de afeto, segurança e orgulho de onde habitam foi decorrente do ato de conhecerem a história do próprio União, de parte de si. A jovem e simpática estudante universitária Gabriela, após conhecer a história do União por meio de um projeto na época da escola, hoje se sente mais segura dentro do União do que fora quando tem que esperar o ônibus sozinha à noite em outro bairro.

Durante a pandemia, muitos habitantes perderam seus empregos, igrejas fecharam e, no ano passado, começaram a receber cestas básicas, mas, em 2021, nem cesta básica obtiveram. Em um ambiente escuro e com uma voz grossa, Matheus se demonstra insatisfeito e revoltado, pois disse que os habitantes não querem cesta

básica, mas os habitantes querem poder trabalhar e ter seu próprio dinheiro. Apesar das dificuldades socioeconômicas, os habitares se ajudam, pois há amor e fé. Há empatia. Os habitantes se colocam no lugar do outro, há sensibilidade, e por meio dela tecem uma relação de proteção, um casulo protetor.

Desenvolver afeição pelo bairro que habita e se deixar habitar envolve tempo. Alguns habitantes, ao chegarem no União quando eram crianças, choravam, achavam o lugar horrível e não gostavam de lá. Habitavam um barraco de lona, depois um cômodo de madeira, falta de luz e água, uso de candeeiro de vela, filas para conseguir usar a água da mina e uso de fossa para realizar as necessidades biológicas eram as práticas desempenhadas neste ambiente. Entretanto, com o passar do tempo, foram conhecendo as pessoas, a dinâmica cotidiana e se sentindo seguras. Choro enquanto expressão da emoção da tristeza, infelicidade, decepção e sofrimento. Hoje se sentem seguros e muitos preferem continuar no União onde conhecem todo mundo, ou seja, os vínculos afetivos que possuem com os habitantes são fortes, pois formam o seu casulo protetor e permitem pensar em Tuan (2013) ao considerar que o sentido de lugar não se adquire de passagem, mas demanda tempo, residência profunda para construir relações de afeto vivendo o lugar. Há habitantes que habitam o União da Vitória há décadas, desde seu nascimento ou infância e por conhecerem todo mundo, haver pessoas alegres, simples e que conversam, se sentem seguros, tranquilos, protegidos, sentindo-se bem. A conversa, enquanto caminho para conhecer o outro, deixando se ser um estranho e tornando-se um conhecido.

No entanto, Theo, na cozinha de sua casa, enquanto em alguns momentos a voz de uma criança ecoava ao fundo, declarou não gostar de habitar muito o União e que, se tivesse condições financeiras suficientes, mudaria para o Cincão. O maior motivo de sua insatisfação é a ausência de comércio no União da Vitória, como, por exemplo, bares e lanchonetes, e por ficar distante de seus amigos que moram no Cincão.

Eu vou falar bem a real pra você, eu não gosto muito de morar aqui. Eu acho que a zona sul aqui é uma área bem desvalorizada. Igual no União da Vitória, você não tem uma lanchonete, você não tem um barzinho, alguma coisa de lanche, o que mais tem aqui é cabelereiro e igreja, em cada esquina tem um cabelereiro. Então pra mim, pela minha casa, minha casa é um casa de esquina, é uma casa grande, e eu posso falar da minha casa, mas no meu bairro eu não gosto de morar não. Mas a gente não tem muito opção, a gente trabalha e ganha pouco, a gente não tem condições de comprar casa, nem de alugar uma casa. Eu mesmo queria morar lá no Cincão, lá perto do Maria Cecília. A maioria dos meus amigos são de lá. Mas a questão da infraestrutura do bairro

melhorou bastante, a gente foi acompanhando o processo de asfalto, de rede de esgoto, melhorou bastante, é um bairro bom de se morar.  
Theo

Na experiência de Theo estar distante dos seus amigos, dos lugares de lazer e a presença do tráfico fragilizam a construção de pertencimento ao União da Vitória. Entretanto, ele diz gostar da sua casa, seu lugar de aconchego, mas não do União. Em Theo o sentimento de pertencimento está restrito a casa. Para ele deveria haver mais policiamento e o fim do tráfico. Se isso ocorrer sua insatisfação com o União diminuiria.

Ao conversar com outro habitante desvelou-se uma visão negativa em relação aquilo que tece o seu casulo protetor, isto é, a desintegração da família (casamentos que não dão certos e filhos sem figuras de autoridade ao longo do dia quando os pais saem para trabalhar), espiritualidade, amor, poder aquisitivo.

Outros habitantes possuem conexão profunda, de abertura com o União. Adoram habitar o União da Vitória e conversar com os vizinhos. Construção de afeto que não está circunscrita apenas a casa. Inspirados, consideram a rua, como por exemplo, a rua dos pretos, uma das mais segura devido à grande quantidade de habitantes negros. Ao mesmo tempo, reconhecem que a segurança entre as ruas não é homogênea, mas variam em intensidade. Alguns habitantes não se veem longe do União, parte de si, daquilo que o constituem, chamado por eles de “casa”.

O União da Vitória sendo nominado de “casa”, expressa profunda relação afetiva de pertencimento, proteção. Vínculo profundo que motiva alguns habitantes reformarem suas casas (apesar de serem vistas com um valor mercadológico baixo comparado a outros bairros) permitindo espaciosidade (TUAN, 2013) e desenvolverem ações que melhorem aspectos do União por meio da promoção dos cursos de informática e criar páginas no WhatsApp e Facebook para publicar as opções de estabelecimentos comerciais, vagas de emprego e entretenimento. Alternativas para melhorar a sensação de bem estar no União que é considerado casa.

Lutas, mobilizações, uniões para enfrentar os inúmeros desafios e conquistar vitórias. Algumas ausências preocupam os habitantes, como por exemplo, a falta de projetos sociais que incluam as crianças no tempo que estão fora da escola, pois ao estarem soltas na rua, aumentam as chances de ingressarem na criminalidade.

Falta mais incentivo para as crianças porque as crianças são o futuro e eles tem muito tempo na rua, isso que gera violência, as crianças não tem muita ocupação,

não tem um projeto social que fica com as crianças o dia inteiro na escola. Então assim, a criança muito na rua acaba fazendo coisa errada porque aprende o que vê no irmão e a droga tá em todo lugar, em todas esquinas aqui, infelizmente, tá em todo lugar. A pessoa que tem a cabeça formada ela desvia, mas a criança não. A criança é fácil de influenciar, e é aí que gera a violência e infelizmente é isso aí. Eu já sofri violência, sim, mas não gostaria de relatar não sobre isso.

Surgiram críticas à ausência de espaços qualitativos de lazer no União e a imposição de praças e academias ao livre em lugares sem iluminação e permeados por mato inibindo o uso dos habitantes. João, indignado, enfatiza ser preciso questionar antes a população e a prefeitura promover cultura aproveitando o talento de artistas que constituem o União da Vitória, como por exemplo, o beatbox, capoeira e baile funk. O União tem cultura, mas falta incentivo, falta ouvir os habitantes, falta conhecer. Para Gabriela é preciso ampliar capacidade de atendimento do posto de saúde, pois ele também atende bairros vizinhos e as vezes fica apinhado de pessoas. E Maria detalha que são necessários serviços de prevenção a gravidez, doenças e economia familiar para diminuir a gravidez na adolescência.

No atual contexto de pandemia foi criticado a postura governamental, pois o governo decreta lockdown, mas não dá assistência a população.

O governo quer manipular as pessoas, por exemplo, se tivessem oferecido aí no lockdown de fechar tudo tivesse oferecido mais ocupação pra pessoa ou falar assim 'oh, você vai ficar em casa, mas você vai ter um alimento, vai ter um celular bom pra ensinar seu filho, você não vai pagar água e luz, você não vai pagar imposto, a gente vai te dar assistência, você vai continuar na sua casa' aí é diferente. Agora, tranca tudo e se vira, a gente vai te dar uma cesta básica, auxílio tantos meses, se você paga aluguel se vira, auxílio de 600 reais e o cara tem 500 de aluguel, o que ele vai comer? O governo só manipula o ser humano, principalmente as classes menos favorecidas pra dominar, pros caras não reivindicar os direitos deles. Infelizmente é assim. Matheus

As aulas ficam online, mas as crianças não têm celular ou tablete. As crianças sem estrutura para estudar, não vão ficar presas dentro de um cômodo, elas lançam seus corpos para a rua, estando vulneráveis a Covid-19. O governo fornece o auxílio emergencial, mas as famílias têm que pagar água, luz, aluguel, tornando o valor insuficiente. Viver em época de pandemia é uma experiência ainda mais desafiadora para aqueles que estão expostos, sem uma rede de proteção, intensificando a sensação de insegurança.

Por meio da conversa com os habitantes do União da Vitória foi desvelada a

singularidade das experiências de cada habitante, e ao mesmo tempo, a recorrência de alguns acontecimentos, como por exemplo: a violência que era mais intensa no passado; os habitantes sentem-se seguros e orgulhosos de serem União da Vitória; a sensação de segurança está baseada na ausência de preocupação com roubos, respeito aos trabalhadores, conhecer/dialogar com os vizinhos e a identidade racial sobressai uma rua do União, a rua dos pretos; apesar da sensação de segurança ser forte ao experienciar o União, os habitantes preferem circular pelos lugares mais iluminados, mas se precisar, circulam pelos lugares de menor iluminação; há um código de conduta entre os habitantes, comerciantes e traficantes baseado em não promoverem assaltos entre si e para não atrair a polícia; os habitantes declararam não sofrer violência, exceto alguns casos quando estavam envolvidos na criminalidade, mas no passado; a violência que permeia o União está ligada principalmente ao tráfico de drogas, não é de todos os tipos e em todos os lugares do União como pensam os não habitantes; consideram o posto de saúde bom, mas que deve aumentar o número de médicos para atender a demanda; e a necessidade de projetos educacionais que envolvam as crianças, tirando elas da rua e evitando terem contato com o crime.

Mesmo habitando, sendo o União da Vitória, Matheus, Carmem, Theo, João, Gabriela e Maria experienciam vivências distintas, suas experiências junto ao União são corporificadas, experimentam o espaço, há variedades perspectivas. Conforme Sassi, Nabozny e Chagas (2021), na subjetividade está o que experienciamos do mundo, um mundo próprio que habitamos antes da reflexão, permeado de objetos e significantes não distante ou deslocados de nós.

Há mundos e comunicações entre as pessoas que habitam o União da Vitória, compartilham mundo em comum, mas algumas perspectivas pessoais em relação a determinadas paisagens podem não ser compartilhadas por todos, principalmente quando pensamos na perspectiva de quem está fora. A visão de mundo, que é apenas um quadro parcial centralizado no homem, sobre determinadas paisagens pode mudar coletivamente e individualmente com o tempo enquanto resposta de alterações físicas e intenções humanas, as circunstâncias físicas e biológicas que influenciam e limitam as percepções e sensações humanas. A experiência individual de uma pessoa é apenas mais uma entre outras, mas ela pode imaginar o todo como algo semelhante a sua experiência vivida ou adquirida indiretamente porém diferentes. Imagens que podem ser projetadas pela memória e tecnologia (LOWENTHAL, 1961).

Enquanto conversava com os aqueles que são o União da Vitória, eu

identificava a diversidade de experiências entre os relatos, acontecimentos em comum e divergentes. Experiências que em alguns momentos me fez lembrar as minhas vivências pessoais por ser São Marcos, como por exemplo, durante a infância gostar do lugar que habitava, mas na fase escolar em contato com os de fora, desenvolver a vergonha perante este lugar por meio de discursos propagados por aqueles que não habitavam o São Marcos. E sentir-se seguro no São Marcos que habito e me constitui, segurança baseado em conhecer os demais habitantes e saber que há entre nós relação de respeito. Por meio das experiências do corpo que lançado experienciado polissensorialmente na dimensão da horizontalidade de Besse (2014), é possível conhecer a construção da realidade e quais sentidos, pensamentos e emoções estão envolvidos ao atribuir colorido a experiência humana no cotidiano (TUAN, 2013).

### 3.3 LANÇANDO-SE NO VISTA BELA

A paisagem vivenciada que compõe o ambiente pessoal pode convergir, divergir ou transgredir as crenças, sentimentos, pensamentos e uniformidade de opiniões consensuais sobre ela. Podem ser transformadas ou distorcidas. Há certa correspondência entre a concepção de determinadas paisagens em nossa cabeça e como realmente são enquanto caminho para evitar perigos, ganhar a vida e obter contatos humanos seguros, ou seja, estabelecer e reforçar o(s) casulo(s) protetor(es). Há também similaridade entre os ambientes particulares, pois possibilita a construção de uma visão de mundo comum em partes, uma ajustagem imperfeita (LOWENTHAL, 1961).

Anteriormente meu corpo já esteve lançado ao Vista Bela. A primeira vez foi aos 23 anos ao ser estagiário da Secretaria Municipal do Meio Ambiente. Um dia tivemos que ir ao Posto de Entrega Voluntário do Vista Bela. Chegamos lá de carro em alguma tarde ensolarada no meio da semana. Avistamos o conjunto de prédios padronizados em tamanho e cor bege. Havia poucas pessoas na rua. Descemos até a última rua e nos dirigimos para o Posto de Entrega Voluntário que ficava atrás do condomínio, sendo possível ver as casas, os prédios e ouvir alguns barulhos das casas. Nas ruas próximas do ponto de destino havia grande quantidade de lixo nas ruas. Ao lado do Posto de Entrega Voluntária havia uma mata e um fundo de vale.

Essa foi a primeira vez que fui ao Vista Bela.

A segunda vez foi no final de uma tarde nublada de uma terça-feira em 2019. Circulei pelas ruas, mas dentro de um carro, acompanhado um amigo que precisou entregar um objeto para sua tia. Dessa vez haviam mais pessoas pelas ruas, crianças brincando e outras entrando nos prédios, pois a chuva se aproximava. Passagem rápida pelo Vista Bela.

Na terceira visita eu estava acompanhando um amigo, mestrando em Geografia, que foi fotografar a situação ambiental. Estacionamos o carro em uma rua e caminhamos a pé naquele sábado à tarde de temperatura elevada. O dia estava bem quente, haviam poucas pessoas nas ruas, as janelas dos prédios e casas estavam abertas, e ouvíamos os ruídos de conversa das famílias que habitavam as casas. Ao caminhar pelas ruas, conforme descíamos e nos aproximávamos da área de fundo de vale aparecia cada vez mais lixo, cavalos soltos e ocupações irregulares na mata do fundo de vale. Enquanto caminhávamos, o suor descia pelo rosto, costas e axila. Nossas camisetas ficaram um pouco molhadas. Em alguns trechos acelerávamos o passo para cruzar rápido o cheiro de podre, animal morto, presente no ar. Meu amigo fotografou o que precisava e caminhamos em direção ao carro para voltar embora.

A quarta ida ao Vista Bela estava programada para ocorrer em 2020, em trabalho de campo da presente pesquisa, caminhar pelas ruas e conversar com seus habitantes. Entretanto, a pandemia de Covid impossibilitou esse meu lançar-se. Esperei meses e a saída encontrada, como mencionado no caso do União da Vitória, foi conversar com os habitantes via chamada de vídeo no WhatsApp.

Se baseando na metodologia da bola de neve, a mesma adotada para entrar em contato com os habitantes do União da Vitória, entramos em contato com os habitantes do Vista Bela, para por meio dos relatos de experiências dos habitantes desvelar como a violência, a sensação de segurança, a insegurança e o viver numa introjecção junto ao Vista Bela se manifestam cotidianamente. O primeiro contato ocorreu Instagram com uma ex-aluna habitante do Vista Bela que indicou outros habitantes. Quando estava procurando habitantes do Vista Bela para entrar em contato, ela foi a primeira pessoa que lembrei. Lembro que ela saía da sala de aula e se dirigia até o balcão da secretaria do Curso Especial Pré-Vestibular da UEL para tirar dúvidas e conversar com os professores. Em uma dessas conversas ela disse que habitava o Vista Bela. Algumas pessoas indicadas por ela não quiseram participar



por falta de tempo e outras por estarem tristes ao estarem lidando com a morte de vizinhos vítimas da Covid. Conseguimos conversar com seis habitantes.

Por meio das narrativas de experiência de Falcão, Helena, Julia, Gabriela, Tina Turner e Cândida, buscou-se alcançar o entendimento de Berque (2014) sobre a paisagem ao considera-la possibilidade de abertura, para percorrer e descobrir a experiência sensível envolvendo densidades ontológicas, atividades humanas, a vida e um conjunto de signos que podem ser desvelados com base na relação entre emoção e conhecimento, o conhecimento advindo da experiência daqueles que são o Vista Bela. Como disse Julia “O que você ouviu, deleta, e escuta de novo o que eu vou te falar por que é muito nada ver o que o povo cria do lugar, acham que eu desvio de bala”. O mesmo roteiro semiestruturado usado para nortear as conversas junto aquele que são União da Vitória, foram utilizadas junto aqueles que são Vista Bela. As perguntas centrais foram: como é para você a locomoção para outros bairros de Londrina? Já sofreu algum tipo de violência no Vista Bela? Como você entende a violência no Vista Bela? Você já sofreu preconceito por ser Vista Bela? Como é viver no Vista Bela? O que você gostaria que mudasse no Vista Bela?

Dentre as conversas com os habitantes do União da Vitória e Vista Bela, a primeira aconteceu com Falcão, habitante do Vista Bela, no dia 23 de março de 2021, numa terça-feira às 13 horas. A tarde estava quente e eu estava em meu quarto com um ventilador ligado e um copo de água ao meu lado. Eu suava de calor e de nervoso preocupado para que a conversa fluísse, não fosse algo monótono. Falcão entrou na sala virtual, estava no seu horário de almoço e havia acabado de chegar de outro lugar, estava um pouco ofegante, mas sorridente e simpática. Passaram-se alguns minutos da agitação inicial minha e dela, ficamos mais calmos. De acordo com Sassi, Nabozny e Chagas (2021), o corpo e gestos expressam o que conhecemos do mundo ao experienciá-lo com o corpo, estabelecendo relações com os outros e consigo mesmo. Eu estando face a face, com olhos, ouvidos e coração aberto, minha mente já não estava mais no quarto quente de minha casa, mas caminhando pelo Vista Bela ao olhar o movimento dos lábios e escutar Falcão narrar suas experiências marcadas por afetos e desafetos, estranhamento e desenvolvimento da sensação de pertencimento no processo de reconexão dos habitantes a um novo bairro, ao Vista Bela. Diferente do União em que boa parte dos habitantes com os quais conversei habitavam o Vista Bela desde o seu nascimento ou infância, e os atuais habitantes habitavam outros bairros antes de seu surgimento em 2011.

Agora no novo bairro, os habitantes que outros habitavam outros lugares, apesar de conseguirem a casa própria, se depararam com uma série de desafios, como por exemplo, dificuldade de acesso a outros lugares da cidade. O tempo para lançar seus corpos a outros lugares de Londrina pode ser demorado, principalmente se a pessoa trabalha em diferentes regiões da cidade. Alguns se lançam via ônibus, sobre esse tipo de transporte, destaco a crítica tecida por Falcão ao declarar que a redução do número de ônibus durante a pandemia promove o apinhamento nos poucos ônibus disponíveis. O apinhamento dos corpos que se lançam aumenta a probabilidade de transmissão da Covid-19, agressão ao corpo e até a interrupção da vida. Falando em Covid, no sábado ao conversar com Tina Turner, apesar dela estar receptiva, o seu tom de voz era de tristeza devido ao falecimento de seu vizinho na mesma semana. Em tom de voz mais ameno, Turner disse que durante a pandemia readaptou o tipo de transporte, substituindo o ônibus pelo Uber para evitar o apinhamento junto a outras pessoas e diminuir as chances de contrair a Covid.

No início do Vista Bela, lançar-se a outros lugares era mais difícil e ao mesmo tempo necessário se os habitantes quisessem garantir a manutenção da própria vida, isto é, ter acesso a saúde e educação. Elementos bases de manutenção da vida que influenciam a sensação de segurança, mas que estavam ausentes. Devido à grande quantidade de habitantes é preciso muitos ônibus para que todos possam lançar seus corpos com facilidade. Nos dias que a rotina pesa e o corpo pede um pouco mais de pausa, alguns habitantes, como a caso de Julia, utilizam principalmente o Uber para se lançar a outros lugares, pois o tempo de deslocamento via ônibus é lento, demorando uma hora ou mais. Entretanto, atualmente Gabriela não encontra problemas em utilizar o ônibus em diferentes momentos do dia para acessar outros lugares.

Concentrada e pensativa, com seus fones de ouvido e uma blusa azul da UEL, minha conversa com Cândida foi um reencontro, dessa vez não no balcão do Cursinho da UEL para tirar dúvidas sobre conteúdos para o vestibular, em que na maioria das vezes, ela estava na posição de escuta, aberta para conhecer o que eu explicaria. Nosso reencontro foi virtual num sábado à noite, Cândida, bastante comunicativa, estava dentro de um quarto branco com boa proteção acústica e eu estava na posição de escuta para por meio de suas narrativas conhecer mais um pouco do Vista Bela que se desvela em sua experiência. Em sua experiência desafios são encontrados ao se lançar novamente ao lugar que habita, um tempo demorado, muitas vezes o dia

virava e Cândida ainda estava se lançando rumo à sua casa. Esse lançar-se algumas vezes tornou-se perigoso ao se sentir perseguida. A presença de um outro desconhecido. O lançar-se de Cândida era via ônibus e caminhando, movimentando suas pernas durante a noite pelas ruas e calçadas do Vista Bela. Lançar-se rumo a outros lugares requer transitar por uma rua fragilizada, com risco de desabar, uma “bomba relógio”, um caminho que conecta o bairro a outros lugares, permitindo experienciá-los, mas ao mesmo tempo, caminho que pode simbolizar agressão ao corpo e interrupção da vida.

A ideia de violência é relativa na experiência de Falcão, pois comparado a cidade que habitava, o Rio de Janeiro, o Vista Bela é tranquilo. Em sua experiência a probabilidade do assalto é maior em bairros nobres do que no Vista Bela, onde ela se sente mais segura ao ponto de andar “paguando com o meu celular”, panguando é uma gíria para distraído. Se ela anda panguando, ela anda distraída, tranquila, não preocupada se será ou não assaltada, o seu experienciar ao caminhar pelas ruas do Vista Bela é leve, despreocupado, se sente segura. Tranquilidade ao dormir, deixando as portas do seu aconchego, de sua casa, aberta. Para Falcão o perigo está fora do Vista Bela, inclusive fora do Vista Bela ela já teve seu corpo agredido. Quando Falcão disse o tipo de violência que sofreu eu fiquei sem razão, sem saber o que dizer, dei uma pausa de alguns segundos e delicadamente tentei continuar a conversa, mas observando se Falcão ficaria desconfortável, observei que não estava. Falcão continuou e relatou que no Vista Bela a possibilidade de levar enquadro policial é maior. Enquadramento gerador de tensões. Mas, Falcão não generaliza sua experiência com a polícia, ela destaca que há sensação de segurança em relação a 4ª CRPMR ao promoverem ações de aproximação com os habitantes, promovendo visitas, levando roupas, brinquedos, tirando fotos com as crianças. Uma tentativa de estar face a face com os habitantes, conhecendo. Porém, a tensão surge quando ocorre a circulação da Guarda Municipal

A Guara municipal é mais violenta, agressiva nas periferias. Por meio da experiência de Falcão se desvela que a polícia como um todo não é violenta na mesma intensidade, mas depende da abordagem adotada por cada tipo de polícia.

A postura agressiva de alguns policiais já despertou pânico, ansiedade e revolta em Cândida. Polícia que circula pelas ruas querendo mandar, inibindo as pessoas, as vezes implantando drogas para culpabilizar os habitantes e enquadra principalmente os habitantes negros e/ou com um estilo “largadão”, isto é, aparenta

estar mal arrumada, tem o estilo de rapper, skatista ou funkeiro, mesmo se a pessoa for branca.

Essas diversas intensidades de violência não estão presentes apenas entre os diferentes tipos de polícia, mas no tempo, antes a violência era mais intensa no tráfico e entre os próprios habitantes. Helena afirmou que no início do Vista Bela, os habitantes eram estanhos, a sensação de confiança era inexistente ou frágil. A confiança e sensação de segurança precisava de mais tempo para serem tecidas por meio das experiências cotidianas. Os conflitos mais intensos quando o bairro surgiu eram estampados nos programas de televisão, ampliando a violência para além de como realmente se manifestava no bairro, influenciando a visão dos não habitantes sobre a Vista Bela. Turner não considera mais o Vista Bela como “tão assustador”. O assustador inibe, afasta, provoca estranhamento. E no início, o “assustador” permeava a experiência de boa parte dos habitantes, os habitantes entre si eram desconhecidos, faltava conhecimento dos habitantes entre si e destes junto ao Vista Bela. Foi um processo de se colocar face aos demais habitantes, aqueles que estavam constituindo e sendo constituídos pelo Vista Bela. Ter conhecimento do outro influenciou na queda da violência, do “tão assustador”, apesar da violência ainda estar presente. O Vista Bela enquanto paisagem que permite a mediação entre corpos, corpo-paisagem (SASSI; NABOZNY; CHAGAS, 2021).

O decorrer do tempo permitiu os habitantes se conhecerem e estabelecerem vínculos entre si contribuindo para amenizar os conflitos interpessoais. Helena nunca esteve diretamente envolvida, sofrendo violência. Em sua experiência é comum se deparar pela manhã com um ônibus cheio de trabalhadores e crianças circulando pela rua, dando vida, tecendo o dinamismo.

Turner não considera mais o Vista Bela como “tão assustador”. O assustador inibe, afasta, provoca estranhamento. E no início, o “assustador” permeava a experiência de boa parte dos habitantes, os habitantes entre si eram desconhecidos, faltava conhecimento dos habitantes entre si e destes junto ao bairro. Foi um processo de se colocar face aos demais habitantes, ao bairro, ao Vista Bela. Ter conhecimento do outro influenciou na queda da violência, do “tão assustador”, apesar da violência ainda estar presente. Turner nunca se envolveu em violência no Vista Bela, exceto uma vez, no passado, por uma ausência de respeito à privacidade alheia. Os apartamentos não possuem boa proteção acústica, o barulho de uma casa interfere na outra. O barulho de uma família incomodava a outra. Repetidas vezes o barulho se

repetia, ecoava. Após dias e dias, a briga física entre as duas habitantes se manifestou. Mesmo já tendo se envolvido em agressão Turner considera o Vista Bela bonito e calmo, e que a violência presente não se manifesta em sua totalidade.

Entretanto, Julia com seu cabelo liso, preto e longo descendo na lateral do rosto no qual se abriam sorriso ao longo da conversa, destaca que ainda hoje é utilizada a violência “perder a mão”, agressão a integridade física do corpo para inibir a violência. Isso implica nas diferentes intensidades e formas de poder para promover a segurança. Os com mais poder, inibem os com menos poder. Julia nunca sofreu violência física no Vista Bela, mas já foi agredida verbalmente ao caminhar pela rua devido a rivalidade entre meninas motivada por beleza ou bens materiais. Rivalidade baseada na inveja, naquilo que não possuiu e desejo ter ou ser. A violência impede Julia de circular por todo o bairro,

Tem pontos que são surreais, se você for lá você sabe que você não volta, mas não costumo passar lá não ‘ah, vou desviar por aqui’. Sinto medo e insegurança porque você vai, mas não sabe o que vai acontecer, mas se você for por outros caminhos que você sabe que tem pessoas que você conhece, aí você já fica tranquilo. Julia

A violência é associada a alguns pontos do Vista Bela “surreais, se você for lá sabe que não volta”. O surreal envolve estranhamento e o domínio do imaginário, que leva Julia desviar a rota, não caminhar por algumas ruas, pois acredita que se seu corpo estiver lá, haverá a interrupção de sua vida “você sabe que não volta”. Julia se sente segura nas ruas que estão ocupadas, principalmente por pessoas que ela conhece. As pessoas conhecidas tecem sua sensação de segurança, a deixando tranquila, despreocupada.

Mesmo tendo as pessoas conhecidas, amigos, familiares e vizinhos, Gabriela, após ter buscado o leite das crianças e sentada ao lado da porta de sua casa por onde entrava um pouco de luz e som de motos e carros passando pela rua, estava apavorada diante de um ato de violência ocorrido um dia com ela sua filha e ela, pois sempre tenta manter a inocência de sua filha diante da violência, filtrar a violência presente no Vista Bela, ser seu casulo protetor. Em uma manhã, aparentemente tranquila, Gabriela deixou sua filha ir ao mercado sozinha, mas ela estava olhando para vê-la percorrer o trajeto, enquanto uma forma de cuidado, proteção a distância. Entretanto, o filtro contra a violência tecido sobre sua filha rompeu-se quando a menina entrou no mercado e se deparou com um homem sendo espancado, tendo seu corpo agredido por um pedaço de pau com pregos, sendo ferido. Estar de frente

com a violência provocou apavoro, choro e dor de cabeça na filha de Gabriela. Ela se defrontou com a violência do outro em sua face, num lugar inesperado, o supermercado. Gabriela nunca sofreu violência no Vista Bela, mas considera haver violência e que em alguns momentos ela não fica sabendo da violência manifestada devido a extensão do bairro. Já teve casos de pessoas fugindo da polícia que entraram na casa de um vizinho para se esconder, mas acabaram mortos lá dentro. O limite da casa não foi respeitado. Seu olhar percorria de um lado para o outro demonstrando indignação diante destes acontecimentos. Ao mesmo tempo, considera que o Vista Bela possui áreas que propiciam a sensação de segurança, como por exemplo, o campo de futebol e o parquinho, lugares que permitem os habitantes se conhecerem, deixarem de ser desconhecidos e fortalecer o vínculo de vizinhança.

O tráfico permeia as escolas ao jogarem papalotes de droga em seu interior, inibindo Cândida de querer estudar na escola do Vista Bela. Também sofreu um baque ao ceifarem uma vida na esquina de sua rua, pois era uma criança, tinha acabado de se mudar, e para ela, todos, exceto sua família, eram desconhecidos. Um habitante que estava recomeçando a vida, morreu e deixou uma mulher viúva, experienciando o luto. Essa tragédia a assustou e apavorou fazendo ela não querer habitar, não viver e criar vínculos junto ao Vista Bela. Ao mesmo tempo esse turbilhão de novos acontecimentos despertava sua curiosidade em saber os motivos dessas tragédias.

A violência nunca atingiu Cândida, nunca apanhou de ninguém, entretanto, ela relata alguns desconfortos, como o barulho de música que ecoa nas ruas durante a madrugada e a briga entre vizinhos, sons que tiram a paz dos habitantes. Apesar de não ter se envolvido em briga, suas relações de amizade com as meninas se demonstraram frágeis, sendo alvo de “olho torto” quando discordava de alguma ideia. Discordar faz parte da singularidade de cada pessoa, a defesa de seus ideais, daquilo que acredita, permitindo o diálogo e reflexão. Ninguém mexia com ela e sua irmã, pois a mãe de Cândida impunha medo nos vizinhos. Habitando o Vista Bela, Cândida viu pela primeira vez uma pessoa que ela já conversou e viu crescer, morrer para o tráfico.

As brigas entre vizinhos diminuíram, Cândida destaca que “Uma coisa legal do bairro periférico é que de início tinha muita briga, mas depois todo mundo se torna literalmente uma comunidade”. O Vista Bela tornou-se uma “comunidade”, estabelecimento de vínculos de cuidado e afeto entre os habitantes e destes juntos ao Vista Bela, desenvolvendo empatia, proteção entre eles. Os habitantes não se

saqueiam, algumas casas ficam com as portas abertas, pois há um código de conduta entre eles e confiança no outro. Se alguém quebrar este código é expulso do Vista Bela. Quando há assalto, é promovido por alguém que habita em outro bairro, um estranho, de fora. Viver no Vista Bela estando com seus corpos lançados na interioridade, constituindo e sendo constituídos, experienciando polissensorialmente, em épocas de pandemia, na experiência de Falcão “não tem nada de bom, legal, divertido acontecendo”. A ausência do poder público estimula a presença do terceiro setor que levam arte e educação, além da presença de “distribuidor de bebidas, tabacaria e de igreja”. Válvulas de escape da correria diária.

A promoção da educação encontra inúmeros desafios. Falta de acesso à internet, falta de estudos dos pais que encontram dificuldade para instruir os filhos. Reflexos da evasão escolar devido à necessidade de ingressar cedo no mercado de trabalho para ajudar na renda familiar, contribuindo para mitigar a insegurança em relação ao acesso a água, luz e alimentação. Universo distinto daqueles que discriminam, ou seja, daqueles que não habitam o Vista Bela, não estão com seus corpos lançados nele experienciando, estão na verticalidade. A pandemia prejudica principalmente as pessoas que habitam os bairros periféricos pobres, especialmente as mulheres, ao terem que sair para trabalhar como doméstica não conseguindo cuidar dos próprios filhos. Filhos criados com mães ausentes fisicamente em boa parte do dia.

Em meio aos desafios e casos de violência, há relações profundas de pertencimento fincadas, nutridas junto ao Vista Bela. Falcão se considera grande admiradora do Vista Bela “eu sou”. No decorrer dos anos se empenha para melhorar a experiência de viver e ser Vista Bela. Vínculo profundo ao ponto de não se mudar de onde habita mesmo se ganhar na Mega-Sena, pois já morou na rua, já viveu sem teto, sem abrigo, hoje o Vista Bela significa muito para ele numa dimensão imensurável. O Vista Bela é sua casa, para além de ter um simples teto. É o seu centro de significado, onde acorda e repousa seu corpo para dormir, onde compartilha risadas, tristezas e insatisfações junto aos outros habitantes, onde luta cotidianamente para garantir uma vida melhor para todos coletivamente, para o Vista Bela. A sua casa tem uma tonalidade afetiva própria, para além de ser apenas mais uma casa igual a inúmeras outras. Hoje se considera pé vermelho, londrinense e outro pé branco, carioca. Habitava o Rio e hoje constitui e é constituído pelo Vista Bela, Londrina.

Essa gama de experiências latentes em Falcão é diferente em Julia que apesar

de ter crescido no Vista Bela, sua experiência junto ao mesmo mudou, atualmente interage com poucos habitantes. Entretanto seu passado é permeado por diversas experiências junto ao Vista Bela, como por exemplo, festas, bebidas, dança, narguilé, diversão com pessoas legais e que se respeitam. Experiências permeadas por alegria e tranquilidade. Respeito que envolve certos comportamentos e se a pessoa não quiser se comportar daquele jeito é melhor ela se retirar. Respeito que os próprios traficantes tentam manter ao dizer “você está no meu bairro”, tomando para si o Vista Bela e o mínimo que espera do não habitante é respeito. Mesmo com as boas experiências vividas, o tempo gasto para se lançar em outros lugares de Londrina e a presença de perigo provocado por não habitantes motivam Julia querer se mudar do Vista Bela. A sensação de insegurança que permeia Julia é desencadeada pelo não habitante, o estranho, desconhecido ao Vista Bela que não respeita os habitantes.

A vontade de Julia sair do Vista Bela lembra minha conversa com Gabriela ao dizer que para alguns vizinhos a experiência não é de pertencimento, de abertura, mas de estranhamento e vontade de se mudar, não considerando (ou considerando de forma mais frágil) o Vista Bela casulo protetor. O casulo protetor não sendo tecido plenamente devido as grandes dificuldades socioeconômicas enfrentadas por boa parte dos habitantes, a distância do Vista Bela do centro de Londrina, a presença de lixo espalhado pelas ruas provocando a estética do “feio”, afastamento, descuido, que afeta a saúde dos próprios habitantes por meio dos casos de dengue, a integridade do bem estar do corpo podendo levar a interrupção da vida. Aspectos dentro do Vista Bela que despertam a sensação de medo.

Por outro lado, a sorridente e entusiasmada Turner tem uma posição de extrema representatividade no Vista Bela, é uma mulher negra que ocupa um cargo de liderança. Liderança alcançada por meio de estudos enquanto caminho frente as incertezas ao se mudar para o bairro “aqui vou ter que matar um leão por dia”. Ou seja, uma preocupação sobre como sobreviver ao dia de hoje, sem garantias de como será o dia de amanhã. Um cotidiano permeado por inseguranças. A posição de liderança de Turner desperta inveja em algumas pessoas, por tudo o que ela representa, mulher, negra, periférica e pobre. Turner atribuiu propósito aos seus dias de insegurança “um leão por dia”, ressignificando e pensando “já que a gente vai ficar, vamos ter que melhorar o lugar que a gente tá pra viver melhor”. Melhorar o que falta buscando atingir um bem estar coletivo para todos os habitantes por meio de ações desenvolvidas no dia a dia, conversando com os habitantes face a face e conhecendo



os desafios enfrentados. Ações de liderança promovida por Turner e mais quatro mulheres, que se tornaram referências para aqueles que habitam outros bairros periféricos pobres, criando uma rede de solidariedade e empatia com a finalidade de “melhorar o lugar que a gente tá em Londrina”, “melhorar onde eu moro”, isto é, tecendo a sensação de segurança onde habitam, permitindo a construção de confiança e esperança de dias melhores com a presença daquilo “que tá faltando na vida delas”. Teia de proteção que está sendo desenvolvida mesmo durante a pandemia, tomando os cuidados de higiene e sem aglomeração.

O enfrentamento das adversidades também esteve presente nas experiências de Cândida que enquanto estava no ensino médio encontrou na arte caminho para questionar os problemas que permeavam seu bairro, além de disseminar alguns conhecimentos artísticos aprendidos para as crianças que habitam o Vista Bela. Foi por meio do contato com o professor de Artes do colégio que Cândida ampliou seus horizontes a incentivando ingressar no curso de Artes Visuais da UEL. No decorrer do tempo vínculos de amizade foram estabelecidos, mas alguns se fragilizaram devido a diferença de idade e a adultização de algumas crianças. O amadurecimento acelerado que muitas vezes substitui as experiências de uma criança normal, pulando uma parte do processo de amadurecimento. Atualmente se manifesta diante de seu corpo o perigo ao ver a exposição de crianças a Covid-19 ao estarem lançadas na rua brincando sem máscara, e também de adultos ao circularem pelas ruas.

Ao experienciar o Vista Bela ao longo dos anos foi marcante para Cândida estar se defrontando com pessoas morrendo, pessoas se envolvendo com droga. Mas, Cândida ressalta que a empatia, a questão familiar e amigável entre os habitantes do Vista Bela e de outros bairros periféricos é maior do que em outros bairros nobres, como por exemplo, a Gleba Palhano, pois na periferia “te tratam mais humano”. Os habitantes do Vista Bela estreitam laços de ajuda entre si, tecendo a sensação de segurança que se tensiona com os estereótipos e manipulação da mídia ao abordar os acontecimentos sem questionar como isso impacta os habitantes do Vista Bela. Essa menção a mídia me fez lembrar da conversa com Turner ao afirmar que a ocultação das ações sociais desenvolvidas no Vista Bela, como por exemplo, as doações recebidas de outras instituições, movimentos sociais e a atos de solidariedade promovidos entre os próprios habitantes, fortalecendo os vínculos, mitigando a insegurança em alguns aspectos e ampliando a sensação de segurança. Atos de solidariedade que tem registro em mídias alternativas, como por exemplo, a

rede social Facebook, mas não pelos canais midiáticos que atingem a maioria dos londrinenses no dia a dia.

A conversa com os habitantes não foi permeada apenas por memórias de experiências vividas, de acontecimentos triste, alegria ou vontade de deixar o Vista Bela, mas também desejo por melhorias. Diferentes desejos. Falcão disse que são necessárias políticas públicas garantindo as pessoas acesso a recursos básicos do dia a dia, pois sua ausência tem como resposta a mobilização de alguns habitantes para conseguir recursos básicos aqueles que estão desprotegidos, inseguros sobre o dia de amanhã, permeadas pela incerteza de acesso a recursos que permitem a manutenção da própria vida de forma digna. Julia não vê necessidade da presença polícias, pois não há brigas. Mas vê a necessidade de mais iluminação, menos escuridão à noite, aumentando a sensação de segurança. Além de maior dispersão de estabelecimentos comerciais, facilitando o acesso dos habitantes ao lazer. Lazer almejado por boa parte dos habitantes com os quais conversei. Para Gabriela é preciso melhorar a segurança, a educação e retirar o lixo das ruas. Talvez se esses aspectos do fossem melhorados menos habitantes cogitassem se mudar do Vista Bela, pois seria sentido mais como um casulo protetor, segurança, filtro dos perigos externos. Atualmente, Turner em diálogo com o vereador Madureira está lutando para implementar projetos de esporte e roçagem do mato que permeia a praça e academia ao ar livre, inibindo o uso para outros fins.

Além da necessidade de ampliar o atendimento das UBS (Unidades Básicas de Saúde), número de creches, ações educacionais que envolvam as crianças em período integral, fortalecendo a diversão e amizades, evitando que fiquem na rua exposta a alguns perigos existentes, Cândida deseja melhoria nas ruas, pois a condição precária passível de desabamento já provocou pesadelos em seus sonhos ou seja, experiência de sobressalto, agitada e com ansiedade, um medo latente que fez Cândida desviar a rota para não usar o ônibus que circulava por essa rua. Ela compartilhou simultaneamente comigo uma imagem localizando o trecho da rua em desintegração. É preciso mais incentivo do governo que “abandonou” o Vista Bela e demais bairros periféricos, pois há pessoas que passam fome, não possuem segurança alimentar, não possuem segurança da manutenção do corpo com nutrientes básicos diários. Ausência de alimentos básicos que provocam fraqueza, queda na imunidade, dificuldades de raciocínio. Fragilidade do corpo que pode aumentar se o mesmo for alvo do mosquito da dengue devido à grande quantidade

de lixo, conforme expresso no relato da habitante Gabriela. É preciso que o governo desenvolva ações qualitativas que garantam efetivamente o bem-estar dos habitantes, tecendo a sensação de segurança para todos em diversos aspectos da vida.

O União da Vitória e Vista Bela são bairros e outrora são paisagens permeadas por seguranças e inseguranças, com lares – centros de significados - que podem filtrar alguns perigos externos, mas não anulam a possibilidade da insegurança se manifestar em seu interior, nas ruas, esquinas e casas.

Tuan (2005) diz que “[...] o medo foi e é uma razão comum par tecer estreitos laços entre as pessoas”, e se as ameaças forem retiradas do ambiente a união entre as pessoas tende a enfraquecer. O contexto de ausência das políticas públicas efetivas fragilizam tecer um casulo protetor, mas ao mesmo tempo, essa não presença do governo estimula ações entre os habitantes, estabelecendo entre si vínculos de solidariedade e empatia, tecendo cotidianamente a sensação de segurança, mitigando a desproteção da falta de políticas públicas.

Desvelar o saber da experiência no União da Vitória e Vista Bela. Saber da experiência que se dá na relação entre vida humana e conhecimento, que se adquire no modo como respondemos ao que nos acontece a longo da vida, do sentido ou sem-sentido do que nos acontece. Duas pessoas podem enfrentar o mesmo acontecimento, mas não terão a mesma experiência, pois o acontecimento é comum, entretanto, a experiência é singular e encarnada no indivíduo (LARROSA, 2019).

Há diferença entre o domínio compartilhado do conhecimento e a terra cógnita. A terra cógnita é mais localizada e restrita no tempo e no espaço envolvendo a experiência pessoal direta. As experiências da paisagem União da Vitória e Vista Bela, envolvem terras incógnitas, mundos particulares não incorporados na imagem geral. Além da nossa área de experiência direta há paisagens, mundos, não conhecidos substancialmente, apenas contornos imprecisos e pálidos reflexo da arquitetura lapidar da mente em seu conteúdo e dinâmica vivida por aqueles que não as habitam. O mundo pessoal, a experiência direta daqueles que estão mergulhados em determinada paisagem são mais substanciais (LOWENTHAL, 1961).

As visões de cada pessoa são particulares por que cada pessoa se relaciona e reage a paisagem de maneira diferente, desvelando e velando alguns aspectos. A paisagem nunca se manifesta identicamente para duas pessoas, mesmo que habitem a mesma casa e sejam da mesma família. Cada pessoa é um mundo dotado de experiências diretas e indiretas, imaginário, habilidades sensoriais, inteligência e

interesse, afetada por um contexto social, político, econômico, ético e estético, que filtra as percepções sobre a paisagem. A finalidade, circunstância da observação e sentimentos podem editar e alterar/distorcer o que é visto, o modo pela qual uma paisagem aparece e como é experienciada (LOWENTHAL, 1961).

Ao estar face a face com os habitantes em que seus corpos são espaços e pensamento-paisagem carregados, experienciando virtualmente, observando suas expressões, ouvindo suas entonações de voz, (re)imaginei o União da Vitória e Vista Bela, conforme Sassi, Nabozny e Chagas (2021), redimensionando a mistura de composições do passado e do presente. Por meio das conversas com aqueles que são União da Vitória e Vista Bela, desvelou ser possível dentro de um União da Vitória e de um Vista Bela vivenciar outros Uniões da Vitória e Vistas Bela permeados por diferentes tonalidades afetivas que permitem

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Algumas indagações propostas foram desveladas no decorrer da pesquisa. O caminho percorrido e os resultados desvelados estão abertos para reflexões e questionamentos que contribuam para o amadurecimento e desdobramento em outras problemáticas de pesquisa.

Os principais índices de roubos não recaem sobre o União e o Vista Bela. Cabe pensar a origem/bairro das pessoas que cometem esses atos. Os casos de violência estão presentes e ligados principalmente ao tráfico, em lugares específicos e em menores proporções do que no passado. Não há preocupação em relação ao roubo, as casas ficam com portas e janelas abertas, pois há um código de conduta entre os traficantes e demais habitantes, para evitar conflitos entre si e não despertar atenção policial. Entretanto, se esse o combinado é quebrado e há conflitos entre moradores atraindo atenção policial, os habitantes são penalizados, podendo literalmente perder a mão. Violência utilizada em caso de quebra da sensação de segurança e tranquilidade. A pesquisa escolheu a violência do roubo, homicídio e tráfico, mas entendemos que o leque de violências é mais amplo. A violência está presente na experiência dos habitantes. A violência do tráfico e do Estado em certo grau é naturalizada. Violência que torna o União e Vista Bela paisagens do medo, mas ao mesmo tempo não impede que o bairro, a casa, o lar, também sejam aconchego, centro de afeto e significado. A reflexão sobre a violência nessa pesquisa a considera como algo externo ao sujeito tornando pertinente que as pesquisas futuras reflitam sobre a violência também presente nas pessoas e não apenas como algo externo.

As notícias sobre o União e o Vista Bela se referem predominantemente a casos de violência sem precisão espacial e contextual do ocorrido, de modo generalizado. Generalização que influencia o imaginário do não habitante e passa considerar que o União da Vitória e Vista Bela como um todo são violentos, inseguros. Imaginação baseada no que chega por meio da visão e audição. Mas, isso não quer dizer que o imaginário tenha menos importância que a experiência direta polissensorialmente, não é uma classificação hierárquica.

O abandono do governo em relação as políticas públicas impulsionaram o estabelecimento e fortalecimentos de vínculos de solidariedade e empatia entre os habitantes, mitigando a sensação de insegurança, aumentando a segurança, tecendo casulos protetores. Ações empáticas, de solidariedade, que a mídia londrinense não

pública dificultando que os não habitantes também tomem conhecimento. Como caminho alternativo, os próprios habitantes recorrem as redes sociais, como Facebook e Instagram, para divulgar as boas ações desenvolvidas junto ao Vista Bela e União da Vitória.

O preconceito geográfico permeia a experiência de todas os habitantes com os quais conversei. Preconceito que tem como causas a violência, pobreza, localização periférica e a questão racial – população negra. Os habitantes no passado tinham vergonha de dizer onde habitam e os constitui, mas com o tempo ressignificaram essa sensação em orgulho e luta por melhorias. O preconceito sobre o União da Vitória e Vista Bela é uma negação do londrinense negro pobre, visto como promotor de violência contra o corpo do outro, não aceito como constituinte de Londrina, cidade que se apegar a ideia de ser colonizada pelos brancos europeus, ingleses. Abre-se a possibilidade de aprofundar reflexões sobre a negação do outro, não aceitação, não se colocar face a face para conhecer o outro, tendo como contexto a questão racial. O imaginário é uma exposição do outro e não quer dizer que a experiência direta necessariamente supera o preconceito, algumas vezes, o efeito pode se contrário reafirmando o preconceito.

O União da Vitória e Vista Bela sempre foram negados, invisibilizados, não entendidos como constituintes de Londrina com modos próprios de existir. Falta ouvir, experienciar, conhecê-los, estar lançado experienciando polissensoralmente face a face. É necessário também mais políticas públicas para ampliar a sensação de proteção dos habitantes, pois isso pode se refletir na visão de mundo dos não habitantes. Mas é importante que algumas ações não sejam impostas de fora para dentro e nem busquem apagar a singularidade do União e Vista Bela, mas, sim, respeitá-las e incentivar o desenvolvimento cultural já presente, como beat box, capoeira, baile funk, e mais projetos culturais para as crianças.

A experiência do habitante constituindo e sendo constituído por essas duas paisagens, sendo paisagem, é permeada por seguranças e inseguranças, que tecem casulos protetores e paisagens do medo, em diferentes intensidades, que coexistem e são sentidas de modo particular por cada habitante. A rua para as crianças é lugar de liberdade, sentir o corpo livre, correndo e sentindo o vento passar ao brincar com os amigos, lugar de encontrar os amigos, festar, se divertir, mas ao mesmo tempo, na rua há circulação da polícia de modo intimidador, em alguns trechos a presença do tráfico e a possibilidade invisível de ser contaminado pelo Covid. A casa, lugar de

aconchego, em alguns relatos foi explícito como ela possui mais significado do que o entorno onde se encontra, para alguns habitantes, mas algumas casas já foram invadidas por pessoas fugindo da polícia, tornando a casa um ambiente inseguro para quem a habitava. Os amigos que na infância tinham vínculos profundos, mas depois que alguns se envolveram com a criminalidade esses vínculos tornaram-se frágeis. O supermercado que geralmente é um lugar com baixa possibilidade de violência, mas que ocorreu um caso de linchamento em seu interior em um dia da semana pela manhã. Os habitantes que antes se estranhavam por não se conhecerem, com o tempo, diálogo e empatia, desenvolveram uma rede de solidariedade entre si para enfrentar as adversidades, filtrar os perigos, constituir casulos protetores.

O percurso da pesquisa apontou outros horizontes de reflexões, conceitos não centrais que merecem desdobramentos futuros, como a violência, o medo, a confiança e o preconceito geográfico. A violência: o que é? A violência é apenas o fato concreto? Como ela se relaciona com o poder e controle? Como a violência e o tráfico são experienciadas? A presença do tráfico significa presença da violência? Qual é o sentido da violência para a fenomenologia? Como pensar a violência no sentido existencial? O medo: quais são os desdobramentos de pensar o medo como estranheza (como a angústia heideggeriana e a ausência de controle), estranho (o Outro, o desviante) e estranhar? Como o medo se relaciona com o imaginário e a ansiedade? A confiança: se manifesta apenas quando estamos com os nossos? Como o contato com o outro, o diferente, afeta a sensação de (in)segurança? O preconceito geográfico: na busca sobre como a paisagem do medo e casulo protetor se desvelam na experiência, o que se desvelou fortemente foi o preconceito geográfico. Entretanto, é preciso tecer seu desdobramento conceitualmente e ontologicamente considerando o lugar e a constituição existencial, pensar o preconceito geográfico por meio da experiência.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, S. Exclusão socioeconômica e violência urbana. **Sociologias** - Violências, América Latina, Porto Alegre, p. 84-135, 2002.
- ADORNO, S. Crime e violência na sociedade brasileira contemporânea. **Jornal de Psicologia-PSI**, n. Abr/Jun, p. 7-8, 2002.
- ALCANTARA, D. M. **Minha Casa, Minha Vida: trajetórias e práticas espaciais na produção de um lugar na cidade de Londrina/PR**. 2018. 237 fls. Tese (Doutorado em Geografia) - Unidade Estadual Paulista, campus Presidente Prudente, 2018.
- ALBUQUERQUE JR, D. M. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia**. São Paulo: Cortez, 2012. 136 p.
- BAUMAN, Z. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. 240 p.
- BECKER, H. S. **Outsiders**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. 231 p.
- BESSE, J. **Ver a Terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia**. São Paulo: Perspectiva, 2014. 120 p.
- BEZERRA, H. G. Planejamento urbano e programas habitacionais. **Geographia Opportuno Tempore**, Londrina, v. 1, n. especial, p. 523-536, jul./dez. 2014.
- BONDE. **Homem é assassinado no União da Vitória em Londrina**. Disponível em: <https://www.bonde.com.br/bondenews/policia/homem-e-assassinado-no-uniao-da-vitoria-em-londrina-499877.html>. Acesso em: 25 set. 2020.
- BONDE. **Homem é espancado por populares na zona norte de Londrina**. Disponível em: <https://www.bonde.com.br/bondenews/policia/homem-e-espancado-por-populares-na-zona-norte-de-londrina-507104.html>. Acesso em: 25 set. 2020.
- BONDE. **Mulher mata ex-genro para defender filha de agressão**. Disponível em: <https://www.bonde.com.br/bondenews/policia/mulher-mata-ex-genro-para-defender-filha-de-agressao-493606.html>. Acesso em: 25 set. 2020.
- BONDE. **Pai é preso suspeito de agredir e tentar estuprar a própria filha**. Disponível em: <https://www.bonde.com.br/bondenews/policia/pai-e-presosuspeito-de-agredir-e-tentar-estuprar-a-propria-filha-506039.html>. Acesso em: 25 set. 2020.
- CALDEIRA, T. P. R. **Enclaves fortificados**. Revista Novos Estudos CEBRAP, Rio de Janeiro, v., n. 47, p. 155-176, nov. 1996.
- CAMPONEZ, A. A. A Politização do Urbano: a experiência dos moradores do Jardim União da Vitória na conquista dos direitos de cidadania e da cidade. 2005. 132 f. **Dissertação** (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina.
- CGN. **Trio morre em confronto com a PM em Londrina**. Disponível em: <https://cgn.inf.br/noticia/208894/trio-morre-em-confronto-com-a-pm-em-londrina>. Acesso em: 25 set. 2020.
- CRISTIANO, H. H; SUGUIHIRO, V, L, T. **“Sujeito Homem” – o perfil e a distribuição espacial dos adolescentes que praticaram atos infracionais em 2009, 2010 e 2013 no município de Londrina**. In: 26º Encontro Anual de Iniciação Científica. Universidade Estadual de Londrina, UEL, Londrina. 2017.
- CUNHA, F. C. A. **A produção do espaço urbano – zona sul de Londrina**. Monografia, depto de Geociências, Universidade Estadual de Londrina, 1991.
- DARDEL, E. **O Homem e a Terra**. São Paulo: Perspectiva, 2015. 159 p.
- DEPEN. **Dados consolidados do sistema penitenciário do Paraná**. Disponível em: [http://www.depen.pr.gov.br/arquivos/File/7\\_\\_dados\\_consolidados\\_do\\_depen.pdf](http://www.depen.pr.gov.br/arquivos/File/7__dados_consolidados_do_depen.pdf). Acesso em:



22 set. 2020.

DUARTE, E. S; FARIAS, V. G; OLIVEIRA, N. A. **O método hermenêutico e a pesquisa na área das ciências humanas**. In: XXII Jornada de Pesquisa. Unijuí, 2017.

GALDINO, Claudio Francisco. **A população negra em Londrina: as interfaces entre violência e educação**. 2017. 121 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

GIDDENS, A. **Identidade e modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002. 236 p.

GOFFMAN, E. **Estigma**. Rio de Janeiro: LTC, 2017. 158 p.

HAN, B. **Topologia da violência**. Petrópolis: Vozes, 2017. 269 p.

HORAS, 24. **Homem reage a abordagem da PM e morre baleado na Zona Sul de Londrina**. Disponível em: <https://24horas.com.br/noticia/8169/homem-reage-a-abordagem-da-pm-e-morre-baleado-na-zona-sul-de-londrina>. Acesso em: 25 set. 2020.

HORAS, 24. **PM de Londrina prende rapaz que vendia drogas para 'levantar uma moeda'**. Disponível em: <https://24horas.com.br/noticia/8974/pm-de-londrina-prende-rapaz-que-vendia-drogas-para-levantar-uma-moeda>. Acesso em: 25 set. 2020.

IBGE. **Resultados gerais da amostra. Cidades do Paraná**. Brasília, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acesso em: 8 dez. 2018.

IPEA; FBSP. **Atlas da Violência 2019**. Brasília, Rio de Janeiro, 2019. 115 p.

LONDRINA, CBN. **Polícia apreende cerca de 13 quilos de maconha no Vista Bela**. Disponível em: <https://cbnlondrina.com.br/materias/policia-apreende-cerca-de-13-quilos-de-maconha-no-vista-bela>. Acesso em: 25 set. 2020.

JUSTIÇA, M. J. S. **Depen atualiza dados sobre a população carcerária do Brasil**. Disponível em: <https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/noticias/depen-lanca-paineis-dinamicos-para-consulta-do-infopen-2019>. Acesso em: 10 maio 2020.

LOLIS, D. Homicídio de jovens e segregação socioespacial em Londrina. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, v.31, n. 2, p. 221-240, 2011.

LOWENTHAL, D. Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. In: CHRISTOFOLETTI, A. **Perspectivas da Geografia**. DIFEL. São Paulo, 1982. p. 103-141.

LARROSA, J. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. 175 p.

LOPES, B. C; AMARAL, W. R. **Residencial Vista Bela no município de Londrina: uma análise sobre território e políticas sociais**. In: VII Jornada Internacional Políticas Públicas. Universidade Federal do Maranhão, UFMA, São Luís. 2015.

MARANDOLA JR., E. Ainda é possível falar em experiência urbana? Habitar como situação corpo-mundo. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 2, n. 42, p. 10-43, 2020.

MARANDOLA JR., E. Saberes dos corpos alimentados: ensaio de geografia hedonista. **Geograficidade**, v.4, Número Especial, p. 16-24, 2014.

MARANDOLA JR., E. Sabor enquanto experiência geográfica: por uma geografia hedonista. **Geograficidade**, v.2, n. 1, p. 42-52, 2012.

MARANDOLA JR., E. **Um sentido fenomenológico de paisagem: o sentir em mistura do ser-lançado-no-mundo**. In: Seminário Internacional "Questões Contemporâneas sobre Paisagem". Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, USP, São Paulo. 2014.

MARANDOLA JR., E. **Viagens por paisagens: experiências do sentir e do querer**. In: II Colóquio Internacional e Interdisciplinar. Literatura e Paisagem: estudos de paisagem nas literaturas de língua portuguesa; Literatura, viagens e turismo cultural no Brasil, na França e

em Portugal. Rio de Janeiro e Niterói. 2013.

MATHIESEN, T. **Silently Silenced: Essays on the Creation of Acquiescence in Modern Society**. Waterside Press, 2004, p.9-14.

MATTOSO, C. **Feminicídio cresce no Brasil e explode em alguns estados**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/02/feminicidio-cresce-no-brasil-e-explode-em-alguns-estados.shtml>. Acesso em: 10 maio 2020.

NABOZNY, A. Da paisagem do olhar do geógrafo à paisagem como olhar o os olhares dos outros. **Geografia, Ensino & Pesquisa**, v.15, n.1, 2011.

NEWS, T. **Homem morre esfaqueado em briga familiar no União da Vitória em Londrina**. Disponível em: <https://tarobanews.com/noticias/policial/homem-morre-esfaqueado-em-briga-familiar-no-uniao-da-vitoria-eom3V.html>. Acesso em: 25 set. 2020.

NEWS, T. **PM prende jovem por tráfico no Vista Bela**. Disponível em: <https://tarobanews.com/noticias/policial/pm-prende-jovem-por-traffic-no-vista-bela-q7ZkD.html>. Acesso em: 25 set. 2020.

NOTÍCIAS, A. I. **Dia Nacional da Habitação: Brasil tem 11,4 milhões de pessoas vivendo em favelas**. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/15700-dados-do-censo-2010-mostram-11-4-milhoes-de-pessoas-vivendo-em-favelas>. Acesso em: 10 maio 2020.

PÁDUA, L. C. T. A Geografia de Yi-Fu Tuan: Essências e Permanências. **Tese** (Doutorado em Geografia) – Departamento de Geografia, USP, São Paulo, 2013. 203 p.

PÁDUA, L. C. T. Um convite à busca com Yi-Fu Tuan. **Geograficidade**, v.3, n.1, 2013.

PÚBLICA, J. S. **Há 726.712 pessoas presas no Brasil**. Disponível em: <https://www.justica.gov.br/news/ha-726-712-pessoas-presas-no-brasil>. Acesso em: 25 set. 2020.

RUIZ, M. J. F. Histórias e memórias das lutas populares pela escola pública no jardim União da Vitória – Londrina-PR (1990-2009). **Revista HISTEDBR On-line**, v., n. 54, 2013.

SANTOS, H. **Discriminação racial no Brasil**. In: SABÓIA, Gilberto Vergne; GUIMARÃES, Samuel Pinheiro (orgs.). Anais de Seminários Regionais Preparatórios para a Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata. Brasília: Ministério da Justiça, 2001.

SASSI, Bruna da Silva; NABOZNY, Almir; CHAGAS, Bruna Iara Lorian. O corpo-sujeito, interconexões entre paisagem, assemblage e a rua — um exercício metodológico propositivo. **PerCursos**, Florianópolis, v. 22, n.48, p. 456 - 483, jan./abr. 2021.

SOUZA, A. E. **Nas franjas da cidade: o cotidiano dos moradores do Jardim União da Vitória**. In: SILVA, M. N; PANTA, P. (org.). Brasil: Paraná. Londrina: UEL, 2014. p. 67 - 85.

TUAN, Y. **Espaço e Lugar**. Londrina: Eduel, 2013. 248 p.

TUAN, Y. **Paisagens do medo**. São Paulo: Editora UNESP, 2005. 374 p.

TUAN, Y. Thought and Landscape: The Eye and the Mind's Eye. In: MEINIG, D.W. (ed). **The Interpretation of Ordinary Landscapes**. New York: Oxford University Press, 1979. p. 89-102.

TUAN, Y. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Londrina: Eduel, 2012. 342 p.

USP, J. **Brasil tem 55 milhões de pessoas abaixo da linha da pobreza**. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/brasil-tem-55-milhoes-de-pessoas-abaixo-da-linha-da-pobreza/>. Acesso em: 10 maio 2020.

VARELLA, D. **Dráuzio Varella: 'Guerra às drogas é um fracasso monumental'**. Disponível

em: [https://www.huffpostbrasil.com/entry/guerra-drogas\\_br\\_5db1b7c3e4b01ca2a85905dd](https://www.huffpostbrasil.com/entry/guerra-drogas_br_5db1b7c3e4b01ca2a85905dd). Acesso em: 10 maio 2020.

VINCENTIM, T. N; KANASHIRO, M. Análise do comércio e dos serviços nos empreendimentos do Programa Minha Casa, Minha Vida (PMCMV): estudo do caso Residencial Vista Bela – Londrina, PR. **Ambiente Construído**, v.16, n.4, 2016.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n., p. 203-220, 2014

ZALUAR, A. Um debate disperso: Violência e crime no Brasil da redemocratização. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 13, n.3, p. 03-17, 1999.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A

Instrumento de pesquisa utilizado na coleta de dados

#### **Formulário de Pesquisa aos Não Moradores via Google Forms**

Esta pesquisa é parte pesquisa sobre paisagens do medo nos bairros União da Vitória e Vista Bela, Londrina-PR, cuja proposta é refletir sobre como a construção social, influenciada pela mídia sensacionalista acerca destes bairros, pode dificultar o acesso de seus moradores a outros lugares da cidade. Os resultados deste trabalho contribuirão para se refletir sobre o preconceito ao lugar de morada e a influência da mídia na depreciação de certos lugares, buscando compreender os lugares a partir da realidade experienciada.

Esclarecemos que a sua participação é voluntária e de fundamental importância para a realização dessa pesquisa. A sua identidade será preservada.

Mestrando Douglas Vitto

E-mail: d\_vitto@hotmail.com

Orientadora Jeani Delgado Paschoal Moura

E-mail: jeanimoura@uol.com.br

Programa de Pós-graduação em Geografia,  
Universidade Estadual de Londrina/UEL.

#### **1- Informações Pessoais:**

Nome (Escreva um pseudônimo):

Bairro onde reside:

#### **2 - Situação atual:**

( ) Somente estuda

( ) Somente trabalha

( ) Trabalha e estuda

( ) Desempregado. Há quanto tempo: \_\_\_\_\_

**Se você está trabalhando atualmente, responda as questões 3 e 4**

**Se estiver desempregado, vá direto para a questão 5.**

#### **3 – Sua remuneração se enquadra em qual destas opções:**

( ) até 1/2 salário mínimo

( ) mais de 1/2 até 1 salário mínimo

( ) mais de 1 a 2 salários mínimos

( ) mais de 2 a 3 salários mínimos

( ) mais de 3 a 4 salários mínimos

( ) mais de 4 salários mínimos

**4 - Trabalha em:**

( ) Empresa pública

( ) Empresa privada

( ) Empresa mista

( ) Trabalho autônomo. Especificar o ramo: \_\_\_\_\_

( ) Outro. Especificar: \_\_\_\_\_

**5 - Grau de Escolaridade**

( ) Ensino primário

( ) Ensino fundamental

( ) Ensino médio

( ) Graduação

( ) Pós-graduação

( ) Não alfabetizado

**6 - Você conhece os bairros União da Vitória e Vista Bela em Londrina?**

(Pode assinalar mais de uma resposta)

( ) Não, nunca ouvi falar sobre esses bairros.

( ) Sim, apenas ouvi falar, mas nunca estive lá.

( ) Conheço o União da Vitória pelas reportagens.

( ) Conheço o Vista Bela pelas reportagens.

( ) Conheço pessoas que moram no União da Vitória.

( ) Conheço pessoas que moram no Vista Bela.

( ) Sim, conheço pessoalmente

( ) os dois bairros.

( ) apenas o União da Vitória

( ) apenas o Vista Bela

**7 – Se você nunca esteve no União da Vitória e/ou Vista Bela, você tem alguma restrição para conhecer pessoalmente esses bairros? Quais?**

**8 - Se você nunca esteve no União da Vitória e/ou Vista Bela, como você imagina esses bairros (casas, saúde, educação, moradores etc)?**

**9 - Se você tem ou teve contato com as pessoas residentes no União da Vitória e/ou Vista Bela, em quais ambientes ocorreram? (Pode assinalar mais de uma alternativa)**

( ) Familiar

( ) Escola

( ) Trabalho

( ) Universidade

( ) Lazer (bar, cinema, esporte)

( ) Outros. Especificar: \_\_\_\_\_

**10 - Você considera o União da Vitória um bairro violento?**

( ) Sim

( ) Não

Se sim, por quê?

**11 - Você considera o Vista Bela um bairro violento?**

( ) Sim

( ) Não

Se sim, por quê?

**12 - Você acredita que os moradores do Vista Bela e União da Vitória sofrem preconceito por morarem nesses bairros?**

( ) Sim

( ) Não

**13 – Você já teve alguma experiência pessoal negativa ou positiva em um desses bairros ou com seus moradores?**

( ) Sim. Especificar

( ) Não

**14 – Você conhece alguém que já teve alguma experiência pessoal negativa ou positiva em um desses bairros ou com seus moradores?**

( ) Sim. Especificar

( ) Não

**15 - Gostaria de dar mais alguma informação que considera importante para esta pesquisa?**

## ROTEIRO DE PESQUISA JUNTO AOS MORADORES

Esta pesquisa é parte pesquisa sobre paisagens do medo nos bairros União da Vitória e Vista Bela, Londrina-PR, cuja proposta é refletir sobre como a construção social, influenciada pela mídia sensacionalista acerca destes bairros, pode dificultar o acesso de seus moradores a outros lugares da cidade. Os resultados deste trabalho contribuirão para se refletir sobre o preconceito ao lugar de morada e a influência da mídia na depreciação de certos lugares, buscando compreender os lugares a partir da realidade experienciada.

Esclarecemos que a sua participação é voluntária e de fundamental importância para a realização dessa pesquisa. A sua identidade será preservada.

Mestrando Douglas Vitto

E-mail: d\_vitto@hotmail.com

Orientadora Jeani Delgado Paschoal Moura

E-mail: jeanimoura@uol.com.br

Programa de Pós-graduação em Geografia,  
da Universidade Estadual de Londrina/UEL.

### 1- Informações Pessoais:

Nome (Escreva um pseudônimo):

Bairro onde reside:

### 2 - Situação atual:

- ☐ Somente estuda
- ☐ Somente trabalha
- ☐ Trabalha e estuda
- ☐ Desempregado. Há quanto tempo: \_\_\_\_\_

**Se você está trabalhando atualmente, responda as questões 3 e 4**

**Se estiver desempregado, vá direto para a questão 5.**

### 3 – Sua remuneração se enquadra em qual destas opções:

- ☐ até 1/2 salário mínimo
- ☐ mais de 1/2 até 1 salário mínimo
- ☐ mais de 1 a 2 salários mínimos
- ☐ mais de 2 a 3 salários mínimos
- ☐ mais de 3 a 4 salários mínimos
- ☐ mais de 4 salários mínimos

### 4 - Trabalha em:

- ☐ Empresa pública
- ☐ Empresa privada
- ☐ Empresa mista
- ☐ Trabalho autônomo. Especificar o ramo: \_\_\_\_\_
- ☐ Outro. Especificar: \_\_\_\_\_

### 5 - Grau de Escolaridade

- ☐ Ensino primário

- ☐ Ensino fundamental
- ☐ Ensino médio
- ☐ Graduação
- ☐ Pós-graduação
- ☐ Não alfabetizado

**6 – Quais os tipos de transporte você utiliza no seu dia a dia? (Pode assinalar mais que um tipo)**

- ☐ ônibus
- ☐ bicicleta
- ☐ carro particular
- ☐ moto particular
- ☐ moto táxi
- ☐ uber
- ☐ táxi
- ☐ Outro. Qual? \_\_\_\_\_

**7 - Para você morador(a) é fácil se locomover para outros bairros da cidade por meio de moto táxis, táxis e uber?**

- ☐ Sim
- ☐ Não. Por quê?

**8 – O seu bairro é violento?**

- ☐ Sim
- ☐ Não

Se sim, que tipo de violência ocorre com mais frequência?

**9 – Você já sofreu algum tipo de violência?**

- ☐ Sim
- ☐ Não

Se sim, que tipo de violência você sofreu?

**10 - Quais são os pontos mais seguros e inseguros dentro do bairro? Por qual motivo?**

**11 - Você percebe algum tipo de preconceito contra o bairro e seus moradores?**

- ☐ Sim
- ☐ Não

Se sim, como isso ocorre?

**12 – Você já sofreu diretamente algum tipo de discriminação ou preconceito por causa do lugar onde mora?**

- ☐ Sim
- ☐ Não

Se sim, como aconteceu? Foi por meio de pessoas que moram/conhecem o bairro diretamente? Ou indiretamente?

**13 - Como é viver neste bairro?**

**14 – Se tiver oportunidade, você gostaria de se mudar deste bairro? Por quê?**

**15 – Gostaria de dar mais alguma informação que considera importante para esta pesquisa?**



**APÊNDICE B**

Transcrições da conversa com aqueles que habitam e são o União da Vitória e Vista Bela

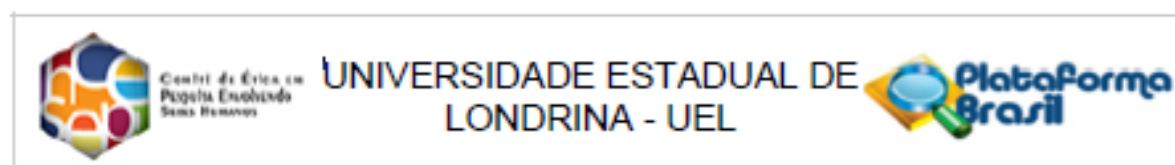


<https://drive.google.com/file/d/1L8ThkO8xji4YhKgUsK2DsX3FHZV4VISx/view?usp=sharing>

## ANEXOS

### ANEXO A

#### Parecer Consubstanciado pelo CEP



#### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

##### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Entre a paisagem do medo e casulo protetor: imaginação e experiência geográfica nos bairros União da Vitória e Vista Bela, Londrina-PR.

**Pesquisador:** DOUGLAS VITTO

**Área Temática:**

**Versão:** 4

**CAAE:** 32763820.5.0000.5231

**Instituição Proponente:** CCE - Programa de Pós-graduação em Geografia

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

##### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 4.224.468

##### Apresentação do Projeto:

**Título do projeto:** "Entre paisagem do medo e casulo protetor: imaginação e experiência geográfica nos bairros União da Vitória e Vista Bela, Londrina-PR", proposto por Douglas Vitto, pelo Programa de pós graduação em Geografia (mestrado). No. de participante da pesquisa: 80.

##### METODOLOGIA PROPOSTA:

Segundo o autor: "pesquisa qualitativa por meio da análise documental, revisão Bibliográfica e trabalho de campo orientado pela Geografia Humanista de base Fenomenológica. Para responder os objetivos específicos foram realizados os seguintes passos metodológicos: 1. coleta de dados junto à polícia civil para verificar os bairros da cidade de Londrina que mais apresentaram índices de homicídio e assalto, entre 2011 e 2019 (análise documental); 2. espacialização desses dados para identificar os bairros com maiores taxas de homicídio e assalto no período mencionado; 3. investigar como o Jardim União da Vitória e Vista Bela foram abordados pelo portal Bonde, site da TV Tarobá Londrina, entre outros meios de comunicação local, no período de 2011 a 2019 e; 4. realizar um trabalho de campo em ambos os bairros, na postura de "participante total" (o observador não revela ao grupo sua verdadeira identidade de pesquisador nem o propósito do estudo, pois, busca tomar-se membro do grupo para aproximar-se o máximo possível da perspectiva dos participantes) para descobrir como o medo acerca da violência urbana, a sensação de segurança e o preconceito contra a origem geográfica e de lugar se manifestam no

Continuação do Parecer: 4.224.488

cotidiano de seus moradores. Isto é, identificar por meio da experiência e visão de mundo dos moradores as paisagens do medo e os casulos protetores dentro do União da Vitória e do Vista Bela, além dos casos de preconceito contra a origem geográfica e de lugar”

#### **Objetivo da Pesquisa:**

##### **Objetivo geral:**

Como a experiência e a imaginação geográfica revelam paisagens do medo e casulos protetores nos bairros União da Vitória e Vista Bela, Londrina/PR?

##### **Objetivo Secundário:**

- Identificar os bairros de Londrina que apresentaram os maiores índices de assalto e homicídio entre 2011 e 2019.
- Analisar como o Jardim União da Vitória e Vista Bela foram abordados nos portais eletrônicos e sites de programas televisivos locais entre 2011 e 2019.
- Demonstrar a percepção dos moradores de ambos os bairros em relação à violência urbana, o sentimento de segurança e o preconceito contra a origem geográfica e de lugar.

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

##### **Riscos:**

- Algum morador do bairro não se sentir confortável para relatar alguma experiência negativa, como o preconceito, por morar no União da Vitória ou Vista Bela. Se isso, acontecer, respeitarei o espaço do participante e não insistirei em conversar sobre esse assunto específico.
- Impossibilidade de ir até os bairros União da Vitória e Vista Bela devido a pandemia da covid-19. Caso isso aconteça, ou seja, a pandemia não passe nos próximos meses, tentarei aplicar o formulário de pesquisa para alguns moradores desses bairros via googleforms.

##### **Benefícios:**

- Contribuição para desconstruir o estigma negativo sobre os moradores do União da Vitória e Vista Bela. Essa desconstrução ocorrerá por dois caminhos: 1º espacializando dados da polícia militar para verificar que os principais índices de homicídio e roubo em Londrina não incidem nesses dois bairros; 2º propor por meio dos resultados do trabalho de campo a construção do mapa cultural para expor os aspectos positivos (atividades culturais, festividades, religiosidades, assistência social, entre outras) dos dois bairros. Essa ação é uma entre várias estratégias para incentivar a desconstrução desse estigma e consequentemente integrar mais os moradores desses bairros no mercado de trabalho e evitar preconceitos.

**Objetivo da Pesquisa:****Objetivo geral:**

Como a experiência e a imaginação geográfica revelam paisagens do medo e casulos protetores nos bairros União da Vitória e Vista Bela, Londrina/PR?

**Objetivo Secundário:**

- Identificar os bairros de Londrina que apresentaram os maiores índices de assalto e homicídio entre 2011 e 2019.
- Analisar como o Jardim União da Vitória e Vista Bela foram abordados nos portais eletrônicos e sites de programas televisivos locais entre 2011 e 2019.
- Demonstrar a percepção dos moradores de ambos os bairros em relação à violência urbana, o sentimento de segurança e o preconceito contra a origem geográfica e de lugar.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:****Riscos:**

- Algum morador do bairro não se sentir confortável para relatar alguma experiência negativa, como o preconceito, por morar no União da Vitória ou Vista Bela. Se isso, acontecer, respeitarei o espaço do participante e não insistirei em conversar sobre esse assunto específico.
- Impossibilidade de ir até os bairros União da Vitória e Vista Bela devido a pandemia da covid-19. Caso isso aconteça, ou seja, a pandemia não passe nos próximos meses, tentarei aplicar o formulário de pesquisa para alguns moradores desses bairros via googleforms.

**Benefícios:**

- Contribuição para desconstruir o estigma negativo sobre os moradores do União da Vitória e Vista Bela. Essa desconstrução ocorrerá por dois caminhos: 1º espacializando dados da polícia militar para verificar que os principais índices de homicídio e roubo em Londrina não incidem nesses dois bairros; 2º propor por meio dos resultados do trabalho de campo a construção do mapa cultural para expor os aspectos positivos (atividades culturais, festividades, religiosidades, assistência social, entre outras) dos dois bairros. Essa ação é uma entre várias estratégias para incentivar a desconstrução desse estigma e consequentemente integrar mais os moradores desses bairros no mercado de trabalho e evitar preconceitos.

Continuação do Parecer: 4.224.468

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Como descrevemos anteriormente, a pesquisa é relevante pela identificação do fenômeno da violência no município.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Apresentou os documentos solicitados, a saber: TCLE com previsão de atendimento em caso de algum risco e endereço do CEP/UEL; questionário para análise das perguntas; documentos de vínculo com coparticipante e declaração de sigilo e confidencialidade.

**Recomendações:**

recomendamos aprovação

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Pendências sanadas pelo pesquisador.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Prezado(a) Pesquisador(a),

Este é seu parecer final de aprovação, vinculado ao Comitê de Ética em Pesquisas Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina. É sua responsabilidade apresenta-Lo aos órgãos e/ou instituições pertinentes.

Ressaltamos, para início da pesquisa, as seguintes atribuições do pesquisador, conforme Resolução CNS 466/2012 e 510/2016:

A responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais, cabendo-lhe:

- conduzir o processo de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido;
- apresentar dados solicitados pelo sistema CEP/CONEP a qualquer momento;
- desenvolver o projeto conforme delineado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança ou interrupção;
- elaborar e apresentar os relatórios parciais e final;
- manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa;
- encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores e pessoal técnico integrante do projeto;
- justificar fundamentadamente, perante o sistema CEP/CONEP, interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados.

Continuação do Parecer: 4.224.468

Coordenação CEP/UEL.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1560002.pdf	13/08/2020 12:13:21		Aceito
Outros	questionarios.docx	13/08/2020 12:12:12	DOUGLAS VITTO	Aceito
Outros	acessoainformacoesigilo.doc	13/08/2020 11:52:56	DOUGLAS VITTO	Aceito
Declaração de concordância	documentodeaceiteapesquisa.pdf	13/08/2020 11:50:10	DOUGLAS VITTO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcledouglasvitto.docx	13/08/2020 11:41:23	DOUGLAS VITTO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetcadastradodouglasvitto.docx	15/07/2020 21:19:58	DOUGLAS VITTO	Aceito
Folha de Rosto	folhaderostodouglasvitto.pdf	26/08/2020 11:00:56	DOUGLAS VITTO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

LONDRINA, 19 de Agosto de 2020

---

Assinado por:  
Adriana Lourenço Soares Russo  
(Coordenador(a))